

BRASILIANA

6.ª SERIE DA

BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

SOB A DIRECÇÃO DE FERNANDO DE AZEVEDO

VOLUMES PUBLICADOS:

- 1 — Baptista Pereira: Figuras do Imperio e outros ensaios — 2.ª edição.
- 2 — Paudyal Calogeras: O Marquez de Barbacena — 2.ª edição.
- 3 — A'eldes Gentil: As Idéas de Alberto Torres (synthese com índice remissivo).
- 4 — Oliveira Vianna: Raça e Assimilação — 3.ª edição (augmentada).
- 6 — Augusto de Saint-Hilaire: Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Geraes e a S. Paulo (1822) — Trad. e pref. de Affonso de E. Taunay.
- 6 — Baptista Pereira: Vultos e episodios do Brasil.
- 7 — Baptista Pereira: Directrices de Ruy Barbosa — (segundo textos escolhidos).
- 8 — Oliveira Vianna: Populações Meridionaes do Brasil — 3.ª edição.
- 9 — Nina Rodrigues: Os Africanos no Brasil — (Revisão e prefacio de Homero Pires). Profusamente illustrado — 2.ª edição.
- 10 — Oliveira Vianna: Evolução do Povo Brasileiro — 2.ª edição (illustrada).
- 11 — Luiz da Camara Cascudo: O Conde d'Eu — Vol. illustrado.
- 12 — Wanderley Pinho: Cartas do Imperador Pedro II ao Barão de Cotegipe — Vol. illustrado.
- 13 — Vicente Licínio Cardoso: A' margem da Historia do Brasil.
- 4 — Pedro Calmon: Historia da Civilização Brasileira — 2.ª edição.
- 5 — Paudyal Calogeras: Da Regencia á queda de Razas — 3.º volume (da série "Relações Exteriores do Brasil").
- 6 — Alberto Torres: A Organização Nacional.
- 7 — Alberto Torres: O Problema Nacional Brasileiro.
- 3 — Visconde de Taunay: Pedro II.
- 9 — Affonso de E. Taunay: Visitantes do Brasil Colonial (Sec. XVI-XVIII).
- 20 — Alberto de Faria: Maná (com tres illustrações fóra do texto).
- 11 — Baptista Pereira: Pátria Brasil Maior.
- 22 — E. Roquette-Pinto: Ensaio de Anthropologia Brasileira.
- 23 — Evaristo de Moraes: A escravidão africana no Brasil.
- 24 — Paudyal Calogeras: Problemas de Administração.
- 25 — Matio Marroquim: A lingua do Nordeste.
- 26 — Alberto Ranpel: Ramos e Perspectivas.
- 27 — Alfredo Ellis Junior: Populações Paulistas.
- 23 — General Couto de Magalhães: Viagem ao Araguaia — 3.ª edição.
- 29 — Josué de Castro: O problema da alimentação no Brasil — Prefacio do prof. Pedro Escudero.
- 30 — Cap. Frederica A. Rondon: Pelo Brasil Central — Ed. illustrada.
- 31 — Azevedo Amaral: O Brasil na crise actual.
- 32 — C. de Mello-Leitão: Visitantes da Primeiro Imperia — Ed. illustrada (com 19 figuras).
- 33 — J. de Sampaio Ferraz: Meteorologia Brasileira.
- 34 — Angyone Costa: Introducção á Archeologia Brasileira — Ed. illustrada.
- 35 — A. J. Sampaio: Phytogeographia do Brasil — Ed. illustrada.
- 36 — Alfredo Ellis Junior: O Bandeirismo Paulista e o Itaco do Meridiano — 2.ª edição.
- 37 — J. F. de Almeida Prado: Primeiros Pioneiros do Brasil — (Ed. illustrada).
- 35 — Ruy Barbosa: Mocidade e Exílio (Cartas ineditas. Prefaciadas e annotadas par Americo Jacobina Lacombe) — Ed. illustrada.
- 39 — E. Roquette-Pinto: Rondania — 3.ª edição (augmentada e illustrada).
- 40 — Pedro Calmon: Espirita da Sociedade Colonial — Ed. illustrada (com 13 gravuras).
- 41 — José-Maria Bello: A intelligência do Brasil.

- 42 — Pandiá Calogeras: Formação Histórica do Brasil — 2.^a edição (com 3 mapas fóra do texto).
- 43 — A. Saboia Lima: Alberto Torres e sua obra.
- 44 — Estevão Pinto: Os indígenas do Nordeste (com 16 gravuras e mapas) — 1.^o volume.
- 45 — Basílio de Magalhães: Expansão Geographica do Brasil Colonial.
- 46 — Renato Mendonça: A influencia africana no portuguez do Brasil — Ed. illustrada.
- 47 — Manoel Dornas: O Brasil — Com uma nota explicativa de Carlos Maul.
- 48 — Urbino Vianna: Bandeiras e sertanistas bahianos.
- 49 — Gustavo Barroso: Historia Militar do Brasil — Ed. illustrada (com 50 gravuras e mapas).
- 50 — Mario Travassos: Projecção Continental do Brasil — Prefacio de Pandiá Calogeras — 2.^a edição ampliada.
- 51 — Octavio de Freitas: Doenças africanas no Brasil.
- 52 — General Couto de Magalhães: O selvagem — 3.^a edição completa, com parte original Tupy-guarany.
- 53 — A. J. de Sampaio: Biogeographia dynamica.
- 54 — Antonio Gentiljo de Carvalho — Calogeras.
- 55 — Hildebrando Accioly: O Reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da America.
- 56 — Charles Expilly: Mulheres e Costumes do Brasil — Traducção, prefacio e notas de Gastão Penalva.
- 57 — Flausino Rodrigues Valle: Elementos do Folk-lore musical Brasileiro.
- 58 — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem á Provincia de Santa Catharina (1820) — Traducção de Carlos da Costa Pereira.
- 59 — Alfredo Ellis Junior: Os Primeiros Troncos Paulistas e o Cruzamento Euro-Americano.
- 60 — Emilio Rivasseau: A vida dos Indios Guaycurús — Edição illustrada.
- 61 — Conde d'Eu: Viagem Militar ao Rio Grande do Sul (Prefacio e 19 cartas do Principe d'Orleans, commentadas por Max Fleuss) — Edição illustrada.
- 62 — Agener Augusto de Miranda: O Rio São Francisco — Edição illustrada.
- 63 — Raymundo Moraes: Na Planicie Amazonica — 4.^a edição.
- 64 — Gilberto Freyre: Sobrados e Mucambos — Decadencia patriarchal rural do Brasil — Edição illustrada.
- 65 — João Dornas Filho: Silva Jardim.
- 66 — Primitivo Moacyr: A Instrucção e o Imperio (Subsidios para a historia de educação no Brasil) — 1823-1853 — 1.^o volume.
- 67 — Pandiá Calogeras: Problemas de Governo — 2.^a edição.
- 68 — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem ás Nascentes do Rio São Francisco e pela Provincia de Goyaz — 1.^o tomo — Traducção e notas de Clodo Ribeiro Lessa.
- 69 — Prado Maia: Através da Historia Naval Brasileira.
- 70 — Affonso Arinos de Mello Franco: Concreto de Civilisação Brasileira.
- 71 — F. C. Hochne — Botanica e Agricultura no Brasil no Seculo XVI — (Pesquisas e contribuições).
- 72 — Augusto de Saint-Hilaire — Segunda viagem ao interior do Brasil — "Espírito Santo" — Trad. de Carlos Madeira.
- 73 — Lucia Miguel-Pereira — Machado de Assis — (Estudo Critico-Bibliographico) — Edição illustrada.
- 74 — Pandiá Calogeras — Estudos Historicos e Politicos — (Res Nostra...) — 2.^a edição.
- 75 — Affonso A. de Freitas: Vocabularie Nheengatú (vernaculizado pelo portuguez falado em S. Paulo) — Lingua Tupy-guarany — Com tres illustrações fóra do texto.
- 76 — Gustavo Barroso: Historia secreta do Brasil — 1.^a parte: "Do descobrimento a abdicação de Pedro I" — Edição illustrada.
- 77 — C. de Mello-Leitão: Zoologia do Brasil — Edição illustrada.
- 78 — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem ás nascentes do Rio São Francisco e pela Provincia de Goyaz — 2.^o tomo — Traducção e notas de Clodo Ribeiro Lessa.
- 79 — Craveiro Costa: O Visconde de Sinimbu — Sua Vida e sua actuação na politica nacional — 1840-1889.
- 80 — Oswaldo R. Cabral: Santa Catharina — Edição illustrada.



Á Margem do Amazonas

1970

Série 5.^a

BRASILIANA

Vol. 86

BIBLIOTHECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

AURELIO PINHEIRO

À MARGEM DO AMAZONAS



1937

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO

Nº sist.: 199603
Cód. barras: 82316

LIVROS DO AUTOR:

- O DESTERRO DE HUMBERTO SARAIVA,
romance (premiado pela ACADEMIA BRASI-
LEIRA DE LETRAS) (exgottado).
GLEBA TUMULTUARIA, contos, cenas do Ama-
zonas. (exgottado).
MACAU, romance.

A PUBLICAR:

- PAGINAS DA VIDA.
DIARIO DE UM MEDICO.
OURO DO SUCUNDURY, romance.

50-987

INDICE

	PAG.
O Amazonas	9
O Seringueiro	20
Povoamento do Amazonas	30
O Alto Rio Branco	46
O Caboclo Amazonense	59
A Balata	71
Indios e Missionarios	81
Flora Amazonica	95
Riquezas da Terra	111
Victoria Regia	120
O Rio Negro	125
O Jacaré	134
O Ouro dos Incas	142
A Castanheira	151
Cheia Amazonica	159
Pelas Fronteiras	166
A Borracha	178
O Baixo Rio Branco	187
Manãos	197
Rio Deserto	205
A Pesca	212
Vocabulario	219

O AMAZONAS

“Havia um paiz atravessado por um **Mar Branco**, cujas vagas arrastavam areias de ouro e pedras diamantinas. A capital desse paiz, **Manôa**, (nome semelhante ao da tribo **Manáo** ou **Manôa**, que vivia no sólo onde foi fundada **Manãos**, capital do Estado do Amazonas) era uma grande cidade, com muitos palacios, alguns construidos com pedras marchetadas de prata; outros possuiam telhados de ouro”.

“No sólo viam-se metaes preciosos. **Manôa** continha todas as riquezas da terra; e lá reinava um homem que se chamava **El Dorado**, porque tinha no corpo reflexos de ouro, tal como o céo pontilhado de estrellas”. Sant’Anna Nery — “The Land of the Amazons”.

Tal foi a lenda que Christovão Colombo ouviu de um velho cacique, ao chegar á Ilha de Cuba. Essa terra, porém, cheia de ouro, ficava em outra região que os índios chamavam Haiti. A 19 de Novembro, Colombo parte para essa região levando doze nativos cubanos. Mas Alonso Pinzon ouvira também a historia do cacique, e antecede a Colombo na viagem, com a idéa de carregar a sua náu, a **Pinta**, com esse ouro fabuloso.

“Ao chegar a Haiti, Colombo quer ver o logar das minas, porem os indigenas informam ao navegador que essa terra ficava ao oriente. Colombo arriba, inquieto, desistindo da aventura”. (J. H. Campe — “*Histoire de la decouverte et de la conquête de l’Amerique*”).

Nesse tom de phantasia, de deslumbramento, de miragens allucinantes, se vae desdobrando toda a historia do descobrimento da America, e pouco a pouco a lenda do **El Dorado** cresce desordenadamente na imaginação dos conquistadores.



O primeiro homem que percorreu todo esse **Mar Branco** (á parte a viagem pela sua fóz con-

tada por Vincente Pinzon, em Janeiro de 1500, e a imprecisa digressão de Diogo de Leppe por todo o litoral do Brasil) Francisco de Orellana, Logar-Tenente de Gonçalo Pizarro, depois Válido de Carlos V, afinal Governador Geral dessa região que se chamou Nova Andaluzia, por pertencer ao reino da Espanha — muito soffreu antes de alcançar o Paiz da Canella e o El Dorado, que pretendia desvendar ao mundo.

Dois annos e oito mezes durou a infeliz aventura. E desde o valle de Zamaco, quando se reuniu a Gonçalo Pizarro, até onde o Amazonas se despeja no Atlantico, a sua caravana padeceu, como talvez nenhuma outra na terra, os revezes mais rudes, atormentada pelas molestias, assaltada pelos selvicolas, esfomeada, destroçada, em farrapos, varando florestas e rios.

E só quatro seculos depois, a Historia começou a fazer justiça a esse desgraçado aventureiro, que não foi um trahidor, que sacrificou toda a fortuna nessa jornada celebre, e que veio, afinal, a morrer miseravelmente perdido entre as ilhas do Amazonas.

Sobre esse temerario empreendimento os annos passam silenciosos; e só mais tarde, Lopo

de Aguirre, a mais sinistra revelação da maldade humana, penetrou no **Mar Branco** em busca do paiz dos **Omaguas**, do **El Dorado**, depois de ter deixado nos barrancos do Solimões os cadáveres de Pedro Ursúa e seus companheiros, assassinados por ordem sua na noite tragica de 1.º de Janeiro de 1561.

Perdem-se, desde essa epoca, os traços de novos exploradores do grande rio.

Talvez porque os sacrificios dessas explorações fossem além de toda expectativa; talvez por causa do desencantamento dos primeiros navegadores, que não chegaram a ver a famosa **Manôa** dos palacios de ouro e dos monumentos en crustados de pedras preciosas; talvez porque a Espanha se desinteressasse — apesar do **Tratado de Tordezilhas** — dessa **Nova Andaluzia** absurdamente grandiosa, que devorava tantas vidas — verdade é que não ha noticias de outras expedições durante o dominio espanhol na **Amazonia**.

E ficou ao abandono, por muito tempo, a região feiticeira, notavel até então apenas pelo furor guerreiro das **Icamiabas** que atacaram **Francisco de Orellana** na fóz historica do **Nha-**

mundá, espalhando o terror e creando uma lenda maravilhosa.



Mas, si os aventureiros espanhoses, fracassados em duas tentativas, desistiram de procurar o **El Dorado**, e nunca mais desceram das terras dos Incas ás terras de Manôa, outras gentes vindas da França, da Inglaterra, da Hollanda, se iam installando nas ilhas proximas á embocadura, com o desplante e a audacia de senhores que nada temiam, fazendo de cada residencia uma pequena fortaleza, tal como na era recuada do feudalismo.

Datam dahi, dessa imprudente infiltração estrangeira, as scenas épicas do povoamento do Amazonas.

Os portuguezes, embora ameaçados pelos francezes no Maranhão e pelos flamengos no meio-norte, defenderam corajosamente a nova terra, que a imprecisão e a caducidade do Tratado de Tordezilhas (desapparecido em 1640, quando Portugal se libertou do dominio espanhol) lhes entregavam como a mais assombrosa das dádivas.

E começaram as explorações methodicas, systematicas, praticas, sem a credence nefasta das lendas.

Pedro Teixeira, partindo de Cametá, pequena villa paraense, em 1637, subindo todo o Amazonas, todo o Solimões, todo o Napo, até Quito, commandando uma consideravel flotilha de mais de quarenta grandes canôas e duas mil creaturas entre brancos e indigenas, — observou todo o baixo Amazonas, desde o seu extraordinario archipelago até a confluencia do Negro e Solimões.

Firmava-se em toda a região a conquista portugueza.

Caldeira Castello Branco, Maciel Parente, Aranha de Vasconcellos e muitos outros, foram incansaveis destroçadores dos advenas, e verdadeiramente os primeiros que levaram atravez da planicie, até os altos rios, a idéa da soberania e da pösse.

Depois dessas entradas memoraveis se foram povoando as margens do rio-gigante. E os seus maiores affluentes, como o Xingú, o Tapajós, o Nhamundá, o Madeira, receberam os primeiros habitantes que procuravam a bauni-

lha, o cacáu, a canella, as hervas aromaticas: e caçavam desenfreadamente os indigenas, não para trazel-os á civilização, mas para acorrental-os ás senzalas.

Exgottada, emfim, após dezenas de annos de infatigavel colheita, essa flora riquissima, e diminuida a ansia da caçada ao selvicola, porque este se tornara menos accessivel recuando para as florestas centraes, organisando grandes nucleos de resistencia, cheio de odio ao Cárýua falso e perverso — sobreveio, afinal, um largo periodo de repouso.

Socegaram as desordenadas ambições dos exploradores. Firmaram-se, aqui e alli, desde as varzeas magnificas de Marajó, aonde iam chegando as primeiras manadas de gado de Cabo Verde, ás terras fecundissimas do Madeira, os primitivos centros coloniaes, os incipientes povoados, os rusticos estabelecimentos agrarios, formando lentamente uma nova existencia no desmedido deserto verde.



Seria, porem, enfadonho registrar etapa a etapa todo o processo evolutivo do baixo-Ama-

zonas, isto é, — do trecho onde o Amazonas toma geographicamente o seu verdadeiro nome — até a imponencia e a riqueza de Belem do Pará e o encanto de Manáos.

Entre as duas grandes capitaes, a primeira na linda bahia do Guajará, a segunda á margem do Rio Negro, todo o Amazonas se foi povoando. Curralinho, Monte Alegre, Alemquer, Obidos, Parintins, Itacoatiara, tornaram-se prosperas; appareceram os rebanhos, surdiram as roças, as terras de alluvião demasiadamente ferteis acolheram as sementes do cacáu — que deixava de ser silvestre, — do fumo das frutas.

Nasceram as pequenas industrias; vieram os pomares; ergueram-se os engenhos de assucar e aguardente — e a vida correu sempre quieta e farta nessa abençoada região da Hylea.

O seu progresso tem sido lento, quasi imperceptivel, com estranhas alternativas, porque as grandes cheias do rio têm perturbado de vez em quando o rythmo da sua prosperidade, e tambem porque nesses transes jamais os seus habitantes foram amparados pelos poderes publicos.

Nos tempos agitados da borracha, grande parte da sua população partiu para os seringas; porem, ainda assim, resistiu á catastrophe da desvalorisação.

Os que o deixaram num momento de perturbação, voltaram arrependidos e continuaram nas humildes profissões de vaqueiros, agricultores, pescadores.



O seu destino proseguiu seguro e sereno entre os campos de gado, as roças de mandioca, milho e feijão, nos cacáuas das varzeas e das terras firmes, nos guaranasaes de Maués, nos tabacaes de Santarem e Itacoatiara, nos **portos de lenha**, nos castanhaes do Trombetas e do Madeira, nos grandes centros de pecuaria de Monte Alegre, do Nhamundá, do Autaz, nos copahibaes de toda parte, nos lagos cheios de peixes, nas varzeas cheias de frutas.

Os viajantes que viram o Amazonas de bordo dos transatlanticos ou dos **gaiolas**, nas viagens de Belem a Manáos, voltam desencantados, decepcionados, descontentes, como se tives-

sem cahido numa indigna cilada — porque não ha nada mais insipido, mais desagradavel, mais seccante, do que esses quatro ou cinco dias de aguas e florestas, sem perspectivas, sem horizonte, sem mutações, dando a idéa 'de que se atravessa um corredor asphyxiante, sombrio, interminavel, com a sensação de vesicatorios pelo corpo.

Um velho politico da terra dos Barés dizia que esse era o Amazonas para **uso externo** — um Amazonas inexoravel, que põe logo á prova a paciencia e a boa vontade dos turistas.



O outro, o Amazonas feiticeiro, empolgante, mysterioso, surprehendente, fica por traz dessa infinita muralha verde.

E' o Amazonas ameno e pingue dos campos bucolicos, das roças alegres, dos sitios poeticos, das caboclas bonitas, dos cacáuaes em colheitas, das procissões fluviaes do Divino, do trabalho e das festas. E mais do que tudo isso, o Amazonas dos lagos immensos onde os caboclos nas **montarias** arpõem o pirarucú e o peixe-

boi; o Amazonas dos recantos sombreados onde fluctuam as grandes folhas circulares e fulguram as soberbas Victorias Regias; o Amazonas das praias de tartarugas, cujos cascos se entrecrocavam nas noites de postura; o Amazonas grandioso, claro, scintillante, que desperta nos corações amor e bondade.

Esse é o Amazonas de incomparavel belleza e de perenne abundancia, fascinante e hospitaleiro, como o ultimo logar na terra onde a vida offerece ainda, em proporções paradisiacas, o esplendor dos dias suaves, o imprevisto das paisagens deslumbrantes e a paz religiosa das aguas e das florestas.

O SERINGUEIRO

O seringueiro é um typo intrinsecamente amazonico, um typo que só o Amazonas — com a originalidade do seu *habitat* e dos seus phenomenos sociologicos e telluricos — poderia crear, como o deserto creou o beduino e a Groenlandia o esquimáu.

Só o Amazonas, nenhum mais, teria o privilegio de plasmar essa original personagem onde desabrocham todos os instinctos, onde se entrecruzam a maldade feroz e a commovente bondade, e onde surgem simultaneamente a rudeza dos troglodytas e o equilibrio do civilisado.

Em verdade, o homem é a projecção physica e moral da sua terra e do seu meio. Todas as causas geologicas, politicas, economicas, vão lentamente formando a sua personalidade, e de

tal modo e tão seguramente que se confundirão numa perpetua solidariedade.

A terra é o homem, ou antes, o homem é um reflexo da terra, disse Taine — e tem sido difficil, atravez dos tempos, destruir esse postulado do grande pensador.

O gaúcho desdobra a sua individualidade na vastidão dos pampas, e é livre, arrojado, sobrio, cavalheiresco, porque só assim pode viver no deserto que o circunda, que o enrija, que o encanta sempre durante toda a existencia. O habitante do meio-norte, mais complexo, porque é complexo o meio em que vive, tem a rispidez das *caatingas*, a indolencia das praias, a energia secca do sertão. O mineiro possui a firmeza, a gravidade, a estabilidade, copiadas das montanhas que o cerca. O homem do Amazonas; o homem que a mesopotamia amazonica modelou á sua semelhança — tem um pouco de tudo, porque os campos, as varzeas, os rios, a solidão, adaptaram-n'o a tudo numa gleba tumultuaria.

No valle desconhecido hypertrophiam-se todos os seus attributos; e elle é apenas um elemento representativo da propria terra, de uma terra cheia de imprevistos, que offerêce, com as

primícias da virgindade, o deslumbramento das incognitas, a volupia da riqueza, a embriaguez de todas as esperanças e todo o fragor de uma luta pela vida — luta real, palpavel, evidente, sem metaphoras.

Nos barrancos a prumo, nas varzeas, nas **terras cahidas**, nas ilhas transitorias, na penumbra das florestas que abrigam as ossadas dos primeiros violadores, surgem ininterruptamente novas legiões de desvairados, de caçadores de **hevea**, de sonhadores broncos e violentos.

Nada os faz recuar nesse sombrio delirio.

*

O seringueiro — phenicio moderno de alpercatas e rifle — construiu destruindo. A planicie vibrou sob os golpes do seu terçado; as **Heveas** tremeram ao choque das machadinhas; tudo sentiu a sua impetuosidade e o seu furor e não houve recanto da **Hyléa** que não visse vulto de homem rompendo a mattaria em busca de uma arvore que, apesar de representar um symbolo de martyrio, era uma viva esperança de redempção.

Por isso, com todos esses negros defeitos, o seringueiro foi o protoplasma de um complicado organismo social, que começou na obscu-

ridade das selvas e terminou nos esplendores das duas grandes capitães do extremo norte do paiz.

*

Tem sido o assombro de toda gente que observa o accumululo de energias que se encontram ás vezes — na consideravel maioria das vezes — dentro de um arcabouço quasi deteriorado, esguio, morbido, frisando o antagonismo flagrante de uma sub-raça heterogenea gerando heroes a granel.

E' o resultado de uma pugna inédita.

Veio da terra árida do nordeste para a terra lacustre da amazonia, como uma jurema agreste dos taboleiros que se replantasse na humidade do alagadiço, e jamais perdesse no novo sólo as faculdades de resistencia que vão até o extremo castigo da canicula sertaneja.

Adaptou-se, identificou-se, venceu.

Supportou todos os desastres e zombou rissonhamente da morte. Tornou-se fatalista, primeiramente por desespero; depois por necessidade; e mais tarde por um sereno desprezo de tudo. A natureza hostile e bruta foi ao mesmo

tempo sua escola, sua tenda, seu hospital, sua praça de guerra, e sua impiedosa, tremenda aprendizagem de heroísmo.

Habitou-se, nos recessos das mattas escuras, onde viveu duramente, a surpresas terríveis. Viu a meiguice do jacamin (*psophia*); contemplou a doçura dos olhos da anta (*tapiurus americanus*); teve fremitos de horror ante a monstruosidade da sucurijú (*boa constrictor*); atravessou igapós e lagos coalhados de jacarés (*caiman niger*); observou a força traiçoeira do puraquê (*gymotus electricus*); fugiu afflicto dos repiquêtes diluviaes; viu a terra desaparecer subitamente devorada pelas aguas num estrondo de terremoto.

Conheceu todos os perigos, todas as misérias, todos os sacrificios de uma industria que exige do homem mais do que a propria vida — porque exige a absoluta Renuncia.

As febres palustres assaltaram-n'o sempre num obstinado proposito de aniquillamento; e por fim o estigmatizaram com a opacidade terrôsa de uma perenne anemia e de uma hepatite incuravel.

Comtudo! Dominou todos os males e transpuz todos os riscos; e examina-se embevecido, admirado de si proprio e mais admirado ainda de ter vivido rente á morte, illudindo-a, enfrentando-a, subjugando-a, — sósinho, na sua misera barraca de **pashiuba**, numa clareira longinqua, rodeado, quasi asphyxiado pela selva monstruosa. Os estragos da molestia prejudicaram-lhe apenas a vaidade, a sua ingenua vaidade que se reduz á exquisita elegancia do guarda-chuva e á corrente de ouro do relógio.

Mas venceu tudo: as feras, os obstaculos, as doenças, a propria ganancia infernal dos patrões que o roubavam sem piedade.

Talvez por uma Providencia especial para os seringueiros — como pensam os crentes; talvez pelo raciocinio, pela força, pela astucia, — conseguiu realisar um prodigio: Viver! Viver rodeado, espreitado, seguido pela morte que lhe preparava dia e noite emboscadas atrozes.

Mas viveu! Só, abandonado, dentro da floresta, contou somente com o esforço proprio; e desfemido, pertinaz, incansavel, percorreu quotidianamente a sua **estrada**, de rifle a tiracolo, assobiando, olhando a mattaria perfida, apru-

mado nos troncos que lhe serviam de ponte nos igarapés, saltando nas grotas, roçando por espinhaes, chapinhando na lama, esmagando aqui e alli alguma cabeça de reptil ou detonando o rifle sobre algum dorso de fera.

Lutou bravamente contra elementos formidaveis, e ficou-lhe impresso no rosto amarellado pelas sezões um sorriso quieto, malicioso, como o resumo de uma pobre ironia de analphabeta atirada á bravura facil da gente da cidade.

Para um homem desses, um homem que venceu a Amazonia, não ha mais surpresas nem emoções na vida. E certamente se lhe contassem as dolorosas aventuras de Robinson Cruzoé, do seu naufragio, da sua ilha e do seu papagaio, elle teria apenas uma doce inveja desse moço interessante e da ilha pittoresca onde não havia impaludismo, nem sucurijús, nem carapanãs, nem borracha.

A sua historia não seria jamais contada para impressionar cerebros infantis, porque as crianças não a comprehenderiam e bem poucos homens poderiam sentir, medir, perceber toda a extensão da sua tragedia.

Tal é o seringueiro dos altos rios do valle: simples, forte, calmo, ignorante.

Accusam-n'ò da sua brutalidade, dos instinctos primitivos, do impeto cruel com que varrou a região, acoessando indios e mamelucos, como uma horda feroz que os gaiolas despejavam á beira dos rios.

Accusam-n'ò!

Mas os accusadores nunca se lembraram de que foram os proprios Governos os culpados unicos desses lances sensacionaes do hinterland amazonico.

O seringueiro sempre foi visto pelos poderes publicos com absoluta negligencia. Não encontrou leis que o contivesse nos desmandos; não encontrou na terra que ia explorar a idéa mesmo vaga das medidas vulgares sobre immigração. Todo o alto Amazonas, despovoado e selvagem, apresentava-se aos seus olhos como uma terra abandonada, repudiada, temerosa, que os caúcheiros bolivianos e peruanos atravessavam livremente, destruindo, matando, assolando, como senhores de um deserto ignoto.

Foi assim que essa gente do nordeste encontrou os altos rios: sem donos, sem habitan-

tes, sem nada. Rudes, analphabetos, lutadores por indole sahidos dos sertões escaldantes do Ceará, de Pernambuco, da Parahyba, do Rio Grande do Norte, onde eram vaqueiros e agricultores, vivendo penosamente nos taboleiros, nos serrotes, nas caatingas, nas capoeiras, nessa aspera *silva hórrida* de Martius, foram lançados como párias negregados na *selva selvaggia* que os devoraria atrocemente.

Foi esse barbaro povo, expatriado violentamente após os maiores soffrimentos physicos e moraes, rompendo o sertão esbraseado em levas esqueleticas de *retirantes*, que se infiltrou pela Amazonia que atravessou toda a planicie, que galgou todos os rios, depois de atirado pelos barrancos, sem recursos, sem saude, sem protecção, como se todos os elementos sociaes se conjugassem para exterminal-o, atemorizados com a sua assombrosa vitalidade.

Mas o nordestino resistiu a todas as vicissitudes.

Resistiu ao clima profundamente antagonico áquelle de onde viera; resistiu ao desprezo dos governos; resistiu á fome, á miseria, ás molestias, a tudo.

O seu heroísmo obscuro pode ser facilmente (e também horrendamente!) verificado em simples quadro estatístico, impressionante na sua própria simplicidade.

As selvas amazonicas devoraram mais de quinhentas mil criaturas emigradas do nordeste brasileiro! Meio milhão de vidas! Mais do que a população normal do Estado.

E' de uma eloquencia cruel.

Esse tetrico ossario foi o alicerce da desgraçada industria da borracha.

Foi o seringueiro, apenas o seringueiro, bronco, destemido, obstinado, — o grande factor dessa industria, realizando inconscientemente, com as suas qualidades biologicas e moraes, tão rudimentares, o prodigio da annexação do territorio do Acre á nossa terra, e contribuindo realmente e definitivamente para a Vida, a Grandeza, a Força, dessa maravilhosa Amazonia.

POVOAMENTO DO AMAZONAS

Mais de uma vez o problema da imigração na bacia amazonica tem preocupado governos, estadistas, economistas, pensadores brasileiros.

É um caso simples, concreto, insophismavel, e que apesar de todos esses attributos, permanece insolúvel.

O Amazonas, conforme o trabalho publicado em 1923 pela Directoria Geral de Estatistica, tem uma superficie (depois da amputação do territorio do Acre) de 1.825997 kilometros quadrados, e as suas propriedades ruraes abrangem uma area de 75.000, apenas — isto é, somente a vigesima quarta parte das suas terras é aproveitada na industria, na agricultura, na pecuaria.

A população pode ser avaliada em 450.000 creaturas, contando nesse numero talvez pouco

mais de 15.000 indígenas — o que vem demonstrar que para cada habitante ha uma area de 4 kilometros!

Não nos adiantemos mais em outras considerações. Esses numeros bastam para estarrecer qualquer pessoa que porventura pense por um momento nas consequencias da superpopulação, da chômage, da luta de classe, da saturação, de todo esse tenebroso recalcamto de odios que attinge o mundo inteiro.

O Amazonas é, pois, um antagonismo impressionante.

O seu mal, o seu retardamento, o seu atrazo, são justamente o inverso do phenomeno sociologico que se observa por toda parte.

Precisa do que sobra nessas terras sacudidas pelas convulsões reaccionarias. Precisa dessa enorme massa humana comprimida nos grandes centros de actividade industrial, brandando pelo mais sagrado dos direitos de um homem: o direito de trabalhar! Precisa desse turbilhão de operarios, ululante, faminto, inquieto, revoltado contra o capitalismo, contra a religião, contra as leis, contra a burguezia,

explodindo de vez em quando em gréves e tumultos.

★

Ha allí para cada habitante quatro kilometros quadrados. Si essa população fosse centuplicada, ainda seria um deserto.

Eis, pois, o grande, o maior problema do Amazonas: o seu povoamento.

Mais de uma vez tem sido abordado pelos seus dirigentes, e nesses ultimos tempos appareceram varias tentativas, entre as quaes uma fabulosa concessão de terras a norte-americanos que em grande numero se fixariam na região do Rio Branco para exploração da pecuaria.

Mas a desmedida concessão apresentava o aspecto escabroso de mais uma negociata do governo infernalmente deslionesto dessa epoca.

À revolta do povo contra a venda disfarçada de um dos trechos mais ricos do Estado, veio juntar-se a evidente opposição do Presidente da Republica, e o Amazonas livrou-se desse golpe dos negociastas.

Mais tarde, já em 1934, correu por toda a planície uma noticia estranha: Um general

allemão pretendia localisar na zona limitrophe do Perú, da Bolivia e do Amazonas, um milhão de patricios.

Era uma idéa grandiosa. Esse milhão de homens seria como uma maravilhosa colmeia agricola espalhando os esplendores da civilisação pelas selvas bravias do valle. Trariam todos os elementos para a fundação de nucleos coloniaes modernissimos, taes como os idealizados e executados por Elioth Root na America do Norte. Construiriam fabricas, usinas, hospitaes, escolas, institutos technicos. Aproveitariam o potencial hydraulico para todos os misteres. Ergueriam cidades como as da Europa, higienicas, perfeitas.

Mas, parece que tudo isso não sahiu da imaginação do general. Todo o seu plano monumental parou precisamente no alicerce, no capital, no lastro financeiro com que edificaria esse mundo novo, soberbo, sensacional.

Emfim, a outra tentativa é mais recente.

O governo do Amazonas pretendia ceder um milhão de hectares de boas terras a colonos japonezes. Essa nova concessão envolvia garantias exaggeradas aos nipões, e apesar da

lisura dos seus termos, da conhecida honestidade do governo, da aprovação do Congresso do Estado, da acquiescencia mais ou menos accentuada do povo — a verdade é que esse acto governamental (disseram) cedo ou tarde repercutiria de maneira desagradavel sobre a nossa soberania.

Foi esta, pelo menos, a razão essencial, o motivo transparente, que levou a Camara Federal a impugnar o acto administrativo do poder amazonense.

★

Falhou, pois, mais essa tentativa de povoamento do Estado, com elementos estrangeiros, sangue novo, novas raças, mentalidade differente.

E certamente, por muito tempo ainda, o Amazonas só poderá contar com a contribuição do typo nordestino, escorraçado pelas seccas, faminto, alquebrado, desprotegido, explorado vilmente pelos donos de seringaes, numa reedição um pouco melhorada da historia da escravatura.

Só esse infeliz nordestino, desamparado pelo governo, com o organismo fragil, sem ne-

nhuma resistencia para os males que o esperam: o impaludismo, o beriberi, a leishmaniose, outras molestias tropicaes, povoará o valle.

Numericamente, racialmente, mentalmente, é uma contribuição de valor insignificante, apesar dos immensos beneficios que trouxe ao Amazonas no tempo em que a borracha era o **ouro negro**.

Nunca houve no Amazonas, na constituição dos nucleos colonisadores, esse principio de ontogenese sociologica que G. de Greef entende que deveria prevalecer para mais facil desenvolvimento e maior garantia de fixação dos elementos desses nucleos.

O governo dos Estados Unidos o pôz em pratica em varias regiões, onde existem cidades apenas delineadas, com hotéis, correios, hospitaes, igrejas, etc., e um pequeno numero de casas habitaveis, á espera do immigrante, que só tem a desdobrar a sua actividade, cercado previamente de um conforto que lhe garante o exito.

Por enquanto, infelizmente, observamos na Amazonia o phenomeno de aberração de economia politica, pelo qual o immigrante vae proté-

gendo o governo, desde a sua primitiva instalação no sólo desconhecido e hostil.



Continúa, assim, sem solução, o maior problema amazonico.

Ora pela displicencia dos governantes, ora por um chauvinismo retrogrado, ora por temores inexplicaveis de absorpção estrangeira, ora pela previsão de problematicas e graves complicações internacionaes — não houve até agora um sério impulso, um acto, uma formula, capazes de resolver essa importante questão economica.

O receio da absorpção e do dominio é quasi pueril. A previsão dos attrictos internacionaes é futil. A preocupação da raça a importar não resiste a uma analyse séria.

Bastariam, entre dezenas, dois exemplos: a America do Norte, ha quasi um seculo, recebe o chinez, o japonez, o irlandez, em proporções espantosas. São milhares e milhares de individuos dessas raças disseminados por todo o territorio, formando nucleos maiores do que varias

capitães brasileiras. E a ellas, a essas raças trabalhadoras, deve os Estados Unidos mais de cincoenta por cento da sua prosperidade.

Foram quasi cem annos de experiencia. A nação americana aproveitou admiravelmente essa energia humana que se espalhou pelo seu sólo. Nem a sua raça soffreu as influencias dessa immigração, nem a sua soberania se viu jamais prejudicada.

E ahí está: quando entendeu, quando quiz, quando julgou conveniente para as suas normas politicas internas e externas — subitamente pôz termo á corrente migratoria.

O outro exemplo existe mesmo dentro do Brasil.

São Paulo recebe ha dezenas de annos a gente italiana. Ha bairros quasi totalmente italianos na terra paulista; ha poderosos industriaes, fazendeiros, agricultores italianos; propriedades ruraes, enormes, onde a quasi totalidade de braços é italiana; onde existem escolas, institutos, clubs, jornaes italianos.

Entretanto, essa grande massa humana perde-se, dilue-se no Estado; e, facto notavel — apesar do prestigio financeiro, da densidade, do

proprio cruzamento com a nossa raça, jamais o Estado de São Paulo permittiu que essa influencia estrangeira attingisse ao nivel da sua vida politica e administrativa; nunca se viu envolvido em graves incidentes diplomaticos; nunca a sua autonomia teve lesões que o diminuíssem.

Deve a essa immigração grande parte da sua prosperidade, porem a sua gente não perdeu por isso as características essenciaes: a coragem que se vem perpetuando atravez de gerações, a audacia dos empreendimentos, a resistencia nas crises, o animo no trabalho, o desejo permanente de se engrandecer cada vez mais como um grande exemplo de força, de perseverança, de inatacavel dignidade.

Paraná, Santa Catharina, Rio Grande do Sul, embora com uma densidade de immigração muito abaixo da verificada na terra paulista, são, todavia, confirmações da mesma regra.

★

O centro e o norte do paiz não tiveram, por infelicidade, ou por incapacidade de dirigentes, a mesma fortuna.

Attribuiram o facto a condições climatericas, apesar de ha mais de meio seculo estar definitivamente demonstrado, por ethnologos notaveis, que as raças da Europa meridional resistem magnificamente aos climas tropicaes.

Mas, alem dessas demonstrações de scien-tistas, temos provas melhores em factos internos, visiveis, flagrantes.

O Maranhão, o Pará, o Amazonas, receberam desde os tempo coloniaes e recebem ainda, contingentes regulares de inmigrantes espanhoes, portuguezes, italianos.

Esses europeus fixaram-se nos trez Estados, adaptaram-se aos regimens alimentares, ao clima, ás normas de trabalho, a uma vida nôva em um meio radicalmente diverso daquelle de onde vieram. E é commum ver-se em qualquer desses trez Estados, quer nas capitaes, quer no interior, em multiplas profissões, desde o commerciante ao operario, esse typo europeu, sempre activo, sempre forte, atravessando indemne todas as intemperies.

Quanto ao clima do Amazonas, propriamente, é fartíssima a argumentação em sua defeza.

O seu território é um pentagono de angulos irregulares contendo um valle immenso limitado pelas terras elevadas que se encontram no alto Solimões, nos manadeiros dos rios Negro, Branco, Urubú e Uatuman, e, nos limites com o Pará, pela margem occidental do Nhamundá.

Na verdade, é quente o seu clima, em ambas as estações, verão e inverno, as unicas que possui, apesar da velha phrase de um observador desconhecido: "No Amazonas existem duas estações; numa chove bastante, na outra não deixa de chover".

Mas, nas duas não se verificam sensiveis alterações de temperatura. E na opinião de Emmanuel Líais, citado por Sant'Anna Nery, na "zona americana (contrastando com a zona da Africa) coberta de vegetação, onde, por esse motivo, a evaporação é abundante, os vapores extinguem o excesso de calor sob a forma de calorico latente".

Agassiz, fazendo a apologia do clima amazonico, tem essa expressão que vale, pela sua

penna de sabio, uma affirmativa absolutamente respeitavel: "uma temperatura muito mais moderada do que se suppõe".

Wallace declara, de um modo que bastaria para destruir todas as injurias atiradas ao clima da planicie:

"O clima é delicioso. O thermometro não sobe alem de 87.º Fahrenheit (30.º C.) depois de doze horas meridianas; e desce a 74.º Fahrenheit (26.º C.) durante a noite. As manhãs e as noites são frescas, e em geral, cae uma chuva seguida de um vento suave, depois do meio dia, refrescando e purificando o ar".

E nesse tom, meio scientifico e meio literario, o illustre Wallace vae tecendo um hymno de louvor ao clima amazonico, enaltecendo sempre a doçura das noites, como jamais encontrara nas terras por elle percorridas.

Henri Coudreau, o grande explorador francez que andou em varias regiões da Amazonia, e que teve a proseguir na sua inmensa tarefa a propria esposa — affirma que "todos os colonos brancos localisados na Guyana Franceza, succumbiram em pouco tempo, ao passo que os

que se infiltraram pela Amazonia se adaptaram propagando a raça”.

O hydrographo Maury, depois de estudos comparativos entre o littoral africano e o brasileiro, conclue sustentando que “no valle amazonico ha sempre uma temperatura agradavel, muito embora as chuvas constantes”; e após outras comparações com o clima da India, sob a mesma latitude, termina dizendo que “o clima do Amazonas é um dos mais saudaveis e deliciosos do mundo”.

Bates, o conhecido naturalista inglez que explorou o Amazonas, o Solimões, o Japurá, o Jutahy e o Teffé, tem arroubos poeticos para o clima da planicie, expressando a sua opinião num só vocabulo: “glorious”, e observando que inglezes residindo a 20 e 30 annos nessa terra “se dão tão bem como na terra natal”.

Agnello Bittencourt, na “Chorographia do Amazonas” explica o facto da amenidade do clima numa observação simples, segura, irrefutavel:

“A situação do Amazonas, comprehendido na zona equatorial, parece indicar um clima as-saz rigoroso. Um exame mais detalhado mos-

tra, porem, que assim não é, attendendo a varias circumstancias, que vêm evitar ou attenuar esse supposto rigor.

“Todos sabem que o Equador thermico, na sua inclinação para o hemispherio do sul, não coincide com o Equador geographico. No primeiro, a temperatura é mais elevada, emquanto no segundo se torna mais branda, consequencia da maior obliquidade dos raios solares, exactamente na epoca dos estios.

“Os limites da zona isothermica não comprehendem o Amazonas, pois passam mais ao norte, atravessando o isthmo do Panamá e seguindo as costas da Colombia para se dirigir á Africa, que corta transversalmente”.

Tudo quanto se tem dito sobre climatologia amazonica vale realmente muito menos do que essa magnifica observação do Professor Agnello Bittencourt.



Propositadamente deixei para o termo dessas considerações os conceitos magistraes de Euclides da Cunha, que interpretando de maneira diversa o que se tem dito sobre o assumpto,

attribue ao clima do Amazonas uma funcção seleccionadora.

O Amazonas devora o fraco; exalta o forte. É um cadinho purificador, uma prova de resistencia, uma forja que destroe valores falsos e retempera os verdadeiros.

O clima é bom; o homem, isto é, o nordestino avariado pelas seccas, bronco, maltrapilho, explorado, desprotegido, é que não possui a energia precisa para resistir ás intemperies.

“Elegeu e elege para a vida os mais dignos. Eliminou e elimina os incapazes, pela fuga ou pela morte.”

“E é por certo um clima admiravel o que prepara as paragens novas para os fortes, para os perseverantes e para os bons”.

Tal é a opinião de Euclides da Cunha.



Desabam, por consequência, perante factos dessa natureza, os velhos preconceitos de clima, como desabaram tambem os archaismos da impregnação forte de outro sangue no sangue da gente receptora de novos elementos raciaes;

das complicações diplomaticas; da futura predominancia estrangeira.

É esse, pois, o caso amazonense.

Nenhum Estado brasileiro precisa mais do que o Amazonas desse factor de progresso.

O “futuro celleiro do mundo” na phrase de apotheose de Alexandre de Humboldt, é por enquanto uma formosa miragem que ameaça se eternisar; um exemplo tristissimo da nossa clamorosa imprevidencia; e, peor do que tudo isso — um perigo para a nossa soberania, para a nossa integridade, para a vida do paiz, porque cedo ou tarde, a cobiça das nações fortes estenderá os garrões para essa região abandonada, isolada, indefesa, encravada entre as fronteiras de cinco paizes.

Talvez fosse justo o acto do Congresso Nacional restringindo os favores da concessão aos japonezes. Mas, o que não é logico, não é racional, não é patriotico, é esse quasi pieguismo, esse imperdoavel chauvinismo, essa visão retardataria sobre colonisação.

O ALTO RIO BRANCO

Terra prodigiosa, desdobrando-se nos recortes das serranias e na verde vastidão das planícies; brilhando ao claro verão do Equador e ostentando na *chlorophylla* das gramineas um estranho capricho de humus — tal é a região do Rio Branco no septentrião brasileiro.

A paisagem suggestiva dos campos geraes, dos lavrados immensos, dos retiros uberrimos, das ilhas singulares que são esparsos arvoredos perdidos nas campinas, dos carrascos agrestes — jamais desaparece da retina que a fixou deslumbrada e inquieta.

Na desmedida esplanada apenas de longe em longe palmeiras em filas, como sentinelhas dispersas, quebram a uniformidade da perspectiva, assignalando pequeninos cursos dagua, finos e lentos, faiscando, fulgindo e reappare-

cendo alegremente no infinito manto de esmeralda.

Nesse vasto deserto verde as estradas são quasi imperceptiveis, semelhando estreitas faixas de cobre, tortuosas e incertas, bifurcando-se, cruzando-se no descampado.

Vaqueiros e viajantes em marcha não seguem por esses faceis caminhos. Tomam apenas os rumos — rumos de serras distantes, pardas, cinzentas, azues, espontadas como pyramides, ora rombas e núas expondo a curva de granito, ora alçando o dorso para o espaço em brutaes caprichos de formas, ora refrangendo a luz solar nas arestas dos cristaes de rocha.

Naquella amplidão desconforme ellas são o ponto de reparo, a mira, atalaias formidaveis guiando seguras o caminhante.

A serra Pelada, a do Veado, do Murupú, da Taiana, da Lua, tantas outras, cravadas de espaço a espaço, balisam a vastidão, e na epoca da estiagem, quando as **queimadas** crepitam furiosas, exhibem nos cumes, nas noites claras, impressionantes grinaldas de fogo. E dentre todas sobresaê, como soberba dadiva da Natu-

reza, a majestosa serra do Cristal, resplandecendo como se fôra encrustada de diamantes.

O lavrado é sempre monotono, sempre invariavel, alagado e frio no inverno, traspassado no verão pelo rude vento do norte, livre e largo, por vezes redemoinhando desesperado e erguendo nos ares trombas convulsionadas de poeira e de folhas.

Nada rompe essa monotonia de ermo; e os rijos ninhos de termites ou os grandes tamanduás-bandeiras, que agitam as caudas em penachos, são repouso e alegria para os olhos dos viajantes.

Aqui e alem, ao pé de algum serrote, á margem de um rio, ou de um igarapé, ou no fundo coração da planicie, apparecem Fazendas — casas simples, primitivas, grosseiras, com alpendres em volta, curraes toscos nas proximidades, miseros chiqueiros de porcos, ás vezes um telheiro como estribaria, ou algum barracão sem paredes para acostados e hospedes.

São, quasi todas, antiquadas, rusticas, pobres, sem conforto, sem hygiene, apresentando raramente algum pomar insignificante, ou pe-

quena lavoura, ou horta minúscula, para alternar a permanente alimentação de carne de gado.

E por toda parte, nas casas das Fazendas e nos campos, alastra-se o eterno silencio, vasto, sereno, inmutavel, quebrado ás vezes pelo mugir dos bois na tristeza das tardes e na tristeza maior das noites limpidas — noites que, parece, foram creadas para phantasmas, para corridas loucas de caapóras, para vinganças de mapinguarys perversos, para gritos presagos de corujões, para cantos arripiantes de matytaperês, para todas as assombrações do valle amazonico.



Quasi ignorada, quasi esquecida, raramente apontada entre os multiplos factores economicos da malsinada amazonia — a surprehendente região do Rio Branco permanece ainda, no extremo norte do paiz, como um dos seus mais legitimos thesouros, esperando aventureiros que o revelem, braços de homens que lhe revolvam o sólo, olhos humanos que sintam a fascinação da sua opulencia.

A inxcedivel fartura dos seus prados, a humildade e a doçura dos indigenas que o po-

voam, a sua grave disposição topographica morrendo nos contra-fortes do systema orographico Parimo-Goyano e marcando limites á nacionalidade, fizeram convergir, nos tempos da colonia e do imperio, para a sua gleba de valles e montanhas os cuidados dos antigos politicos.

Lobo de Almada, terceiro governador da Capitania do Rio Negro, geographo illustre, autor da "**Planeogeographia do Rio Branco, seus afluentes e cabeceiras do Rupunini**", ao iniciar o governo, que o celebrizou como um dos homens mais intelligentes e mais puros, em 1788, volveu para essas terras que já percorrera como scientista em 1787, a sua aguçada visão politica.

Tivera o assombro da immensa riqueza dos campos geraes onde se estendia a ondulada alcatifa das gramineas e das cyperaceas; onde os igarapés crivados de burytisaes e caranasaes drenavam chapadas e planicies, e onde as ilhas formavam nos descampados refugios suaves para manadas e vaqueiros.

Viu, observou a terra formosa e pródida — e presto fundou ás margens dos rios as Fazendas de São José, São Bento e São Marcos; im-

portou o gado, construiu casas e curraes, deixou tudo sob a protecção do Forte de São Joaquim.

Esses pequenos nucleos de pecuaria rapidamente prosperaram. De longe em longe, nos campos centraes e á beira de rios e igarapés surgiam os primeiros criadores: mamelucos filhos da região, emigrados e degredados portuguezes, selvícolas doces das tribus dos Macuxys e Uapixanas que se espalhavam por todo o Rio Branco até os contrafortes da Parimo-Goyano, onde começava o dominio da grande tribu dos Yaricunas, até a fronteira da Venezuela.

A terra magnificante, nova ainda, guardando na vastidão dos lavrados toda a seiva e todo o encanto, multiplicava rapidamente essas primeiras manadas, e dentro em pouco, nas immensas pastagens do Uraricoera, do Tacutú, do Mahú, do Amajary, do Cauamé, de outros grandes cursos dagua; pelos valles e altiplanos do Murupú, da Taiana, da Serra da Lua, appareciam palhoças e malocas e curraes alegrando a solidão, e construindo lentamente no extremo norte da terra brasileira, talvez a mais firme e a mais poderosa das nossas reservas para os dias incertos da guerra ou da penuria.

Os povos limitrophes por duas vezes tentaram invadir, pelo norte e pelo nordeste, as terras do Rio Branco: os Espanhoes em 1775, em busca do Lago Parimé, estimulados pelo padre Gomilla, Superior dos Jesuitas do Orenoco — extraordinaria figura de peregrino, farejando riquezas, traçando mappas, improvisando roteiros, catechizando selvagens, varando a selva bravia, indifferente aos soffrimentos, exercendo a sua dupla missão de missionario e garimpeiro.

Os portuguezes derrotaram os invasores espanhoes nas immediações do Forte de Santa Rosa, em duro recontro.

Mais tarde, em 1839, quando o Amazonas ainda era uma simples comarca da Provincia do Pará, o Rio Branco era novamente assaltado pela gente guyanense vinda de Demerara. O governo tratou logo de expulsal-a, confiando a empreza perigosa a um frade carmelita — Frei José dos Innocentes, exquisito perfil de sacerdote, guerrilheiro e politico.

Essas violentas invasões na faixa fronteira cessaram logo após a construcção do Forte de São Joaquim, abandonado desde o governo republicano.

A Inglaterra notou esse desastrado abandono, percebeu o nosso claro desdém por aquellas terras magnificas, exigiu sagazmente uma rectificação de limites; e por fim, a infeliz arbitragem do Rei da Italia (apesar das severas e brilhantes reclamações de Joaquim Nabuco) arrebatou ao Brasil vinte mil kilometros quadrados, todas as minas do **Pirára** e a grandiosa serra do **Quano-Quano**, onde existem as mattas riquissimas de **muirapinima**.

Desde então o Rio Branco vem atravessando o seu destino de repudiado.

As grandes Fazendas fundadas por Lobo de Almada desapareceram inexplicavelmente, restando apenas a de São Marcos, melancolica, burocratisada, inutil, com as pastagens escassas e o gado rachitico a morrer de velhice. Os seus successivos administradores nada puderam fazer porque um acervo de leis absurdas, de formalidades administrativas, não permittem uma só resolução que possa trazer beneficios á prosperidade. É uma repartição publica, imprestavel e ridicula, funcionando no descampado entre casebres ordinarios e o capinzal enfezado.

Assim vive o Rio Branco. Os seus campos incomparaveis, as suas terras de cultura, os seus trezentos mil bovinos, as suas minas do Carangueijo, do Uaylã, do Iramutã, do Cotingo, do Quinô, do Rucá, do alto Mahú, de onde os antigos faiscadores retiraram punhados de diamantes e arrobas de ouro purissimo — são insuperaveis fortunas ao abandono, e sobretudo, são riquezas formidaveis tentando a cobiça de venezuelanos e guyanenses inglezes, entre fronteiras mal definidas, sem defezas, expostas ás invasões.



O indigena ainda é, nessa feiticeira região amazonica, um verídico factor da sua vitalidade.

Ainda por toda a planicie se encontram, não obstante o desamor e a maldade do civilisado (o máu *Caryua*) esses transviados *Uapixanas*, *Macuxys*, *Pauxianas*, *Yaricunas*, *Maiongons*, trabalhando nas Fazendas, nas pequenas industrias, nos serviços domesticos, ou na promiscuidade das Malócas, numerosos, silenciosos, obedientes aos *Tucháuas* e aos *Pagés*.

De qualquer modo, o índio é sempre taciturno, precavido, desconfiado, guardando na alma uma secreta repulsa pela gente que se apoderou das suas terras, em chacinas inesquecíveis, matando-os ou escravizando-os.

O contacto com o civilizado, que o expulsou e o dominou pela violencia e pelas armas de guerra, tornou-o reservado e sombrio, porque esses vandalismos dos tempos antigos lhes são transmittidos de geração em geração pelas bocas dos chefes das tribus.

O receio da escravidão, do trabalho regular, do methodo, levou-o ao continuo desejo da fuga. Por isso teme o contacto com o branco, e prefere seguir o *Tuchaúa* e servil-o sem recompensas.

Mas nas proprias Malocas visinhas das Fazendas e dos logarejos, elle mantem ainda essa persistente attitude de suspeita; e é triste, contrafeito, apprehensivo, mesmo quando o *Caxiry* ou a *Caçuma* corre de bocca em bocca nos dias de festa.

Sempre máu cavalleiro, o seduz a vida campestre, não sabe manejar o laço, não *piala*, tem

horror ás ferras, ás campeadas, aos rodeios, que são as grandes alegrias dos vaqueiros.

O indio mata um animal qualquer para comel-o, porem não pode conceber jamais a idéa de maltratal-o, de martyrisal-o. Para elle não é crime matar, mas é um crime monstruoso fazer soffrer. Não comprehende, por isso, o systema de educação do civilisado, o modo de corrigir os filhos castigando-os; e pensa que somos uns barbaros!

Na malóca, sempre construida ao pé das serras, nas proximidades das ilhas ou á margem dos rios, não ha curraes, nem se vê ponta de gado. Limita-se ás plantações de fumo, ás roças que lhe fornece o milho, o feijão, a mandioca para a **farinha d'agua**; á criação dos **chirimbabos** que são como um prolongamento da familia.

O rio, entretanto, apaixonou-o fortemente; e ora nas aguas mansas, ora na violencia das **corredeiras**, a sua ubá pequenina, feita de um tronco de arvore, deslisa em manobras empolgantes.

O Cujubim, o Germano, o Cotovello, a Pancada Grande, todos esses temerosos trajectos encachoeirados, elle os conhece e os affronta

com arrogante destemor. Andam alli, nessas paragens perigosas, um lugubre sôpro de morte, uma attracção funesta de abysmo, vertigens de sorvedouros que surgem e se escancaram em **funis** devoradores. Uma inquietação indefinivel apodera-se do viajante, que mal pode conter o pavor de ser arrastado e triturado no turbilhão fremente das aguas.

É nesses momentos que o indio, em geral da numerosa tribu dos Macuxys, assume as proporções de divindade protectora. Sereno, silencioso, impassivel, á prôa da embarcação, observa a desesperada correnteza, prevê o espoucar dos rêbojos, adivinha o momento em que se escancaram os **funis**, perfura com o olhar astuto a agua que rugé, presente a pedra submersa que arrombaria a canôa.

E dirige as manobras, mudo, attento, firme, insensivel á angustia dos que o contemplam.

É assim o selvicola que se approxima do civilisado: humilde, bom, submisso, soffrendo o desamparo das leis e a impiedade dos homens.

Os outros, os que se deixaram ficar nas fronteiras, na terra accidentada dos contrafortes, vivem alegres, nús, altivos, irreductiveis.

São da tribo valente dos Maiongongs ou da grande nação dos Yaricunas que se estende até as raizes da Roraima.

Embora sem idéa de patria defendem bravamente essa região, essa reserva aurifera do Brasil, abandonada desde os tempos do primeiro imperio.

Elles somente, defendem essa terra magnifica, repellindo de vez em quando garimpeiros e bandidos da Guyana Ingleza e da Venezuela — porque as hervas já cobriram as ruinas do historico Forte de São Joaquim, á fóz do Tacutú.

E foi talvez ao ver tudo isso que o millionario americano Hamilton Rice, o ultimo explorador da fabulosa região, disse que o Rio Branco **“bastaria para salvar da ruina qualquer paiz do mundo!**

O CABOCLO AMAZONENSE

Nos tempos da colonisação o Amazonas foi talvez, em todo o Brasil, a única região onde os governos prestigiarão decididamente a raça autochtone.

Com a idéa da pacificação rápida e do augmento de população, em logares tão ermos e de tão incertos limites, surgiram seguidamente conselhos e alvarás do reino e da Capitania, insistindo na necessidade e na suprema importancia dessa medida politica.

Eram divulgados, com esse intuito, persistentemente, os privilegios que teriam os portuguezes casados com mulheres indigenas — privilegios que iam desde a doação de terras, instrumentos e roupas, até a preferencia nos cargos publicos.

As promessas eram singularmente seductoras e os beneficios extraordinarios. Dellas aproveitou-se a maioria dos reinoes, em regra geral pobres, rusticos, ousados, aportando ao Brasil na ansia de fortes aventuras, ou expulsos da patria como delinquentes.



O caboclo, ou tapuio, ou mameluco, é a resultante desse consorcio das duas raças, quasi exclusivamente, porque o elemento africano, existente em outros territorios do paiz, foi insignificante, em todas as epochas, na Amazonia.

Mas esse caldeamento escasseou facilmente após o periodo colonial, e o sangue indigena se foi purificando cada vez mais atravez das gerações sem que novos factores raciaes perturbassem a sua pureza.

O cruzamento tomou, então, novas formas. O tapuio aproximou-se do indio, amansou-o, abrandou-o, arrancou-o das Malócas, e com elle formou novos lares que se espalharam por todo o valle.

Assim, após trezentos annos de constante diluição, o sangue europeu (e com elle as quali-

dades biotypicas e psychicas) contribue hoje com uma percentagem quasi desapercibida na grande sub-raça amazonica.



A caracteristica primordial do caboclo amazonense é a desambição. A vida livre, a facilidade de alimentação, uma herança secular de inercia, a propria natureza sombria, quieta, immutavel, e o absoluto predominio da mentalidade dos aborigenes, tornaram-n'o integralmente desprendido, simples, ingenuo, sem comprehender a vida fóra desse ambiente de independencia e irresponsabilidade.

Como o indio, elle não pode assimilar as idéas do branco: o trabalho, a ordem, o methodo, o conforto, a riqueza, a preocupação de uma existencia melhor, a batalha cruel contra os seus semelhantes, a concurrencia, o egoismo — toda a furiosa escalada pela vida.

Não percebe, não comprehende esse amargo sacrificio por uma vida melhor.

O seu conforto é aquillo: a floresta amiga e pródiga que lhe dá o fruto agreste, o mel cheiroso das abelhas, a sombra para a sesta, o re-

medio para as doenças, a palha, a madeira e o cipó para a barraca, a haste flexivel e resistente para o arco, a taquara para a flecha, o tucúm para a rede, o palmito, a resina, o breu, o oleo, o timbó, o tauary para o cigarro, o urucú para tingir. É a despensa farta, o arsenal, o laboratorio, a pharmacia. Basta estender a mão ou empunhar o terçado, e logo todas essas dadas faceis caem aos seus pés.

Alem da floresta, tem a agua que o desse-denta, que o banha, que lhe dá providencialmente o peixe **do matto** ou a **piracema**.

A terra preta da varzea, escandalosamente fertil, fornece-lhe o feijão, o milho, a mandioca para a farinha d'agua, o fumo. Não precisa revolver-a nem adubar-a; as aguas da enchente fazem esse serviço por elle. A limpa é insignificante, não dá formiga, produz rapidamente.

Tem tudo; tudo o que pode alcançar sua rude imaginação; e é profundamente feliz porque sabe que esse thesouro está alli perto e que não precisa de grande esforço para gosar suas delicias.

Essa transbordante provisão tornou-o descuidado, alegre, serviçal. Não sabe o que é mal-

dade, ignora o que seja o odio; tem uma generosidade exuberante e uma bôa fé infantil.

Percorrendo desde a infancia as mattas e as aguas, herdando todo o instincto dos ancestraes, recebendo lições continuas, observando e aprendendo, perdeu bem cedo todo temor, e evita ou vence os perigos. Defende-se dos ardis da onça com outros ardis mais finos, ou deruba-a com uma simples forquilha estrangulando-a subitamente, aproveitando-se da propria impetuosidade com que ella arremete. Tem certeza de que a horrenda sucurijú é incapaz de um movimento quando se entrega á lenta, difficil digestão, ou se livra do seu arrôcho sinistro, calmamente, torcendo-lhe o beijo superior obstruindo-lhe a fôssa nasal. Mata o jacaré a pauladas, nadando e mergulhando, porque sabe que o saurio, mesmo exasperado, não ataca a presa na profundidade das aguas.

Na floresta conhece os habitos, as manhas, as negaças de todos os animaes, e em pouco tempo, com um instincto surprehendente, encontra o veado, a cotia, a anta, a vara de queixadas.

Nas aguas, onde a sua pericia de pescador assombra pela perfeição, manejando a tarrafa, o arco, o arpão — todos os gestos, todos os golpes, têm uma precisão admirável, e sabe onde se encontram o peixe-boi, o pirarucú, a tartaruga, o tambaqui, toda a extraordinaria fáuna ichtyologica.

★

Nos altos rios elle foi, inconscientemente e bondosamente, o guia, o conselheiro, o conductor dos primeiros exploradores de seringaes. Foi o **matteiro** alegre e submisso que se internou pela selva com os **toqueiros** que assignalavam as **Heveas**, abrindo picadas, marcando as estradas de 100 **madeiras** para cada seringueiro.

Nessa tormentosa profissão os seus attributos de coragem sem jactancias, de resignação natural, de abstinencia, de humildade, de fidelidade, de desprezo a qualquer lucro, foram até a prova extrema.

Incapaz de um erro de rumo no meio da floresta, certo, seguro, tranquillo, porque não ha segredos para a sua visão no emmaranhado das arvores, elle cruzou sorridente e sóbrio as ter-

ras illimitadas que eram o sonho allucinante daquela gente.

Nunca lhe reconheceram o heroismo, a temeridade, o commovente supplicio da desgraçada profissão. Nomade, errante, abandonado, caminhando o dia inteiro, dormindo á noite nas sapopemas ou nos taperys, rompendo igapós, tabocaes, balseiros, rôto, sujo, ferido de espinhos, pontilhado na epiderme pelas picadas dos piúns, dos carapanãs, das mutucas, — na sua faina silenciosa de sacrificado, só temia o indio; o indio que é ainda o seu semelhante e seu antepassado, mas que não lhe perdôa a subserviencia, o declino moral, a amizade ao Caryua que o persegue e o destroe.

Foi entre esses elementos que o ameaçavam todos os dias — as feras, os pantanos, os insectos, o indio, que o caboclo entregou aos seringueiros as fortunas, as posses, os dominios, que os fizeram, numa triste caricatura da Idade Media, novos senhores feudaes do valle amazonico, aos primeiros clarões do seculo vinte.

E em troca dessa enorme riqueza elle, o grande martyr da feroz invasão, o desbravador

inglorio, recebeu uma roupa de mescla, um terçado e uma centena de promessas!

Apenas. Nem credito no barracão do açambarcador, nem os utensilios para a extracção do lactex — porque sem ambições, sem vaidades, sem desejos de riqueza, sem a esperança de voltar ás terras do nordeste, sem enthusiasmos para aquella luta infrene na floresta — nunca poderia ser um legitimo seringueiro. Seria um intruso, um inutil, um canhestro repudiado ou devorado pela horda implacavel.

Sua missão terminara...



Depois a planicie foi abrigando novas levas de retirantes que vinham da terra-sól para a terra-agua.

Essa multidão invadiu a gleba dos altos rios, dispersou-se pelo Purús, pelo Juruá, pelo Acre, por todas as caudaes, pelos mais remotos escaninhos, perfurando a mattaria, rasgando estradas, povoando, edificando, repellindo o cáucheiro dos paizes visinhos, fuzilando selvagens... e todavia, construindo uma nova Amazonia.

Mas essa torrente humana que se multiplicava assustadoramente, que se alastrava por toda parte, ávida, ansiosa, fremente, em busca da arvore maravilhosa da borracha, rechassou, afastou do seu caminho, violentamente, o pobre nativo.

O caboclo bonissimo viu a diabolica ambição do nordestino, os seus furores de cobiça, o desespero da sua voracidade. Acossado de uma terra de excessiva avareza, cahira numa terra de excessiva prodigalidade.

Deixou-o na lida infernal. Arrumou na montaria a familia, os trastes, os chirimbabos, desceu o rio, encostou a canôa noutro barranco longinquo, fez nova barraca, e foi viver mais desprendido ainda, mais risonho, entre a floresta e as aguas que lhe davam todo o encanto e toda a felicidade da vida.

★

Tem sido esse o seu obscuro papel nas tragedias e nas farças desse desmedido scenario verde.

Ao seu lado, como consolo unico da ingratição, do egoismo e da brutalidade do advena,

tem sempre a alegria dos filhos, a bondade permanente da mulher, a companhia terna dos chirimbabos.

O caboclo amazonense, em regra geral, logo na adolescencia pensa vivamente em uma companheira para a vida. Pensa e procura e executa a sua idéa, facilmente, sem preocupações nem preconceitos, como se praticasse um acto vulgar. Para essa transformação do estado civil, tem apenas o trabalho de construir a barraca e comprar a blusa e a calça de brim para o dia do casamento.

E pensa na festa commemorativa: no vinho de cacáu ou na aguardente, nas cuias de assahy ou bacaba, nas postas de pirarucú com farinha dagua, na sala de barro batido, na harmonica, na delicia das dansas.

A cabocla tem a mesma simplicidade de idéas, a mesma noção da vida, e um vestido de chita vermelha.

Desde a infancia habituou-se a servir, a trabalhar, a remar, a viver á beira dos igarapés e dos lagos, a semear e a colher nas roças, a ver por toda parte as scenas de amor dos irracionaes.

Na adolescencia tambem, começa a enfeitar-se. Tem um par de chinellos, um collar de contas no pescoço, uma travessa de celluloides nos cabellos corredios. Já conhece a periperiôca, a macacapuranga, a preciosa, o cumarú, a baunilha, o **vinde-cáa**, todos os perfumes sub-tis da selva — fragrancias singulares de cascas, de bulbos, de lenhos, de flores, de folhas, misturados na **garrafa de cheiro** que lhe aromatiza o banho e lhe deixa no corpo moreno uma perturbadora exalação de luxuria.

Mas logo ao brotar para a vida, ao sentir os primeiros latejos do sexo, é arrebatada para novo destino, e vae multiplicar em outro chão de barraca a humilde estirpe de onde veio.

O novo estado não lhe modifica a indole.

O bom humor, a paciencia, a serenidade, acompanham-n'a por toda a existencia. A casa não lhe absorve os cuidados, não tem moveis, não tem enfeites, não tem valores. O guarda-roupa está pelas paredes todas em forma de ganchos onde pendura o melhor vestido, dos dois que possui. Os pratos são as cuias **pixunas**. O guarda-comida é o paneiro a um canto da sala onde estão as frutas, a farinha, o peixe

moqueado. Os leitos são redes de fio ou de tucum que se estiram á noite entre duas paredes. E aqui e alli, pelos cantos, **jamaxys**, flechas, arcos, **tipitys**, arpoeiras; e por vezes o grande luxo de uma oleographia ou de um pequenino bahú de folha de Flandres.

Dentro desse pobre bazar, a cabocla vive tranquilla, jovial, perfumada, espargindo em volta um encanto que ella propria ignora, uma graça da qual não suspeita siquer, uma doce humildade que é o grande segredo do seu dominio e que a torna estranhamente adoravel como uma deusa deliciosa.

A BALATA

Existem realmente varias versões sobre o apparecimento da Balata no Amazonas. Contam alguns que os proprios indios já a conheciam desde velhos tempos; que os caboclos da Mundurucania a aproveitavam para fins diversos; que um seringueiro do baixo Amazonas trouxera amostras de balata por elle preparada.

Ha ainda outras informações sobre o seu descobrimento no valle amazonico.

Mas a verdade é que todos esses casos, todos esses informes, toda essa série de pesquisas, não tiveram repercussão nos meios commerciaes, não despertaram interesse, não mereceram a attenção dos exploradores, dos capitalistas e do governo. Foram como prodromos vagos de um acontecimento sensacional.

A verídica historia da balata, a sua historia culminante, a sua penetração nos meios financeiros, como um novo valor economico de surpreendente potencia, pode bem ser contada (sem premeditadas offensas ao bairrismo e sem intuitos de ferir vaidades) de uma maneira simples, clara, despretenciosa.



Certa vez appareceu em Manaos um homem chamado Roinier Asjoe.

Era um expressivo typo de mestiço, alegre, loquaz, perdulario, lembrando pela intrepidez, pela inconstancia e pela ambição, o ultimo aventureiro escapo ás hostes de Francisco Pizarro, quando o pendão victorioso de Carlos V descia dos Andes para as **punas** e **montanas** do Perú, e os espanhoes destruíram o soberbo imperio dos Incas, enforcando em Cajamarca o derradeiro descendente de Manco Capac.

Asjoe tinha a perfeita modelagem dos primitivos conquistadores: uma ousadia allucinante conjugando-se á infrene volupia de contemplar novas terras, novos costumes, novas gentes.

Embaraçava-se nos multiplos idiomas das regiões que percorrera desde a adolescencia; annunciava aos brados os seus projectos, os seus incontaveis roteiros de andarilho, os seus descobrimentos phantasticos, onde muitas vezes a imaginação adornava a secca realidade.

E na exuberancia das palavras e dos gestos deixava á mostra o temperamento inquieto e o espirito profundamente cavalheiresco.

Era alto, magro, bronzeado, com um olhar incisivo de ave de rapina e um rijo traço de energia nos maxillares de prognata.

Não tinha passaportes, nem credenciaes, nem amigos prestigiosos. Dizia-se vagamente que era filho de Java e que o governo da Hollanda o deportara para a Guyana numa leva de sentenciados. Evadira-se, porem, de Paramaribo, romperá a jungla selvagem, penetrara em territorio brasileiro, onde mudara o nome e a profissão.

Foi successivamente, durante dois lustros, garimpeiro em Minas Geraes e na Bahia, Agromomo no Maranhão, seringueiro em Matto Grosso e na Bolivia, simples explorador em Venezuela, de onde descera afinal, pelo Rio Negro,

num gaiola, até o Roadway da “Manaos Harbour”.

Na sua misera bagagem — um sacco de lona impermeabilizado pelo cáucho — encontravam-se apenas roupas grossas de trabalho, mappas geographicos, cadernos de notas, uma bussola portatil, um podometro inutilizado e uma velha Biblia hollandeza, unica recordação da patria e da juventude.

A sua arma era um rifle — uma carabina Winchester de doze tiros — arma de caça e de defeza, que jamais servira para ameaçar ou ferir um ser humano, porque a sua bravura não tinha impetuosidade nem maldade, e resumia-se na obstinação, no ardor e na audacia com que investia contra a selva, devassando-a, dominando-a, numa espreita incessante, numa ansiedade incontida de surprehender-lhe todos os segredos.

Era assim o seu heroismo: tenaz, silencioso, obscuro, furando a matta, examinando as arvores, mordendo os frutos, analysando as seivas, excavando o sólo, perscrutando, investigando, inquirindo, sempre com a viva esperança de ter ante os olhos insaciados revelações maravilho-

sas, mysterios desnudados, arcanos abertos á sua curiosidade perenne, incansavel, desmedida.

Era assim esse homem: não tinha passado nem futuro — tinha apenas o presente, o momento, o instante, a expectativa soffrega que o arrastava de terra em terra, sem idéal e sem destino.

Um legitimo aventureiro, na mais flagrante expressão do vocabulo.



No dia em que Roinier Asjoe desembarcou no *flutuante* da “Manáos Harbour”, vindo dos manadeiros do Rio Negro, talvez das asperas regiões do Popayan colombiano, trazia a radiante noticia de uma nova riqueza espalhada fabulosamente pela gleba amazonica.

Chegara — dizia asphyxiado de emoção — das terras longinquas da Venezuela, onde por esse tempo uma industria nova agitava todo o paiz, alvoroçava os centros commerciaes e desviava para os mais remotos recantos das florestas a gente forte e audaz.

Esse famigerado producto industrial era a BALATA — latex providencial transformado em blócos e laminas, com alta percentagem de gutta, até então explorada unicamente em Sumatra, extrahida de uma sapotacea famosa, a **Isonandra-percha**, que se ia extinguindo na rica ilha da Sonda, e se presumia não existir em nenhuma outra região da terra.

Asjoe proclamava, esplendente de orgulho, que na descida de Venezuela observara a abundancia dessas arvores que vicejavam nas serras e nos altiplanos do Rio Negro. Viu as arvores, colheu o latex, analysou-o, submetteu-o aos processos de coagulação pelo calor e pelo sól, constatou deslumbrado que a sapotacea magnifica era identica á das terras venezuelanas.

Em Manaos, após as exposições e demonstrações, teve todas as homenagens. todos os afagos, todas as propostas dos homens de commercio.

A borracha atravessava nesse tempo a sua mais grave desvalorisação, a sua epoca de triste declinio, arrastando á fallencia. ao desastre, á miseria, as grandes firmas da praça.

Todos voltaram-se prestos para esse novo producto, que surgia, na tremenda decadencia economica, como farta promessa de recompensas em meio dos estertores da hevea malsinada.

Asjoe viu-se subitamente senhor de elementos financeiros que o enriqueceriam rapidamente. Voltou á selva, organisou acampamentos, descobriu nucleos immensos da *Mimusops* milagrosa, traçou e retraçou novos roteiros, apontando desprendidamente ás gentes espantadas os milhares de arvores espalhadas por toda parte.

A sua indole aventureira, a sua jactancia de descobridor de thesouros, o desinteresse pelo dinheiro, a loquacidade incorrigivel, a alegria, a idéa permanente de ver novas terras, a certeza de encontrar outros mananciaes de fortunas, fizeram-n'o abandonar bem cedo os grandes negocios, romper compromissos, fugir para a liberdade de novas regiões, cumprindo o seu destino de pária.

E um dia desapareceu do Rio Negro, dos balataes, dos grandes acampamentos que organisara, levando o sacco de lona e o rifle.

Dizem que o viram a caminho da Guyana Inglesa, com o projecto de visitar Georgetown.



Ficaram, porem, os seus ensinamentos — ficou a enorme legião que ouviu a sua palavra, que seguiu os seus methodos e conselhos; e com elles abriram novos rumos, e foram felizes e esqueceram-n'o depressa.

Durante seis annos os **balataes** foram a loucura, o arrebatamento, a furiosa ganancia de advenas e nativos, que varavam as florestas em todas as direcções em busca da **Massaranduba** salvadora.

E por todo o valle deixaram as nodoas sangrentas de uma immensa tragedia, de um tenebroso tumulto, talvez mais rude e mais violento que o dos seringaes.

Mas o systema de extracção do leite feria de morte, fatalmente, a grande arvore generosa. Tal como se deu com a seringueira, a Balata jamais teve a protecção dos governos, a mais insignificante fiscalisação, o menor cuidado.

Desde o collo até os primeiros ramos, todo o caule era retalhado em incisões obliquas convergindo para uma incisão maior, vertical, por onde corria toda a seiva colhida em vasilhas proprias ou nas covas abertas no sólo, coagulada depois pela decocção, ou em pranchas ou em laminas pela luz do sól.

Golpeada, exgottada, exhausta, esvaida toda a seiva que a alimentava, ella perdia a folhagem, estiolava-se lentamente, e ficava no seio da matta como um triste espantalho agitando no alto a fronde resequida.

Assim desapareceu da planicie a majestosa sapotacea que levou á opulencia mais de uma centena de negociastas vorazes; que fez correr o sangue de um punhado de ambiciosos; que perturbou a imaginação de toda gente, e foi a soberba illusão de um centro commercial agonisante.

A borracha, apesar dos damnos terriveis que causou á Amazonia, apesar dos dramas horrendamente sinistros da sua exploração, apesar dos montes de cadaveres dos que sentiram o seu sortilegio fatidico — semeou por todo o valle pequenos nucleos de povoamento,

que cresceram e se tornaram villas e cidades. Somente o Acre, que foi uma criação sua, vale o inaudito sacrificio desses temerarios desbravadores.

A Balata deixou o deserto, o rastro pavoroso, a esterilidade, a desolação.



Roinier Asjoe desaparecera, atravessara o Rio Branco, internara-se na Guyana Ingleza, talvez nas terras auríferas de Berbisse, atraz de um sonho maior, de uma esperança maior — e cumprindo, sem o saber, o estranho fadario de semeador de chimeras.

E o viajante que hoje percorrer as terras altas do Rio Negro, do Rio Branco e dos seus affluentes, terá diante dos olhos surprezos essas manchas pardas da floresta morta — como se por alli a mão de algum genio vingativo houvesse lançado o fogo e a maldição.

Alli foi a BALATA...

INDIOS E MISSIONARIOS

As grandes tabas centraes da America meridional, distantes dos rios navegaveis, taes como dentre muitas outras, as dos Parecis e Nhambiquaras no massiço de Matto Grosso, e a dos Parintintins vindos do Tapajós e localisados depois entre as terras do alto Marmellos e do Gy-Paraná — foram durante seculos inacessiveis á civilisação.

Os primeiros — Parecis e Nhambiquaras — grandes e poderosas nações dominando quasi todo o planalto mattogrossense, tiveram, enfim, definitivo contacto com a gente civilisada.

Os resultados dessa cruzada de approximação todos conhecem atravez das publicações excellentes da **Commissão Rondon** que deixam transparecer em cada pagina, em cada etapa, em cada episodio, a paciencia, a perseverança e

a serena coragem do General Candido Rondon, contrastando com a repulsa, a desconfiança e a temerosa perfidia dos indigenas.

Mas, seria quasi uma ingenuidade expor novamente esse assumpto aos olhos dos leitores, como contribuição á historia accidentada e empolgante das incursões pelo amago do Brasil.

Seria, por um motivo concreto e simples — porque Roquette Pinto exgottou-o terminantemente.

“Rondonia” não é apenas uma soberba epopéa em torno dessa entrada épica. É tambem tarefa monumental de cientista, de psychologo, de ethnologo, de estylista que nos fascina com surprehendentes sortilegios. Raças, costumes, dialectos, religião, moral, anthropologia, geologia, — tudo foi fixado na sua obra immortal; tudo ficou alli, vivo, colorido, palpitante, completo.

Seria, pois, repetimos, imperdoavel levianidade penetrar nessa região explorada com tanta proficiencia, com tanta minucia, e tamanha profusão de conhecimentos.

Pode-se dizer apenas que os annos passaram lentamente sobre o feito celebre de Rondon; que uma a uma foram cahindo todas as duvidas, todas as suspeitas, todas as maledicencias que o envolveram no seu inicio.

Hoje, o chapadão de Matto Grosso não tem mais mysterios nem terrores. Viajantes, garimpeiros, exploradores de todo genero, cruzam o immenso massiço sem os antigos temores, sem receio dos ferozes Nhambiquaras que eram como sentinellas pavorosas daquella região.

As linhas telegraphicas que Rondon foi lançando tenazmente atravez de florestas, rios, pantanos, serras, chavascaes e campinas, funcionam regularmente; e as projectadas viagens aereas entre o Rio e o Amazonas, cruzando o planalto, irão completar a obra civilisadora do General.

Essas duas tribus são agora o que nunca tinham sido desde o descobrimento do Brasil — são brasileiras, sabem que têm uma grande patria e que os irmãos brancos não vão mais ás suas Malócas para escravisal-os ou matal-os.

Quanto á enorme nação dos Parintintins, nome que deram os Mundurucús a esse ramo da tribo Cauahib, que outrora vivia na região do Tapajós, é com evidente emoção que se acompanha o labor espantoso de Curt Nimuendajú, auxiliar do Serviço de Protecção aos Indios, exposto em varios relatorios aos seus superiores.

Joaquim Gondim, numa interessante monographia "**A Pacificação dos Parintintins**" resume esses grandes trabalhos e conta a odysseia desses selvícolas continuamente trucidados, durante dezenas de annos, pelos seringueiros do Madeira, do Marmellos, do Gy-Paraná, do Maicy.

Já no livro publicado pelo Dr. Manoel Tapajós, "**Fronteiras Sul do Amazonas**", ha uma referencia aos Parintintins que em 1874 invadiram a Missão de Frei Luiz Mancini, na confluencia do Rio Preto com o Madeira.

Esses assaltos dos indios e as respectivas represalias nunca mais cessaram; e a sortida sanguinaria de Benjamin Maya, um peruano auxiliado pelos moradores da região, foi uma horripilante chacina onde pereceram dezenas de selvagens varados a bala.

Os Parintintins, porem, não se atemorizavam. Eram valentes até a loucura, e revidavam os ataques com investidas brutaes que abalavam aquelles logares e repercutiam na Capital do Estado como um grito de terror partido da selva distante.

Em torno da sua taba nasceram lendas inverosimeis. Affirmavam que eram milhares de indigenas de tribus diversas escorraçadas de varios rios do Pará, de Matto Grosso, de Goyaz, do Maranhão, unidos numa especie de confederação sob a chefia de um Tucháua invisivel.

Diziam que eram anthropophagos preferindo as carnes das crianças que roubavam ou matavam nos combates.

Juravam que os seus asseltos tinham por fim o roubo de mulheres brancas para sinistras experiencias de velhos Pagés.

E o odio entre os selvicolas e os brancos augmentava dia a dia; e o desejo de vinganças, de um e outro lado, trazia em permanente actividade os barracões dos seringueiros.

Entretanto, a pacificação dos Parintintins, como a dos Parecis e Nhambiquaras, trouxe surpresas atordoantes.

Com as revelações de Curt e da Commissão Rondon se ficou sabendo que todos esses indios possuíam solidas organizações patriarchaes, tinham boa moral domestica, eram quasi sempre monogamos, e ao reconhecerem as pacificas intenções dos civilisados, tornavam-se joviaes, expansivos, amaveis, celebrando a paz que tanto desejavam.

Talvez por isso, um proprietario de seringal do Madeira, commentando certa vez diante de um chefe Pirintintin factos anteriores á pacificação, ouviu do mesmo essa estranha observação expressa no seu dialecto:

“— È verdade! Até que afinal conseguimos amansar os brancos!”



A ferocidade do indio foi uma lenda que se desfez. Só ataca na defeza da sua terra e da sua gente, e vingase das affrontas que lhe fazem, terrivelmente, porem lealmente, em largas demonstrações de bravura.

Couto de Magalhães e o Barão de Marajó protestam contra a fama de anthropophagia dos selvagens. As tribus guerreiras tinham o costume de levar para as tabas as cabeças dos inimigos mortos em combate, como tropheos de guerra.

Os proprios Coatátapias ou Uginas, que o Barão de Marajó (“As Regiões Amazonicas”) considerava typos inferiores da raça humana, porque “tinham um appendice caudal de 2 a 3 palmos”, não eram anthropophagos. Aliás, o Barão de Marajó ao se referir a esses selvagens, que certamente não viu, confia nas informações do Vigario Geral José Monteiro de Noronha e de Frei José de Santa Thereza Ribeiro, que juraram tel-os encontrado no alto Tarauacá.

Castelnau repete a lenda e conta que viu nas proximidades de Fonte Boa uma india que tinha por marido (que elle quiz comprar!) um grande macaco Coatá. E Baena (**Ensaio Chorographico sobre a Provincia do Pará**) confirma a existencia desses indios.

O Barão de Marajó, ainda nas “As Regiões Amazonicas” allude a indios “de cor clara e

cabellos ruivos” extremamente bravios, nas cabeceiras do rio Juary.

Baena attesta que o nome de Solimões provem do gentio **Sorimão** que morava nesse rio, destruindo assim a velha phantasia que julgava ser Solimões apenas uma corruptela de **Salomão**, porque o celebre rei mandava as suas frotas ao Amazonas em busca de exoticas madeiras.

Umás interessantes, outras depreciativas, essas lendas envolveram sempre os nossos selvagens, desde o apparecimento das famigeradas Icamiabas de Orellana.



Deixemos, porem, essas divagações, mesmo porque no conceito dos índios, nós, os **Caryuas**, sempre fomos incorrigiveis maranduêras, isto é, contumazes **contadores de historias phantasticas**.



Todas essas tribus viveram durante seculos isoladas nas suas Malócas, temendo, combatendo, repellindo quem dellas se approximava,

porque ninguém queria comprehender que elles, os indios, apesar de barbaros, defendiam desesperadamente as suas leis, as suas familias, as suas tradições e as terras onde nasceram.

E foi assim, de um modo tão inesperado, tão simples e tão humano -- e todavia posto em duvida pelos septicos — que, na expressão de Roquette Pinto “foi encontrada uma civilização fóssil no coração da America do Sul”.

Não alcançou as suas tabas, na éra colonial, a palavra dos Missionarios, que por todo o valle do Amazonas, desde o Javary ao Wau-pés, e ás margens de varios cursos dagua, nos limites da primitiva Capitania, tanto concorreu para a rehabilitação, o progresso moral e material e a liberdade de innumerados selvicolas.

Quasi todas as tribus marginaes viram esses vultos de abnegados, sentiram a bondade que delles se irradiava, gosaram, depois, os proveitos da catechese que os livrou, por muitos annos, do exterminio e da escravidão.

No rio Madeira apparece o vulto de Frei João de Sampaio, peregrinando pacientemente entre selvagens, combatido pelos Muras temiveis que afinal conseguiram expulsal-o dessa

região. Mas tempos depois, resurgia o frade obstinado dirigindo a Missão de Trocano, no mesmo rio, affrontando serenamente as iras da tribo.

Outros, como o Padre José Maria Garzoni, Frei José de Santa Maria, Frei Martinho da Conceição, Frei André de Souza, andaram pelo Solimões e pelo Rio Negro entre tribus que iam lentamente induzindo á civilização e á religião christã.

Mas bastaria a acção formidavel do Padre Samuel Fritz — registrada com esplendida precisão e notavel erudição na **Historia do Amazonas**, de Arthur Reis — para encher varios capitulos sobre a actuação dos missionarios na Amazonia.

As injurias que atiravam a esses homens, as allusões á ganancia, ao egoismo, ao mercantilismo que lhes attribuiam, vão, emfim, se desvanecendo e perdendo a feição odiosa da intolerancia, dos preconceitos retaguardistas, das prevenções estreitas.

A Historia, mestra magnifica, fez arrefecer os ardores dos combatentes, e começa a fazer justiça ao heroismo, á audacia, á espantosa per-

severança com que elles se internavam nas florestas arrebanhando a indiada, educando-a, civilisando-a — e morrendo obscuramente pelos barrancos dos rios sob as flechas ou derrubados pelas febres palustres.



Mas, justamente quando os missionarios obtinham os primeiros resultados da sua dedicação e do seu incontestavel sacrificio — surgiu o acto politico do Marquez de Pombal, expulsando do reino e das colonias as ordens religiosas, destruindo subitamente toda essa obra de benemerencia e de veridico valor sociologico, iniciada entre as mais arduas vicissitudes e o mais puro desprendimento.

Extincta, pelo fatidico decreto, a missão desses homens, começaram em toda a Amazonia as perseguições, os arrasamentos das tabas, a luta pelas terras já desbravadas, a implacavel caçada ao indigena que era arrastado para as povoações e vendido como escravo.

Os missionarios eram os seus unicos defensores, os unicos seres humanos que protestavam

contra o esbulho das terras e a escravidão. Os unicos homens que naquelles tempos de conquista, de aventuras, de brutalidades, de barbarismo, tinham uma palavra de piedade para os fracos.

Perdeu-se, assim, toda a acção civilisadora das Missões.

E, accusada pelos livres pensadores ou defendida pelos crentes — verdade é que não se pode deixar de reflectir nos effeitos economicos, ethnicos, sociaes, que ellas produziriam na Amazonia actual.

Nenhum sociologo, nenhum economista, ninguem com uma parcella de bom senso e de logica, negaria esses effeitos, porque essa grande massa humana de milhares de creaturas, educada e conduzida pelos Missionarios, estaria hoje dispersa pela planicie em nucleos de agricultores, criadores, industriaes, operarios, fatalmente impregnada de outros elementos raciaes que corrigiriam o seu nomadismo caracteristico, modificariam seus habitos barbaros, extinguiriam outros defeitos.

Que seria, então, a Amazonia moderna se contasse com esse immenso numero de habitan-

tes, contribuindo para o seu progresso, elevando-lhe o indice financeiro, amparando-a na hecatombe industrial da borracha, erguendo-a no conceito da Federação como uma grande potencia productora dispondo de immensas reservas?

É uma hypothese impressionante.

Mas uma hypothese que se desfez numa simples folha de papel assignada ha mais de duzentos annos por um homem de Estado que já nessa epoca pretendia monopolisar o sensacionalismo.



Stefan Zweig tem um pequeno livro que talvez seja a maior das suas obras de escriptor: — **“Momentos decisivos da humanidade”**.

Todas as suas paginas nos trazem calefrios de emoção. O grande pensador e critico apresenta-nos na sobriedade e na belleza do seu estylo, esses **momentos** nos quaes um gesto, um acto, uma palavra, um pensamento, transformaram de subito o destino de muitos homens e o destino do mundo.

Certamente o destino da Amazonia mudou bruscamente naquelles dois ou trez segundos,

quando Sebastião José de Carvalho lançava o seu nome num simples pedaço de papel.



Os historiadores amazonenses que se interessaram por esse problema, avaliam seguramente em muito mais de dois terços a população indígena perdida, escravizada, massacrada, depois da retirada dos Missionários.

E assim, a fraqueza de um rei, o odio de um homem e uma pennada sensacional de estadista — transformaram todo o destino da Amazonia!

FLORA AMAZONICA

Não surgiu ainda obra de sabio ou de curioso que trouxesse á publicidade todo o vastissimo acervo de maleficios e virtudes da flora amazonica.

Registro grandioso, ultrapassando a humana capacidade, ficará, por isso, eternamente esparso, fragmentario, incompleto, porque o reino vegetal da Amazonia, apesar da apparencia uniforme, encerra milhões de detalhes e milhões de surpresas que dariam uma immensa bibliotheca de catalogos — tal como a sua fauna, que na opinião de Dahl constitue o “paraiso dos zoologos”.

Vista de longe é um emaranhado de frondes que se perdem á distancia numa escala de tons que vae desde as nuances do verde-canna ao sombrio do verde-negro, e onde as copas das

castanheiras e das sumaumeiras, e os diademas das palmaceas são como um allivio ao olhar estendido para aquella monotonia de folhagens.

Mas isso é o panorama melancolico da selva, o conjuncto immutavel, a paizagem lugubre, continua, invariavel, que tem sido, mesmo antes da visada genial de Euclides da Cunha, mesmo para os mais entusiastas amazonistas, a decepção de todos os viajantes, entorpecendo toda admiração e abafando, sob a ardente temperatura tropical, toda exaltação e todo arrebatamento.

Essa é a massa florestal que se vê de longe, dos deks dos transatlanticos: a selva sem termo, sem variantes, sem attractivos, mais inalteravel e mais cansativa do que o proprio oceano.



Na enchente, as aguas carregadas de sedimentos, de um roseo sujo, invadem as terras de alluvião, transbordam nos paranás e nos igarapés, attingem os fustes das arvores — e o deserto lacustre torna-se ainda mais apavorante, como se toda a terra volvesse á epoca primitiva,

ao periodo terciario, á indecisão das torrentes, e uma fáuna de amphibios pterodactylos, de megatherios, de hydrosaurios monstruosos, se movesse naquelle mundo tenebroso; e dos manadeiros andinos rojassem as primeiras avalanches de gelo.

Pelo menos devia ter sido assim, para geologos e paleontologistas, essa espantosa Amazonia de tempos remotissimos — essa terra confusa que Frederico Hartt riscou, planejou, architectou, num assombro de imaginação e de sciencia retrospectiva.

*

A agua invade tudo. Só existem ribanceiras nas terras altas. Os barrancos negros das varzeas foram tragados, e os tapetes de cannaranas e murys que as revestiam, andam agora ao léo da correnteza em peryantans enormes descendo para o oceano ou encalhando algures em qualquer ponta de matto.

São os unicos adornos do **mar-dulce**: ilhas fluctuantes, galhadas seccas, madeiros roliços, arvores ainda verdes, agua afóra, de **bubuia**.

Na vasante, a mutação — para os que viajam assim — é quasi imperceptivel. De vez em

quando um barranco escuro, uma varzea forrada de capim ou de arbustos, boccas mais ou menos visíveis de paranás e de rios; ás vezes um jacaré estirado no tijuco dando á scena um aspecto de ferocidade para sacudir os nervos dos viajantes.

Nada mais. E sempre o dominio verde das arvores, sempre a mesma caudal barrenta, profunda, rumorosa, conduzindo os seus milhares de metros cubicos de argilla arenosa para construir mais longe novas terras.

★

Como é differente, porem, esse mundo vegetal, na sua intimidade, no proprio sólo onde nasce, vive e morre, entre familias, generos, especies, que se entrecruzam, que se auxiliam ou se destroem, que lutam pela vida com as raizes que se dispersam pelo sub-sólo, com os ramos que ascendem em busca do ar e do sól!

Essas frondes desconformes de sumaumeiras (*Ceiba pentandra*) possuem pedestaes que espantam toda gente. São as **sapopemas** de vinte, trinta metros de circumferencia, retalhadas em largas pranchas formando abrigos que podem agasalhar familias.

O cedro (*Cedrela odorata*) branco ou vermelho, tem a mesma força ascensional, empina-se, frondeja bem alto, eleva-se a vinte, trinta metros do sólo. Sua base, no entanto, não está nunca em proporção á altura; as raízes não se aprofundam, não o sustentam. Cumpre um triste destino: quando chega á maturidade, apesar da fronde escassa, desapruma-se a um vento mais forte, tomba violentamente num rumor de catastrophe abalando a floresta.

A sapucaia (*Lecythis ollaria*) é tambem um especimen maravilhoso. Cresce até vinte e cinco metros, com um diâmetro de dois a tres. Os seus ouriços, em forma de panella de barro, grossos, resistentes, estão cheios de amendoas deliciosas. A haste é uma preciosidade para os estaleiros modestos dos caboclos; desde o córtice ao amago é um repositório de estopa; e alem da estopa, fornece tambem uma tinta firme para os tecidos de algodão.

A itaúba (*acrodiclidium itaúba*) abacate ou preta, chega ás vezes aos vinte metros de altura. E' a providencia da pequena navegação, a madeira sem rival para as montarias de casco, abertas pelo fogo, ou de fôrma, em taboas, mais

perfeitas, construídas nos estaleiros. O nome indica bem sua natureza: **ita-úba** — pau=pedra, porque resiste assombrosamente na agua ou na terra.

Alem desses, dotados de grande resistencia para as construcções civis, vêm o **piquiá** (*Caryocar brasiliensis*) que dá um fruto oleoso alimenticio; a **guariúba** (*galipea*); a **acoaricara**, o **jutaby**, o **pau rainha**; a **carapaná-úba**; o **louro**, dividido em varias especies; o **mulateiro**, etc.

Outros, de porte mais modesto, são incontaveis. A **saboarana**, o **pau-rosa**, (*Physacalymma*) já celebre pela essencia; o **coração-de-negro**, que produz uma resina causticante; o **genipapo** (*Genipa brasiliensis*) da familia das rubiaceas, cuja madeira é um encanto nos moveis; a **ibirapitanga** ou **pau-brasil**, de Rebouças (*exalpinia echinata*) enchem todo o valle numa abundancia que desnorteia a quem tenta ennumerá-los.

★

E a cada passo, a cada momento, uma revelação, uma surpresa, um espanto novo dentro da ramaria entrançada, da teia retorcida dos

cipós, das moitas de hervas — de tudo aquillo que parece deter o nosso passo, que nos prende ao sólo humido, que nos fecha todas as direcções, sem uma clareira para desafogo.

Cerca-nos por todos os lados um estranho universo que nem poderíamos imaginar.

Os vegetaes tomam aspectos surprehendedentes; são como singular sociedade onde cada individuo tem uma funcção determinada, um temperamento, uma attitude, uma vida propria. Parece que existe uma lei especial regendo aquelle organismo phytologico que começamos a comprehender, a estudar, a respeitar, como se fossem nossos irmãos, inferiores apenas pela mudez e pela estabilidade.

Certamente deve ter sido essa a impressão de todos os sabios, de todos os phytographos, de todos os naturalistas que penetraram nessas florestas venerandas: — impressão de temor, de assombro, de fascinação, de curiosidade.

★

A cada passo — repetimos — uma revelação.

Aqui é uma trepadeira vulgar, a **guapuhy** (*Bignonia longuissima*) cuja raiz em infusão é prodigiosa nas ophtalmias.

Alli, o **paricá** (*Piptadenia perigrina*) que cura as bronchites mais rebeldes.

Seguem-se outras, notaveis pelos effeitos medicinaes.

O **paracary** (*Peltodon radicans*) que destroe o veneno das cobras e é um seguro hemostatico.

O **amapá** (*Hanconia* sp) cujo leite acalma todas as dores.

O **jabuty-muitá-muitá** (*Delilea grandiflora*) um resolutivo precioso na furunculose.

A **mucura-caá** (*Petiveria alliacea*) rastejante, quasi invisivel, que tem propriedades vermifugas.

A **guaxinguba** (*Ficus eps.*) cuja resina é um vomitorio infallivel e discreto.

O **carapiá** (*Dortensia brasiliensis*) para as febres intermittentes.

A **buranhem** (*Cryssophyllum buranhem*) util nas infecções erysipelatosas.

O **pajurá** (*Pleraginea*) adstringente,

O **capim cheiroso** (*Killingea odorata*) estomachico, excitando a mucosa gastrica.

A **catuaba** (*Reytxoxillon catuaba*) aphrodisiaco como a famosa **muirapuama** (*Pychopetalum olacoides*).

A **pedra-hume-caá** (*Geranium maculatum*) já bem conhecida pelos seus effeitos na diabetes glycosurica.

A **sucuúba** (*Pulmeria phagedenica*) cujo leite é um purgativo drastico e cuja casca em infusão é efficaz no rheumatismo articular e nas ulceras atonicas.

O **mururé** (*Brosinum*) depurativo conhecidissimo.

E por fim — porque seria impossivel uma referencia a todas as plantas medicinaes da planicie — esse excellente guaraná (*Paulinia sorbilis*) cardio-tonico inextimavel, que das terras privilegiadas de Maués se espalhou por todo o mundo.

Muitos foram mencionados pelos botanicos que andaram pela Amazonia, outros, a grande maioria, são conhecidos apenas pelos Pagés e pelos caboclos.

Não é, porem, somente a pharmacologia que perde esse thesouro incomparavel.

A industria dos perfumes tem alli, naquelle sombrio reinado de folhas, de caules, de raizes, de tuberculos, de oleos, um laboratorio immenso e original.

Os grandes exploradores do olfacto humano ficariam deslumbrados diante desses aromas raros, finissimos, ignotos, que se evolvem da matta.

O vinde-caá (*Panicum brevifolium*), a preciosa (*Anniba canellila*), o puchury (*Nectandra puchury*), o cumarú (*Dipteris odorata*), o sandalo americano (*Santalum album*), o cujumary (*Aydendron cujumary*), o cravo, (*Caryophyllus aromaticus*), a periperiôca, a macaca-poranga, o cipó-cheiroso — uma centena de fluidos exóticos, cheios de languidez e doçura, rescende em cada recanto da selva.

E os frutos, os palmitos, os summos que alimentam?

O bacury, o muricy, o abio, o cupuassú, o biribá, a sorva, muitos outros, satisfazem paladares exigentes.

As palmeiras nos dão o *assahy*, a *bacaba*, a *popunha*, o *burity*, o *tucuman*, o *patauá*, o *uauassú*, outros ainda.

Para a extracção dos oleos variadissimos na consistencia, no perfume, nas propriedades — a floresta nos apresenta a *Ucuúba* (*Viryola surinamensis*), a *Copahyba* (*Copaifera officinalis*), a *Andiroba* (*Carapa guyanensis*), o *Sassafras* (*Laurus sassafras*), o *Caiaué* (*Elexis melanococca*), a *Jussara* (*Euterpe oleracea*), o *Cumarú*, o *Tamaquaré*, a *Castanha*.

Entre a enorme variedade de plantas textis, sobresaem a *Piassava* (*Attalea funifera*), o *Tucum* (*Astrocarym tucuma*) que fornece fios consistentes e malleaveis para redes, chapéos, utensilios domesticos; o *Carauá* (*Bromelia sagenaria*) que dá uma fibra semelhante a do linho; o *Mirity* (*Mauritia flexuosa*), a *Embira* (*Xilopia funifera*), o *Tucury* (*Sterculia invira*), a *Uaicima* (*Urena lobata*), além da *Pita*, da *Aninga*, do *Timbu-assú* e muitos outros.

E os venenos, as seivas mortiferas, como a do *Assacú* (*Hura crepitans*) de espantosa virulencia; do *Timbó* (*Paulinea pinnata*) que nar-

cotisa os peixes com extrema facilidade; a **Diamba** (*Canabis indica?*) **Liamba** ou **Dirijo** dos caboclos, entorpecente como o opio, que muitos nativos misturam ao fumo dos cigarros, prova triste de que a civilização não tem o privilegio dos grandes vícios; e, afinal, esse **Curare** terrível, ainda mysterioso, que attribuem ao **Strychnos toxifera**, que Francisco de Castro estudou com tanta proficiencia; que Claude Bernard descreveu magistralmente os efeitos nos organismos animaes; que levou Preyer a isolar a **Curarina**, alcaloide de acção apavorante sobre o systema nervoso motor — e que, na verdade, os indios extrahem do **Urary**, do **Manacan**, de plantas outras, cujo segredo jamais revelaram e cujo preparo nunca foi denunciado pelas bocas dos Pagés?

E arvores e arbustos de usos singulares, como o **Caimbé** (*Curatella americana*) cujas folhas substituem a lixa commum; o **Jaracatihy**, que serve de sabão ao caboclo; o **Tauary**, que tem na casca laminas tão finas e flexiveis como o papel e que os nativos aproveitam para enrolar o cigarro? E o **Anany** (*Morobie coccina*), de onde se extrahе o breu? E o **Cururé**, cujas

folhas submittidas á torrefacção offerecem um producto semelhante ao chloreto de sodio?

★

São centenas, milhares de seres vegetaes, desde os insignificantes thallophytas até as portentosas phanerogamicas, que não figuram ainda nos Tratados de Botanica, que não foram catalogados pelos grandes sabios que andaram pela floresta — nem por Alexandre Rodrigues Ferreira, nem por Martius, nem por Willis, nem por Humboldt, nem por Bompland, nem por ninguém.

Todos elles entraram assombrados nesse imperio maravilhoso cheio de lendas, de mysterios, de terrores; e de lá sahiram deslumbra-dos, trazendo apenas uma particula desse estu-pendo segredo do Valle.

★

Seria injustiça si terminassemos essas rapidas notas sobre a flora amazonica, sem uma referencia a um homem que tem contribuido incansavelmente para dezenas de rectificações na

classificação e na descrição de specimens vegetaes.

Á tenacidade, á paciencia, á infatigavel curiosidade e ao saber desse excellente amigo do Amazonas, devemos corrigendas aos erros commettidos por varios botanistas, que passaram desapercibidos á visão dos scientists.

George Hubner tem cumprido beneditinamente essa missão valiosissima. Da sua chacara á margem do Rio Negro, proximo de Manaus, esse grande estudioso vive em communição continua com varios scientists da Europa, ora remettendo informações magnificas, ora exportando orchideas rarissimas.

Assim vive, assim moureja, depois de ter perdido a pequena fortuna que alli accumulara durante annos de trabalho. E dentro da mais severa, da mais veridica modestia que se pode imaginar, assalta-o violento pudor a qualquer referencia ás suas admiraveis pesquisas de phytologo.

★

Ora, foi esse homem que, alem de innumeros outros estudos preciosos, revelou aos meios

scientificos um exemplar bizarro da familia das rutaceas, originario da Amazonia, surprehendendo-lhe em todas as variantes, o cyclo vital.

Foi elle verdadeiramente o classificador e o divulgador dessa extraordinaria rutacea, a ignorada SOHNREGIA EXCELSA, magnifica princeza do reino vegetal, erguendo-se a prumo como esguia columna entre altas frondes e abrindo no ápice o fasciculo de palmas recortadas.

À sua estranha florescencia, analoga á da famosa *Corypha Umbraculifera*, porem mais nítida e mais formosa, tem aos olhos dos que a observam demoradamente o duplo aspecto de graça candida e de inconfundivel nobreza: — graça de silhueta que se desabotôa no feitio do ramalhete symetrico, como se o armassem as mãos subtis de algum genio da selva; nobreza que lhe emprestam a immensa altura, o talhe delicado e o espectaculo inedito das palmas que se curvam, que se dobram ao longo do fuste offerecendo maior realce á corôa florida.

E logo depois, a queda subita, rapida, instantanea, de todo esse largo feixe de longas fo-

lhas, para que surja em evidente esplendor, dentre copas multiformes, o original ornamento.

Para isso, para attingir a gloria dessa unica floração, a airosa rutacea atravessa todas as phases do seu desenvolvimento.

Foi estirpe humilde brotando entre hervas obscuras; foi haste fragil desapercibida na inultidão dos arbustos; foi caule rijo rompendo a trama das arvores e dos cipós num esplendido heliotropismo.

Só, então, na soberba energia da força, quando percorre por todas as cellulas do seu organismo de monocotyledonia, a seiva abundante; quando os annos que lentamente passaram em torno do seu caule, lhe deram o supremo vigor — ella, despertando, enfim, para a festa sumptuosa da maturidade, com a pompa eucharistica de uma celebração, eleva aos céos e a Deus que a creou, a incomparavel belleza do seu diadema.



Só isto, apenas isto, faria a gloria de qualquer sabio!

RIQUEZAS DA TERRA

A geologia do valle amazonico teve os seus grandes reveladores em sabios como Orville Derby, Agassiz, Hartt, Severiano da Fonseca, Silva Coutinho e John Miers, que se especializou nas pesquisas do carvão de pedra, as primeiras que se procederam na planicie.

Hartt, porem, não ha duvida, foi o mais profundo dos seus investigadores; e ficaram para sempre as hypotheses geogenicas por elle formuladas sobre a sua origem:

“O valle do Amazonas, no começo, surgiu tal como um canal entre duas ilhas, uma formando a base e o nucleo do planalto brasileiro, a outra, ao norte do planalto da Guyana. Esses traços geraes appareceram no inicio da idade siluriana ou logo depois da mesma. Naquella epoca os Andes ainda não existiam”.

E Hartt prosegue em deducções seguras, desde esses primeiros delineamentos até a formação dos dois golfos ligados por um canal; até o phenomeno da irrupção da cordilheira andina limitando a bacia pelo oeste; até a depressão das camadas e as formações terciarias que se conservaram como testemunhas desses depositos na serra do Parú e nas montanhas ao norte, chegando, afinal, ao periodo quartenario, á delimitação da bacia hydrographica e ao regimen das aguas.

Mas não se pode reduzir a uma synthese os estudos scientificos de Hartt, e mal se percebe nessas rapidas linhas o esforço immenso da sua concepção de geologo criticada com admiração por Orville Derby.

Euclides da Cunha referindo-se á geognosia de Hartt, admittindo a convulsão da qual resultou o apparecimento dos Andes, confirma a observação do sabio explicando que a terra amazonica após essa sublevação da cordilheira “mal ultimou o seu processo evolutivo com as varzeas quaternarias que se estão formando e lhe preponderam na topographia instavel”.

Tal é, de um modo geral, a constituição geologica do valle: varzeas de argilla e grés talvez oriundas do desbastamento dos anteparos montanhosos que limitam a bacia, ou, nas chamadas terras firmes, camadas mais altas de argilla vermelha ou branca sobre bases de pedras em estado incompleto de estratificação.

Nota-se, todavia, visível modificação nas terras do Rio Negro e do Rio Branco.

Sobre as primeiras diz João Martins da Silva Coutinho no *Relatorio da Commissão Amazonense para a exposição brasileira no Rio de Janeiro*: — “A rocha predominante é o psammito mais ou menos decomposto. Em toda a extensão do rio encontram-se duas camadas bem distinctas de argilla; uma inferior, de argilla branca, fina, muito plastica; a segunda, superior, de argilla colorida de vermelho pelo oxydo de ferro”.

As do Rio Branco, no alto, differem singularmente de todas ellas, e o proprio aspecto geral da região, sem florestas abundantes, pontilhada de serras, desdobrando-se em grandes campos, indica logo á primeira vista uma constituição diversa, uma formação mais antiga de-

nunciada na resistencia das suas rochas e na grande quantidade dos seus minerios.



A maioria dos escriptores da Amazonia pretende explicar o abandono em que se encontra a mineralogia do valle, pela sua constituição sedimentaria. E depois da phrase de Euclides da Cunha, **“a Amazonia é talvez a terra mais nova do mundo”** a convicção da sua pobreza em minerios se foi accentuando de tal forma que se viram afastadas todas as probabilidades de insistencia sobre o assumpto.

Mas a verdade é que na Amazonia o homem foi sempre desviado para a floresta, apenas se preocupou com a floresta, tal como os proprios aborigenes, della e para ella vivendo, derrubando e aparelhando as madeiras, tirando folhas e raizes para usos diversos, vivendo continuamente dentro della que tudo lhe dava: o remedio, o alimento, a casa, o dinheiro.

A selva prendeu-o continuamente, absorveu-lhe todo o esforço, seduziu-o desde que a conheceu e desde que começou a recolher as suas dádivas magnificas.

Jamais se lembrou de que a planície pudesse offerecer-lhe outros dons, e nunca pensou que além da selva e das aguas, existiam também o sólo e o sub-sólo.



Em toda a historia da Amazonia raramente se encontra um homem que, desprezando os fartos beneficios da jungla, lançasse o olhar para a terra que pisava. Os proprios aventureiros dos primeiros tempos nunca tiveram essa preocupação. Desciam do Perú ou da Venezuela em busca da Manôa esplendente onde o ouro devia estar espalhado pelas ruas ou revestindo estatuas e edificios — mas, sob os olhos, ao alcance dos dedos que fremiam de ansiedade.

Nada, pois, se tentou seriamente por meio de excavações, de explorações que permittissem uma negativa dessa natureza.



As rapidas pesquisas até agora realizadas vêm, comtudo, destruir essa lenda da pobreza do sólo.

Começando pelos autores mais antigos, vemos que Sant'Anna Nery (*The Land of the Amazons*) faz referencias a exploradores do rio Madeira que, no tempo colonial, viram e colheram pepitas de ouro naquelle rio e no Gy-Paraná, onde proseguiram as pesquisas com algum successo.

Nas margens do rio Tiquié, affluente do Waupés, na região do Rio Negro, em 1749, foram encontradas pedras exquisitas que, após um exame superficial, constatavam a presença de prata em estado metallico sem outras composições.

Na cachoeira do Ribeirão Preto, ainda no rio Madeira, antigos garimpeiros descobriram ouro e pedras preciosas.

Taes são as informações de Sant'Anna Nery, que conclue com estas palavras as suas varias asserções:

“Encontram-se, realmente, nas escavações feitas em diversos logares do Estado, muitas amostras de agatha, machados de diorite polida, de syenito e jade; ornatos verdes tallados em feldspath e grande quantidade de pedras de amolar de schisto, como tambem enfeites para

os labios de indigenas em nephrite, berillo, quartzo hyalino e orthose verde”.

São informações valiosas, porque Sant’Anna Nery sempre mereceu, pela sua circumspecção, todo o respeito.

Agnello Bittencourt (*Chorographia do Amazonas*) allude ao encontro de areias do rio Uatumã contendo cobre, arsenico e zinco. E logo adiante tem essas expressões sobre a existencia do carvão de pedra no Amazonas:

“Ha camadas carboniferas em varias localidades do interior, conforme provam amostras vindas do Solimões, Juruá, Uatumã, etc., todas por explorar. Orville Derby verificou a existencia dessas camadas”.

★

No “Boletim N. 15 — Reconhecimentos geologicos e Sondagens na Bacia do Amazonas” 1926, se encontram observações dos Drs. Paulino F. de Carvalho e Avelino Ignacio de Oliveira nos rios Maué-Assú, Amana, Curauahy, Imbetuhy e outros, onde foram verificados folhelhos carboniferos em diversas sondagens.

O rio Japurá tem a fama antiga de possuir no seu leito e nas immediações, terras auríferas; e mais de um viajante conseguiu ver nas Malócas as bateias com as quaes os indios costumavam tirar o ouro do rio.

Baena (**Ensaio Chorographico da Provincia do Pará**) affirma tambem que os indios Manjaronas tiravam ouro nesse rio e o vendiam aos viajantes.



Emfim, para terminar essa rapida chronica sobre as possibilidades mineralogicas do Amazonas, citemos o facto da extracção do ouro nas terras do Rio Branco — facto recente, actual, dos nossos dias, que vem desviando para aquella região privilegiada uma legião de exploradores.

Somente agora, com a alta brusca do ouro, começaram essas explorações.

Um homem, um desses homens singulares, que durante vinte annos de inexplicavel paciencia andou por aquellas terras, de rifle a tiracol-

lo e bateia nas mãos, adivinhou essa formidável riqueza. Durante esse longo periodo foi tido como um louco, um visionario, um insensato.

Mas a verdade, só agora comprehendida, é que suas mãos grosseiras tremeram mais de uma vez ao contacto de pepitas e diamantes.

Mostrou a toda gente o resultado das suas pesquisas, do seu immenso labor, da peregrinação espantosa que lhe consumiu toda a mocidade.

Esse homem, esse heroe anonymo, chama-se Severino Pereira da Silva. Não tem credenciaes, não tem diploma, quasi não tem instrucção. E' garimpeiro por indole, por profissão, por convicção.

Das suas terras auríferas no Iramutã e no Rucá sahiram, no anno passado, por processos rudimentares de extracção, para mais de trinta mil grammas de ouro destinado ao Banco do Brasil!

Esse homem rude, simples, obscuro, desfez uma lenda nociva ao Amazonas — e em verdade, assim obscuro e rude, vale mais do que toda uma farandula de technicos.

VICTORIA REGIA

O s6l nascente, esplendendo em purpura num c6o limpo de estio, tecia arabescos fulgidos nos cimos das castanheiras, scintillava nas arestas dos barrancos e arremessava pela mattaria quieta longas settas de luz que varavam a espessura das frondes e cahiam vivamente na folhagem humida do s6lo despertando insectos e reptis.

A lamina lustrosa de um lago surgia immensa e tranquilla, ora acompanhando curvas de enseadas, ora se esbatendo nas pontas agudas, ora fulgindo nas reintrancias dos **furos** ou morrendo confusamente, escura e fugidia, na depress6o dos igap6s.

E ao centro, bem no meio da placa liquida, a agua rutilava e tremia sob o fulgor da luz matinal.

Pelas margens desertas, onde arvores e arbustos lançavam recortes bizarros de sombras, erguiam-se fustes lisos de **pau-mulato**, caules delgados de **araçaranas**, hastes alvacentas de **embaúbas**, columnas cinzentas de palmeiras innumeráveis rompendo a ramaria; e por toda parte, desde o alto das comas aos ramusculos das hervas, os cipós distendiam a cordoalha retorcida constringindo estirpes rudes, rastejando na terra, suspensos em curvas largas, pendentés como varaes, ás vezes grossos como punhos de homens, ás vezes semelhando filamentos, ainda tenros, frageis, quebradiços, procurando pontos de apoio.

Todos elles, — o **cipó-tuyra**, o **camaleão**, o **espera-ahi**, o **unha-de-gato**, a **jacitara**, tantos outros desse genero incalculavel de sarmentosas, crivados de aculeos ou cortantes como gumes afiados, formavam uma barbara trama defensora, cingindo, envolvendo toda a floresta.

O sól subia, resplandecia no horisonte sem nuvens, faiscando, illuminando a macia paisagem.

Um bando inquieto de **ciganas** grasnava entre os galhos das arvores. Adiante, no alto de

uma sunaumeira, no meio de casas brancas de cabas, japiins voavam em torno dos ninhos que pendiam como saccolas; e um jacaré monstruoso, tão velho que o limo adherira de vez á cornea armadura, repousava sobre a relva junto ao barranço, estirado, flacido, indolente, gosando o calor daquelle sól maravilhoso.

Aqui e alem surgiam na agua parada focinhos caninos de lontras, dorsos de patos selvagens, corpos rebrilhantes de peixes, perfis esguios de marrecas — toda uma fauna esperta, esquiya, fugaz, a procurar alimento e a defender-se do mais forte.

Na matta escura havia um socego profundo, como se todos os seres que a habitavam fugissem de subito á luz que traspassava a densa folhagem.

Tudo debandara á claridade do dia, e apenas um grupo esvoaçante de borboletas rodopiava numa clareira de restinga.

A floresta parecia tomada de fundo lethargo, sem rumores, sem ruidos de passos, sem vozes, sem um sussurro de aza entre a galhada infinita, numa desolação de necropole, adornada de verde, um verde absoluto e fatigante que

se estendia no **matupá**, rolava na relva, subia nos ramos, ondulava por toda parte, num desmedido, interminavel dominio.

Nesse mudo imperio vegetal somente os frutos escarlates das mungubeiras, suspensos nos galhos desfolhados, ou alguma orchidea de singulares coloridos enfeitando velhos troncos, ou as flores roxas dos **mururés**, quebravam alegremente a immensa monotonia.



O lago enorme parecia ter segredos que procurava esconder aos olhos humanos. Uma grande moita de arbustos occultava a entrada de um **furo** estreito a correr serpenteante entre galhos e cipós. Depois apparecia outro lago pequenino e sombreado, onde mal penetravam as restecas da luz, e onde havia um silencio maior, mais amplo, mais profundo — um abafado silencio de templo ao abandono.

As arvores marginaes, elevadas e vetustas, estendiam densa penumbra, que dava á agua represa um tom luzente e negro.

E sobre a agua, na religiosa mudez do recanto, na tristeza dos ramos curvados, na mys-

teriosa quietude da matta — fluctuavam grandes folhas circulares, e surgiam, no esplendor e na doçura das petalas brancas, sumptuosas Victorias-Regias.



Foi o botanico Koenke quem as viu pela primeira vez; e, homem de sciencia, frio, distrahido, insensivel, mal percebeu sua estranha belleza.

Bridges, da Inglaterra, em 1845, viu-a e classificou-a.

Contam que o naturalista inglez teve a maior surpresa e a maior emoção de toda a sua vida de sabio.

Viu a flor deslumbrante no seu templo rustico, num dia de soberbas pompas tropicaes — e ajoelhando-se na terra prodigiosa da Amazonia agradeceu a Deus a incomparavel fortuna de contemplar a encantadora nympheacea, que tomava desde aquelle momento — como exaltada homenagem de um filho da Inglaterra — o nome da sua Rainha.

O RIO NEGRO

Não ha talvez em todo o valle do Amazonas — tão fertil em mysterios aterradores, em lendas inverosimeis e em episodios que saciariam a mais soffrega phantasia — região mais vivamente interessante que a do Rio Negro.

As aguas escuras como infinita toalha de hulha polida; as bahias descommunes onde as tempestades levantam ondas como as do oceano; as cachoeiras sem conta interceptando a navegação; as florestas interminaveis, invariaveis, cansativas; as Villas em ruinas, agonizando em doloroso abandono, “revelando um fim de civilização e de raça”, na maguada expressão de Oswaldo Cruz, ao visitar como hygienista e como sabio, a desgraçada Villa de Moura — são etapas melancolicas assignalando a solidão daquellas paragens.

As suas praias de refulgente brancura, brilhando á luz do sól ou fulgindo á noite, lividas, parecem mudas legendas seculares perpetuando feitos de supremo heroismo, abnegações enternecedoras, originaes caprichos de governantes, revoltas épicas de selvicolas, tumultos de guerrilhas no entusiasmo e na avidez das primeiras conquistas, audacias indiscriptiveis de aventureiros, arrôjos de missionarios expondo as vidas nas tabas alarmadas.

As suas margens devem guardar o clamor dos homens de Ajuricaba, que depois de vencer os invasores, depois de derrotal-os em varios recontros, depois de levantar o seu exercito de indios contra a usurpação da terra amazonica, depois de esmagar muitas vezes a soldadesca portugueza — foi, afinal, vencido, subjugado, preso, arrastando o grilhão abjecto. Mas, chefe altivo, **Tucháua** arrogante, preferindo a morte á escravidão e á sentença infamante dos inimigos, lançou o ultimo grito de revolta e mergulhou para sempre nas aguas do rio.

Devem guardar o rumor guerreiro dos Mayapenas, dos Carayharis, dos companheiros de Theodosio nas praias de Itarendáua; as bata-

lhas de Caboquena e Manacassary, aniquilando as forças de Portugal; e outras batalhas e outras pelejas em todo o curso do rio, desde a fóz ás terras de Cucuhy.

Os barrancos historicos de Thomar recordam a emocionante aventura de Ambrosio Ayres, o **Bararoá**, figura de caudilho e gentilhomen, conclamando vassallos, amigos e indigenas, chefiando a sua tropa de bravos e lançando o terror nas hostes perversas da **cabanagem**, que vence gloriosamente nas cercanias da Serpa e de Luzéa, desbaratando-as para sempre.

No sólo desventurado de Mariuá ainda se encontram vestigios das edificações de Joaquim Tinoco Valente e de Lobo de Almada, Governadores da Capitania de São José do Rio Negro, erguendo palacios, fabricas e quarteis, num grandioso sonho de prosperidade e de força para a terra illimitada que governavam e defendiam — convictos de que aquella soberba Mariuá, á margem da negra caudal, seria a cellula de toda a civilisação da bacia amazonica.

Mariuá, porem, longinqua, esteril, insalubre, teria de desaparecer. E ficaram na terra abandonada os cadaveres de Tinoco Valente e Lobo

de Almada, os mais ardentes sonhadores da grandeza do Amazonas.



Desde os alcantis graníticos de Cucuhy (aonde, aliás, — dizem os velhos habitantes do rio — nunca foram os desterrados de Floriano Peixoto) ás formosas collinas do Logar da Barra — a esplendente Manáos contemporanea — a sua gleba sentiu o passado inquieto dos primeiros povoadores. Soldados, missionarios, degredados, aventureiros de todas as nações, perlustraram o rio escuro, internaram-se pelos affluentes, palmilharam serras, planaltos e varzeas, mataram ou cathechisaram selvagens, atravessaram florestas, perderam-se nas bre-nhas ignotas da Colombia e da Venezuela.

A imaginação de toda essa pleiade de violadores deveria estar cheia de miragens fabulosas, de visões inauditas, de intoleravel impaciencia, — de tudo o que ouvira nas longas viagens, ora no Atlantico a bordo dos velleiros antigos, ora nas proprias aguas do Amazonas.

Vinham todos tomados de um prévio deslumbramento que logo os entontecia ao verem

a imponencia das florestas e das aguas, e ao ouvirem as lendas colhidas nos terreiros das Malócas de indios mansos, onde os Pagés narravam historias espantosas e davam roteiros para as cidades de ouro perdidas pelo valle.

A certeza do premio ao labor sobrehumano; o subito apparecimento da *Manôa* dourada faiscando ao sól; a evidencia das serranias que deviam guardar nas entranhas todo o ouro da terra; a agua dos paranás e dos rios lavando esmeraldas e diamantes; as fabulas magnificas de Orellana, Pizarro, Almagro e Ursúa, correndo por toda a planicie, desde a cordilheira dos Andes até a fóz do *Mar Dulce* — davam aos forasteiros perturbados essa extrema intrepidez que ainda hoje assombra os historiadores.



Os bandeirantes do sul rasgavam longas vedas que os levavam ao seio das mattas impervias, ao ápice das serras desconhecidas, aos rios ainda sem nome — e as scenas de bravura e sacrificio abarrotam por ahi pesados volumes de commovedora literatura.

Mas, geralmente, os bandeirantes partiam em grupos numerosos, em aparelhadas **monções**, organisadas, armadas, instruidas, sob o commando de chefes experientes. E os louvores a esses pioneiros rebóam ha trezentos annos em vastos capitulos da nossa historia.

Merecem-n'os, não ha duvida. Ao destemor, ao soffrimento, á tenacidade dos antigos paulistas, deve o paiz essa homenagem.

Que se dirá, porem, da incrível ousadia desses homens que venciam as correntes do **Guaynia** — nome indigena do Rio Negro — e desapareciam nas suas selvas, rôtos, esfaimados, perdidos, sem companheiros, sem destino, sem recursos, cahindo em frente ás Malócas, tiritando nos accessos das maleitas, morrendo sob a palha dos **taperys**?

A que se pode comparar a audacia do Padre Samuel Fritz — o **Apostolo da Amazonia** — levantando em 1769 a primeira carta geographica do valle, atravez de peripecias que dariam veridicas tragedias, fundando para mais de trinta missões religiosas, percorrendo todas as regiões com uma sotaina esfarrapada e alpercatas de

couro crú, seguido apenas por um indio que o adorava?

Que coragem se poderia comparar a de Francisco Xavier de Moraes, que em 1747 atravessava a teia dos multiplos cursos dagua do alto Rio Negro, e rompia o Cassiquiare, ignorando certamente que transpunha o *divortium aquarum* das bacias do Amazonas e do Orenoco?

E á de Isidoro Ferreira, explorando sózinho o Waupés, o Issana, o Tiquié, nas fronteiras da Venezuela, affrontando a indiada bravía?

Mas seriam sem conta os factos de autentica temeridade desses exploradores do rio, desde esse Fritz inegualavel na seducção e na paciencia com que arrebanhava os nativos, até esses carmelitas que fundaram Mariuá, escolhida por Francisco Xavier de Mendonça Furtado, irmão do Marquez de Pombal, para séde da Capitania.

★

Todo o Rio Negro retém nas suas margens e nas margens dos seus grandes tributarios uma longa, estrangulante historia de heroismo, de supplicios, de maldades e de lendas.

As gentes do Orenoco espantaram-se diante de Xavier de Moraes, porque julgavam que a terra do Guaynia era povoada de monstros e gigantes, e nella tinham talvez nascido os estranhos mythos amerindios: O *Mapinguary* devorador, o *Caapora* maligno, a *Boiassú* insaciavel, a *Boiuna* aterradora — tudo o que a imaginação allucinada creara em delirios de pesadello.

O Rio Negro, deserto, sombrio, faminto como todos os rios de aguas escuras na Amazonia, doentio, triste, só poderia inspirar lendas sinistras.

Mariuá foi um erro inexplicavel dos primeiros Governadores; um seculo de retardamento para o Amazonas — e ninguem hoje acreditará que essa misera Villa de Barcellos foi antigamente a poderosa metropole da Capitania de São José do Rio Negro.

★

As suas terras sentiram tambem os passos dos grandes sabios que por ellas se internaram: Bernardo Pereira de Berredo, o historjador ines-

quecível dos “*Annaes Historicos*”; Alexandre Rodrigues Ferreira, autor de varias obras scientificas e da “*Viagem Philosophica pela Capitania de S. José do Rio Negro*”; Alexandre de Humboldt e Bompland (“*Voyage aux Regions Equinoxiales*”; Johannes von Natherer (“*Diario de viagens*”); e mais ainda em tempos mais proximos: William Edward, Wallace, Bates, Agassiz, Kock, Barbosa Rodrigues — toda uma constellação de primeira grandeza.

E as suas arvores devem reter ainda, na tristeza das frondes e na rede torturante das lianas, os soluços e as iras e as blasphemias, desse homem de genio, bohemio, cavalheiresco, transviado, ingenuo como uma criança, heroe como um conviva da *Tavola Redonda*, que foi Eustasio Rivera, transvasadas nas paginas doloridas de “*La Voragine*”.

O JACARÉ

Covarde, perverso, traiçoeiro, rastejando na lama negra do tijuco, varando igapós sombreados, escondendo-se na trama cerrada dos **matupãs** e nas moitas de canaranas e murys, arrastando-se pelos **furos**, rondando dia e noite os **taboleiros** das tartarugas, dormindo ou cochilando pelos barrancos, cortando vagarosamente as aguas dos igarapés ou dos lagos — o jacaré (*caiman niger*; *caiman scleropis*) vive em toda a planície, desde a embocadura do Rei dos rios ás vertentes andinas, talvez até no majestoso **Telhado do Mundo**, no Pico de Vilcanota, nesse pobre fio dagua onde nasce, como o mais humilde dos regatos, o maior dos rios da terra.

Quem o vê estirado entre as relvas, ou singrando na correnteza, ou vagando de leve na luzidia quietude dos lagos e paranás, lerdo,

escorregadio, vagaroso, mal poderá acreditar na sua medonha ferocidade, na agilidade pasmosa, no impeto instantaneo dos seus assaltos.

Às vezes, occulto nos capinzaes ou nas hervas, quieto, immovel, distendido, como se o tomasse profunda lethargia, parece inoffensivo, quebrado de fadiga ou deliciado em profunda indolencia gosando o calor do sól.

Mas, quasi sempre, é nessa attitude de socego e de inercia que elle monta guarda ao tosco ninho de oviparo trabalhado em galhos seccos, proximo á agua. Nada o faz abandonar a tenaz vigilancia. Vive para aquelle monticulo de oito, dez, doze ovos enormes, que dentro de pouco tempo irão perpetuar a horrenda especie. O instincto adverte-o de que sem esse permanente cuidado, a postura será devorada por outros animaes ou destruida pelos que não lhe perdoam a maldade.

Alli ficará até ver os filhos livres, espertos, correndo pelo matto, procurando a agua.

E animal ou ser humano que porventura se approximar desse ninho grosseiro, terá de se defender, seja como for, da mais furiosa, da mais brutal investida do monstro.

Fóra desse periodo de incubação, a defender a prole temerosa, perde a furia aggressiva; e só a sua arrebatada voracidade o leva a atacar o homem, mas ataca-o repentinamente, de surpresa, na meia sombra dos igapós, ou á noite, na calmaria dos lagos.

★

Ao contrario de tudo quanto vive na Amazonia, o jacaré prefere a cheia dos rios. Lança-se á agua, passeia, emigra, procura outras paragens, vae aos campos de pastagens da terra firme, ás restingas onde os bichos procuram refugio, acerca-se das casas dã varzea ameaçadas pelas aguas, vive sob os soalhos, sob os giraus, sob os tendaes de cacáu, numa promiscuidade indesejavel para todos.

A cheia é para elle um regalo, uma epoca de fartura e de liberdade.

Na vasante começa o seu supplicio. Corre para os lagos atestados de peixe. Nos primeiros mezes tem alli uma ceva consoladora. Descuida-se, vae ficando deliciado com a farta comezaina. Não percebe que as aguas vão bai-

xando, que as boccas do lago seccaram, que os barrancos cresceram por todos os lados.

Persiste. Não sae. Demais, as aguas fugiram. Tem a floresta apenas, onde não pode viver muito tempo porque é difficil conseguir alimento e tambem porque — diz uma das lendas mais interessantes da Amazonia — receia a onça, a unica féra que o devora, immobilisando-o com o olhar que o hypnotisa espectacularmente.

E o lago sécca, os peixes vão morrendo, tudo é fome e desolação; e elle alli fica, enlameado, faminto, covarde, moribundo.



O caboclo conhece-lhe a perfidia e a covardia. As habitações à margem dos lagos, dos paranás e dos igarapés são por elle continuamente assediadas e importunadas. Muitas vezes no alto silencio das noites amazonicas, se ouvem em torno das casas — juntamente com o soturno coaxar dos sapos, o resfolegar dos bôtos, o grito presago das *maty-taperês* e o compassado regougo dos *córocóros* — os seus ronc

rétumbantes, enquanto á tona dagua passam fugitivas e rutilantes as duas lanternas dos seus olhos, fulgurando na treva.

Habitua-se a esse cerco constante que lhe traz de vez em quando o proveito de algum alimento deitado á margem, ou de algum **chirim-babo** que se aproxima da beira dagua.

Geralmente o caboclo se acostuma com essa ronda macabra. Não o teme, não o escorraça, não o persegue, na certeza de que elle jamais ousaria penetrar no seu casebre indefeso, cuja porta de talas de palmeira não resistiria á força de uma criança.

Não o teme; e nas noites de excessivo bom humor senta-se á soleira da porta, perscruta a negrura em torno, imita-lhe os roncos profundos, attrahindo-o admirando-lhe a tocha amarella dos olhos e sorrindo quando elle responde presto ao seu chamado com outro ronco mais grave e mais lugubre.

Todavia, apesar do seu bom humor, da sua paciencia, da sua tolerancia, nunca perdôa quando o seu pobre cão é devorado pela féra faminta!

Estala, então, bruscamente, todo o seu odio — um odio vivo, abafado, persistente, (como o

dos seus ancestraes das Malócas) que o leva a pensar em segura, refinada vinda.

Não lhe basta ao saturado rancor a morte simples, rapida, estúpida, do saurio malvado que esraçalhou nas potentes mandibulas o seu querido companheiro de jornada e de caça. A bala do rifle, o arpão, o veneno infallivel, não lhe dariam a volupia de ver os soffrimentos do monstro que commettera tão grande crime.

E um dia toma o terçado, vae ao aningal mais proximo, corta um grosso tóro da aninga, alisa-o, prepara-o pensativo e risonho, envolve-o em intestinos frescos de peixe, atira-o á agua, deixa-o a boiar alli perto, no porto.

Toda a familia, — a mulher, os *corumis*, as *cunhantãs*, — vae ver o sensacional espectáculo: a astucia do homem contra a brutalidade da féra.

O tóro da aninga fluctua e lança nos ares o cheiro acre das visceras que o envolvem.

O jacaré vem á superficie; exhibe a horrenda cabeça, deslisa na agua mansa, observa tudo em torno na habitual expectativa de commensal sempre tolerado.

De repente vê o tóro boiando a tóa, sente o cheiro penetrante do peixe, tem um estreme-

cimento rápido por todo o corpo, brande a cauda enorme, precipita-se impetuosamente, doidamente, sobre o manjar magnífico, as maxillas escancaradas, os olhos accesos de gula.

Na aninga molle, viscosa, corticenta, cravam-se quasi com desespero os seus terriveis dentes ponteagudos.

Cravam-se! Espetam-se violentamente no tóro! E lá ficam, ferrados, ligados, presos no lenho molle, pegajoso, da vingadora *Montrichardia arborecens*.

O monstro, ao principio, fica attonito com aquella massa fixa na boccarra. Mas logo depois se enfurece, procura livrar-se do tronco pegadiço, atravessado, varado, preso nos poderosos caninos que trituram os proprios ossos dos outros animaes.

O seu desespero se vae tornando cada vez mais tragico, mais sombrio, mais tórvo. Debate-se, revolve toda a agua em rabanadas assustadoras; investe loucamente para a margem, solta gemidos alarmantes, rugidos que abalam a terra, uivos pavorosos, num largo, desordenado clamor.

Mas é inútil todo esse frenético arrebatamento, todo esse esforço encarniçado. A aninga não se esphacela, não se desfaz, não se deixa triturar; tem a resistencia invencivel de uma esphera de borracha.

E após dois ou trez dias de indisivel supplicio — exaustão, esfaimado, enlameado, grotesco — o jacaré vem morrer junto ao barranco, entre as cannaranas, sob o riso victorioso do caboclo.

O OURO DOS INCAS

Na “*Histoire de la Découverte et de la Conquête de l’Amérique*”, Campe assignala, confirmando, aliás, palavras de outros escriptores europeus e americanos, o commovente episodio historico, no qual os Incas, ameaçados por Francisco Pizarro, abandonam a cidade de Quito.

Ao atravessar as terras desconhecidas do Perú, Pizarro sente os mesmos deslumbramentos de Fernando Cortez invadindo o sólo dos Aztecas, onde Montezuma lhe offerece dois grandes globos de ouro e prata — symbolizando o sol e a lua — avisando-o, porem, de que não o receberia como hospede nos seus dominios. Infelizmente, todo o mundo o sabe, foi inutil o aviso, e Montezuma pagou bem caro a insolita cortezia.

Francisco Pizarro, aventureiro inculto e aspero, que seria mais tarde elevado a Marquez pelo rei da Espanha, não teve essa estranha recepção. Os seus dois emissarios foram recebidos como excellentes amigos, com honras excepcionaes. Viram a riqueza descommunal em todos os cantos da nova terra da America; apalpam o ouro e as pedrarias expostos como simples ornamentos em todas as habitações por onde passaram guiados pelos vassallos de Atahualpa.

Viram tudo; observaram tudo; e voltaram doidamente ao acampamento do grande chefe, assombrados, perturbados, delirantes, como se houvessem percorrido uma região de lendas e de sonhos, acima da humana imaginação, e onde a ambição dos homens, por mais ardente e absurda, adormeceria saciada.

No pequeno exercito de Pizarro, esfarrapado, arrasado, combalido por longas caminhadas e pelas molestias, cansado daquellas marchas pungentes desde a orla do oceano, atravez das punas frias da cordilheira até os llanos encharcados — correu como uma scintella a estonteante noticia.

Nem sequer ouviram dos emissarios a informação de que, alem desse ouro, dessa prata e dessa pedraria rutilante, havia em todo o paiz a delicia dos campos cheios de manadas de gado, a belleza confortadora das searas, os grandes pomares pejados de frutos — um maravilhoso territorio de abundancia e de paz, que os recompensaria dos tormentos da escabrosa viagem.

Não quizeram ouvir! Não os interessava esse insignificante detalhe de repouso e fartura.

Aquelles homens que haviam deixado as Antilhas e avançavam agora pelo continente como uma avalanche de barbaros sequiosos de ouro, e que não estacaram diante dos obstaculos da natureza, jamais pensaram em doçuras campestres, em folgado socego, em secundarios problemas de alimentação.

Todas as suas idéas convergiam açodadamente para esse ouro adorado que lhes enchia a imaginação, desde a alegre partida da Espanha nas morosas caravellas.

Por elle, por esse metal que os tornaria poderosos como os monarchas, soffreram fome e sêde, guerras e humilhações, molestias, fadigas, tempestades, — todas as miserias, todos

os supplicios. Grande parte dos companheiros ficou pelos caminhos, no seio do oceano, nas ilhas selvagens, nos gelos da cordilheira, na floresta mortifera da planicie, extenuados ou mortos, maldizendo a tragica aventura daquella invasão atravez das montanhas desoladas e da gleba peruana.

E toda a furia dessa arrancada infrene, porque um bugre de Haiti dissera que alem da cordilheira, havia um grande paiz cheio de ouro e um grande povo civilizado e pacifico.

Não mentira — mercê de Deus! — o pobre bugre das Antilhas.

Estavam, afinal, nas fronteiras desse admiravel paiz; e os mensageiros de Francisco Pizarro traziam ao desalentado acampamento a nova deslumbrante: — ouro, muito ouro em toda a região! Nas cidades, nos monumentos, nos palacios, nos templos, nas casas mais pobres, fulgindo á luz morna dos tropicos, ao alcance das mãos soffregas. Todo esse thesouro inconcebivel lá estava, perdido entre aquella gente simples, arredada do mundo, isolada do continente europeu, sem vicios, sem

corrupções, sem maldades, exhibindo uma civilização desconcertante.

★

Não se contam, desde esse momento memorável, as arremettidas, os combates, a desordenada investida dos conquistadores, saqueando, matando, destruindo, tomados da mais desenfreada ferocidade.

Foi numa dessas tyrannicas investidas que Francisco Pizarro, aprisionou Atahualpa, temendo alguma traição.

Perdido, cercado pelos espanhoes que exigiam toda a riqueza dos habitantes e matavam os homens válidos e arrombavam as casas e estupravam as mulheres — o Inca prisioneiro offereceu, em troca da sua liberdade e da vida dos seus subditos “um aposento de 22 pés de comprimento por 16 de largura, cheio de ouro até a altura que pudesse attingir a mão do conquistador”.

O aventureiro accitou a sublime proposta. Os seus commandados deliraram de alegria. O aposento encheu-se de ouro sob os seus olhos esgazeados!

Mas, dias depois, receiando talvez uma vingança do povo, ou talvez ambicionando o governo do paiz fabuloso, Pizarro mandava enforcar em Cajamarca o Inca magnanimo.

São assim, quasi todas, as scenas brutaes dessa sanguinaria conquista, mesmo porque, por uma simples questão de logica, era essa a mentalidade da epoca.

Uma, porem, sobresaee singularmente em meio dessa triste derrota de uma grande nação. È aquella na qual Francisco e Gonçalo Pizarro, tendo segura denuncia de que todo o ouro fôra transportado occultamente para a cidade de Quito, reuniram todos os seus homens, deixaram o pongo de São Miguel e abalaram furiosos para a longinqua cidade.

Após longos dias de aspera jornada, tiveram, enfim, antes os olhos a cidade rebelde.

Mas... tristissima decepção! Quito não tinha mais um só habitante; as casas estavam abertas e vasias. As obras de arte derrubadas. As ruas em silencio como as de uma necropole.

Que destino teria tomado essa gente heroica de Quito?

Francisco Pizarro jamais o soube, e até morrer, em Cuzco (assassinado pelos partidários de Almagro) perguntava a si mesmo que rumo teria escolhido esse povo na immensa planície?

Os historiadores antigos e contemporaneos perdem-se em largas conjecturas, porem quasi todos admittem uma hypothese que se firma na topographia da região, nas lendas dos selvicolas, em tradições que ficaram como continuas advertencias enchendo todo o valle amazonico, de norte a sul e de éste a oeste.

Brion, D'Anville, o Padre Gomilla, muitos outros, affirmam que elles atravessaram o Rio Negro, penetraram no valle do Rio Branco, nos limites septentrionaes da Amazonia, e fixaram-se no **Lago Parimé**, que os indios chamaram sempre **Lago Dourado**.

Nicolau Horstman sae da sua patria, vem ao Brasil, sobe o Amazonas, visita o lago celebre, que descreve em suas notas de viagem. Mas deixa entrever que se enganou no roteiro que lhe tinham dado.

Roberto Schambnogle, em 1837, entra no Tacutú, affluente do Rio Branco, e vê o lago

descommunal, em cujas margens — affirma com indiscutivel circumspecção — encontrou vestigios de uma cidade sumptuosa.

Felippe Uten parte de Venezuela, e com 130 homens sob seu commando, procura descobrir o **El Dorado** do qual lhe falara Pedro Simpias: — uma grande cidade fundada no Rio Parimé, affluente tambem do Rio Branco, pela gente que fugira de Quito.

Uten perdeu-se nos contrafortes da Roraima e voltou tempos depois a Venezuela, desiludido e doente.

Apesar das expedições e dos fracassos, muitos outros foram em busca do **Lago Dourado**.

No **Atlas de François**, na carta geographica de Brion, no mappa traçado pelo Padre Gomilla, encontra-se desenhado vivamente e seductoramente o Lago mysterioso, que de certo permanece nesse encantador recanto do Amazonas, perdido talvez entre os verdes campos-geraes, ou em algum pendor de serra, ou na floresta inviolada, á espera do homem demasiadamente afortunado que possa mergulhar as mãos nas suas aguas sagradas e dellas retirar o ouro e os diamantes que os Incas lá deixaram.

Atraz desse ouro e desses diamantes, que ha quatrocentos annos estão no fundo do Lago **Parimé**, partiram dezenas de creaturas humanas, soffregas, ávidas, ansiosas, com uma illuminada esperança nos corações.

Muitas dessas creaturas perderam-se nos infinitos lavrados; muitas morreram; poucas voltaram, maldizendo a tragica aventura.

Mas, lá está esse thesouro formidavel — assim dizem os velhos **Tucháuas** e os velhos **Pagés** das tribus, que transmittem o que ouviram dos seus antepassados.

E os indios nunca mentem. Não mentiram os de Haiti indicando a Francisco Pizarro a terra deslumbrante dos Incas.

Lá está, portanto, o thesouro. O homem que o encontrar será o mais rico da terra e o mais celebre. E terá entre as mãos o destino do Mundo!

A CASTANHEIRA

A castanhcira — “*Bertholetia Excelsa*”, de Humboldt e Bompland — da familia das myrtaceas, é uma grande arvore magnanima, a erguer o caule rugoso e pardo numa vertical impeccavel, elevando acima das suas irmãs vegetaes a espalhada coma verde.

Em quasi todo o valle amazonico, nas duras crôstas de terra-firme, ella se assignala pela fronde altaneira, rompendo, ultrapassando a ramaria em torno, dominando a selva toda com serena, triumphante majestade, tendo apenas a excedel-a, entre milhares de especies, a *sumau-meira* monumental que muitos botanicos julgam mais imponente que o *baobab*.

É profundamente, soberbamente prodiga. A gente autoctone, expulsa e combatida pelos invasores da planicie, jógada para o amago da

jungla, espoliada e vencida, nella encontrou sempre subsistencia e refugio.

E mais tarde o proprio invasor desalariado — egresso desventurado dos seringaes fallidos — escorraçado por sua vez das barracas de pas-hiúba e das **estradas de seringa**, desilludido ou enfermo, foi procural-a, afflicto, renegando ambições.



Nos primeiros tempos, quando as correntes migratorias não penetravam nos altos rios da bacia amazonica, e a existencia era facil e doce, — a castanheira, ainda desconhecida, fôra apenas alimento e consôlo de aborigenes.

As fibras tiradas do seu fuste serviam para a nudez do indio e para o calafeto das igaras.

As brancas amendoas, de exquisito sabor de leite crystallizado, eram a delicia de selvagens e mamelucos, que na epoca da colheita, ao fim do anno, estendiam pela matta o descuidado acampamento dos taperys, e durante dois ou trez mezes levavam uma vida de alegre nomadismo entre as **reboladas** dos castanhaes e os lagos cheios de peixe. Pescavam ou matavam

as cotias que vinham roer os ouriços. Nada lhes faltava, nem a farinha indispensavel, porque fabricavam o magnifico **piracuhy**, — a farinha de peixe, gostosa e nutritiva.

Mas a amendoa appetitosa appareceu um dia na casa do civilisado; e logo recebeu alvoçados elogios, e iniciou o seu novo, agitado destino.

Sagaz, mercantilizado, calculista, o homem da cidade scismou naquelle novo manná que se desprendia, natural e abundante, dos altos galhos de uma arvore, sem a complicada solennidade dos milagres. Com enorme alegria notou as vivas acclamações, o exito, as homenagens — e anteviu promptamente, escancarada e seductora, a larga porta do commercio e do lucro.

Todavia, durante dezenas de annos, a castanha permaneceu singelamente nos lares patrios, nas pequeninas cidades paraenses e amazonenses, vendida a preços modestos, ora pura, ora transformada em leite inegualavel para misteres culinarios, ora fornecendo o oleo finissimo para os cabellos negros das cunhãs porangas.

As estatisticas trazem-nos informações curiosas: — em 1830, no Amazonas, um alqueire

de castanha custava 240 reis; em 1860, 2.900 réis.

Bernardino de Souza, — citado por Agnello Bittencourt na *Chorographia do Estado do Amazonas*, — diz que “as amendoas de castanha não entraram na ordem dos artigos de commercio, senão nos primeiros annos do seculo. (1873). Em 1875 eram tão pouco apreciadas que apenas se empregavam para sustento dos animaes domesticos”.

Era assim naquelles tempos.



Certa vez, porem, um negociante esperto fel-a atravessar as fronteiras do paiz e lançou-a nos mercados da Europa, como simples tentativa.

Foi triturada pelos dentes do europeu. Celebrisou-se rapidamente. Civilisou-se, figurou, exotica e sensacional, nas mesas dos millionarios em noites de Natal.

Desde essa aventura emocionante, perdeu a apparencia burgueza, como já perdera a feição selvagem.

Tornou-se notavel, afamada, procurada. Sahiu da humildade dos **paneiros** caboclos e dos **aturás** indigenas para o bojo de aço dos transatlanticos, medida, lavada, esfregada, classificada principescamente nas tarifas alfandegarias e nas grandes transacções commerciaes.

Alcançou de subito um glorioso fastigio. As cotações elevavam-se em cada safra, surprehendendo as praças e os habitantes do valle.

Por fim, os seus preços tomaram proporções inesperadas, absurdas, incriveis. Em 1830 o alqueire custava 240 réis; em 1860, 2.900; em 1873, 5\$000; em 1928, 145\$000 o hectolitro! Em 1924 o valor official de exportação era de dezeseite mil contos de réis!

Tem-se mantido assim, mais ou menos.

Por toda a Amazonia, desde as serranias do Rio Negro aos altiplanos do Acre, do Madeira, do Solimões, do Trombetas, de todos os rios e de todas as regiões da Hylea — passou freneticamente, uma larga rajada de fascinação e de avidez.

A grandiosa myrtacea tomou, nessa phase de estupendo successo, aspectos de arvore re-

demptora lançando bençãos de bondade sobre um povo imprevidente.

A sua historia ingenua passou a ter capitulos inteiros de tormento e de sangue.

Os dramas dos seringaes — tão vastos e tão impressionantes que encheram toda a barbara literatura de uma raça — tiveram, então, um desgraçado prolongamento; e de novo reboaram nas florestas da Amazonia, do Pará ao Acre, as descargas dos rifles entre bandos humanos que se entredevoravam; rasgaram os ares as flechas dos selvicolas, em arrebatadas represalias; braços ferozes manejaram terçados e punhaes; indios e caboclos foram expulsos, feridos, trucidados pelos novos invasores.

Felizmente, no embate furioso a castanheira ficou illesa.

Por sua propria natureza, pelos seus intrinsecos privilegios, manteve, apesar da ganancia tremenda, a gloriosa integridade.

Gigantesca, resistente, secular, exerce impassivelmente a função generosa. Em Maio, que é a sua primavera, enfeita-se de flores como deliciosa promessa de abundancia. Em Setembro despe a espessa folhagem deixando ver os

frutos pequeninos, verdes ainda, pendendo dos galhos nús num outomno maravilhoso. De Dezembro até Abril vae despejando os ouriços maduros, pardos, pesados, que se desprendem dos ramos altissimos e retumbam no sólo como espheras de chumbo. Vêm pejados de amendoadas; e muitas vezes homens e animaes têm morrido esphacelados sob o terrivel bombardeio.

Certamente, á normalidade dessa funcção vegetal, á certeza com que ella offerece as suas nozes, e talvez á perigosa queda dos ouriços, se pode manter, atravez de tantos desatinos e tão desvairada cobiça — intacta e veneravel.

E enquanto a seringueira vae morrendo sangrada pelas machadinhas, asphyxiadas pelos arrôchos, perseguida até á fronde pelos mutás que se erguem em torno do seu caule; enquanto a **Castillôa** desaba a golpes de machado, estrondando pela matta com os gritos loucos dos cáucheiros; enquanto a **Mimusops** se desfaz em leite e succumbe tristemente retalhada para o preparo da balata; enquanto a copahibeira arrombada no tronco, fenece lacrimejando a ultima gotta de oleo; enquanto centenas de especies vegetaes se extinguem sob a exigencia

das industrias ou sob a maldade dos homens — ella, a imponente *Bertholetia Excelsa*, atravessa triumphalmente a sanha desenfreada e abarrota cofres publicos e particulares.



Mas abarrota por emquanto, no momento que passa.

A Amazonia não sabe guardar suas riquezas; é imprévidente e perdularia.

O phenomeno economico da borracha repete-se desoladoramente na castanha. Talvez os mesmos vapores que carregaram para terras da Asia toneladas de sementes da *Hevea*, ha mais de vinte annos passados, talvez esses mesmos vapores tivessem levado toneladas de ouriços para a mesma região, ha pouco mais de um decennio.

A verdade é que nas possessões inglezas da Asia o plantio da castanheira augmentou fabulosamente; e uma revista agricola da Grã Bretanha annuncia escancaradamente que a proxima safra é calculada em cincoenta e quatro mil toneladas!

CHEIA AMAZONICA

Sobre a varzea escura jorra incessantemente o lento aguaceiro do inverno.

Dia e noite o vendaval, em frias e largas rajadas do vento sul, revira os galhos das embaúbas, açoita os ramos frageis das ueranas, arripia ao longo da margem a folhagem macia dos murys e atravessa a floresta bramindo, gemendo, silvando entre as frondes numa furia desatada.

O grande rio galga a pouco e pouco a terra molle dos barrancos, que se esborôa ao choque insistente dos banzeiros. Invade a teia sombreada dos igâpós lambendo os troncos das arvores como se tentasse afogal-as de vez ou arrancar-as do sólo e leval-as na vertigem da correnteza. Penetra nas embocaduras dos lagos num rugido de gula insatisfeita. Vara a matta-

ria pelos furos assustando a fauna que foge alvoroçada em busca dos têsos.

E por toda parte, empolado, crescente, tenaz, lança como estranho mollusco gelatinoso as formidaveis antenas.

A varzea vae-se transformando num ermo gelado, encharcado, morto; e na aterradora desolação desse ermo cresce, soturnamente, o mudo pavor da **agua grande** dos selvicolas — agua sinistra, que afoga a terra e suffoca sem piedade toda a alegria e toda a vida.

★

Ainda corre o mez de Maio, ainda está longe esse dia de São João, que marca o limite da enchente — e já o talude esbarrondado, roído pelo rio tumido, vae desaparecendo, tragado aos palmos em cada noite.

Nas terras mais baixas, onde viceja o aninjal, as aguas elevam-se, alastram-se como vastas manchas de azeite desdobrando-se nas ravinas e deixando na gleba conquistada monticulos de galhos seccos, touças informes de capim, detricos esparsos onde se amontôam irrequietas as terriveis **formigas de fogo**.

A caudal sobe mais, numa lentidão mortificante, ameaçadora como um flagello inevitável.

Nas pobres roças dos moradores desabam tristemente gramíneas e leguminosas, pendidas para o chão enlameado e arrastadas no enxurro da invernada.

E como amargo prenuncio de catastrophe se vê, nas nesgas estreitas das restingas — derradeiros refugios de um chãos em perspectiva — animaes assustados, esquecidos dos proprios instinctos de ferocidade, agrupados, unidos, numa promiscuidade nunca vista, como que assombrados diante daquelle deserto liquido onde tudo vae morrendo em mergulhos funestos.

Não ha uma parada, um momento de interrupção, um armistício, naquella impetuosa avançada. O rio soberano não investe em catadupas tropejantes, não escachôa, não ruge, não se despeja em borbotões demolidores. Arfa, sobe, dilata-se, distende os longos braços mortiferos, contornando, bloqueando as restingas.

Os dias vão passando nessa asphyxiante expectativa, no temor da alagação, no angustioso receio das terras cahidas reboando na solidão

da noite, como se o proprio mundo se desmorrnasse em fragmentos.

Pelos barrancos, onde as aguas vão fazendo um surdo trabalho de sapa, pendem, aqui e allí cacáueiros, taxizeiros, embaúbas, ueranas, arbustos, arvores de toda especie, com as raizes á flor do sólo, as comas meio occultas nas aguas; e de vez em quando um exemplar maior, um mulateiro (*pentachetra filamentosa*), uma envireira (*xilopia sp.*) ou alguma sumameira, retumba como um trovão na queda formidavel.

São os monarchas da flora acompanhando a sua pobre côrte naquella tragedia do anniquillamento.



Em Junho a poderosa torrente arremessa os ultimos jactos descidos dos manadeiros e multiplicados pelos affluentes. Não fosse — explica Euclides da Cunha, referindo-se ao Purús — a valvula de segurança dos lagos, funcionando como diques providenciaes, retendo a assoladora avalanche liquida, de certo toda a terra amazonica desapareceria numa terrifica inundação.

Sob a luzente mortalha das aguas toda a terra alluvionica — terra fragil e nova que o rio creara para destruir, no mais absurdo dos caprichos de hydraulica — vae-se sumindo de vez.

Tudo se transforma no desmedido scenario. O rio perde o aspecto de corrente rumorejando entre a frescura das margens majestosas em busca da fóz e do oceano. Tem agora a impressionante amplidão de um lago sem fronteiras, sem orlas, sem termo, ora reluzindo livremente na vastidão das bahias, ora deslizando nos igapós onde centenas de arvores mostram apenas as frondes verdes quasi rentes á correnteza.



E' a cheia amazonica — a devastação, o soffrimento, o desabrigo, todo o clamor de uma gente faminta expulsa das terras submersas: antithese expressiva dos dramas crueis nas longas estiagens do nordeste.

Essa pobre gente resistira até o ultimo instante.

A agua ia subindo diariamente, impiedosamente. Sob os casebres erguidos a um metro do sólo, a agua livre corria, rodopiava de leve pelos esteios. Já os animaes domesticos haviam sido agasalhados a um canto, tolhidos, tristes, como se presentissem o acto final de todo aquelle longo supplicio.

A agua subia cada vez mais. Os tôscos degraus da escadinha á frente das casas sumiam-se um a um, levando as derradeiras esperanças de uma interrupção na enchente brutal.

Os criadores das varzeas conduzem nos batelões todo o gado para os campos de terra firme, porque a agua já começa a lavar a estiva das **marombas**, e as rezes, com os cascos amolecidos vão cahindo a todo momento em mugidos de angustia.

A escadinha de madeira — o indice presago daquelle martyrio — desaparecia tambem, numa noite gelada de aguaceiro e de **friagem**. A torrente entrava pelas casas, lambendo os soalhos, arrastando pequenos objectos, fugindo e reaparecendo pelas gretas e pelas portas, dansando doidamente na agitação dos **banzeiros**.

A obstinação da Natureza vencia, afinal, a obstinação do homem.

O unico recurso era a fuga — a montaria ou a igarité carregada de gente, de moveis, de animaes rumando para algum trecho de terra firme e para a desgraça de um exilio torturante.



Na varzea alagada onde houvera alegria, vida, felicidade, restam apenas os tectos agudos das casas e das choupanas repontando na branca solidão das aguas, parecendo dorsos de saurios gigantescos, egressos de regiões remotas, subitamente detidos entre as ruinas de um terremoto.

E a grande caudal, girando na mansidão dos remansos, contorcendo-se nos circulos dos rebôjos, fugindo no fio da correnteza, arrastava continuamente para outras paragens a espuma amarellada, as arvores arrancadas nos barrancos, as tronqueiras collossaes, as formosas ilhotas de cannarana povoadas de feras e de passaros, emigrando suavemente rio afóra.

PELAS FRONTEIRAS

No oeste amazonico, aonde o Solimões, o Javary, o Putumayo, vão sinuosamente estendendo as longas faixas liquidas que limitam o Brasil, o Perú e a Colombia, ha um trecho de terra que sempre foi um perigo para a paz do continente, tal como foi o chaco Paraguayo.

Nesse remoto recanto da planicie o tempo não poude abafar o rancor que malquistou dois paizes — Colombia e Perú, desde 1830, quando o primeiro exigia o cunprimento do Protocollo **Mosquera-Pedemonte** que estabelecia as linhas divisorias.

Desde então, ha mais de um seculo, vem rolando pelas chancellarias das duas nações, em publicações que formariam uma bibliotheca de muitos volumes, esse pleito insolúvel e enfiadonho.

O Brasil, o Equador, a Venezuela, em successivos entendimentos, desde que Portugal e Espanha começaram a se interessar pelos seus dominios americanos, foram firmando, atravez de memoraveis contendas, os seus limites com a Colombia, muito embora sem rigores topographicos.

O Perú, entretanto, persistiu nas suas convicções, protestando contra o celebre Protocollo, em longos estudos de Moncayo, Briceno, Zegers, Villanueva e muitos outros — historiadores, estadistas, geographos — que impugnarão a pretensão colombiana de estender a sua jurisdicção ás povoações de Yaguas, Atacuari e Leticia, approximando-se desse modo das margens do Solimões, e consequentemente com livre accesso para o Amazonas, o que considerava indispensavel ao seu commercio e a sua eficiencia militar.

A famosa questão em torno do famigerado trapezio de Loreto, ora latente, ora exacerbada, teve periodos de intensa repercussão nos dois paizes, e afinal chegou á phase dos meios extremos, quando ambos resolveram decidir pelas armas o pleito secular.

Felizmente, porem, para tranquillidade de todos, a intervenção da chancellaria brasileira evitou essa luta cujas consequencias eram imprevisiveis, mas que certamente viria collocar o Brasil (como se observou logo de início) em desagradaveis embarços.



Durante essa época de exaltações patrioticas, de ardente nervosismo, de reptos emphaticos, de respostas candentes e de furiosos preparativos para a guerra — Manãos viveu tambem grandes dias de agitação, de surpresas, de inquietações, aguardando o desfecho das hostilidades.

Cosmopolita, moderna, encantadora, civilisada, sem velharias, sem mazellas, sem bairros sórdidos, sem os residuos sociaes que são o tormento e a tristeza das grandes cidades, mesmo do Brasil, — Manãos, no entanto, atravessava um lethargico periodo financeiro. Os productos do Estado, todos elles, desde a borracha á balata, soffriam terriveis desvalorisações; a industria arrastava-se aos tropeços; e o commer-

cio, reflexo desses phenomenos geraes, fazia prodigios para não succumbir a tantos desastres.

Mas era inevitavel — apesar da nossa firme neutralidade — a concentração de todo o movimento bellico dos paizes visinhos na formosa capital, tão proxima da margem do Amazonas, mantendo communições directas e rapidas com o sul do paiz, a Europa e a America do Norte.

E Manáos começou a ser, principalmente para a Colombia, segregada na immensa planicie, uma especie de succursal do governo colombiano, que para lá mandava os seus diplomatas, os seus agentes de negocios, o seu dinheiro.

Um homem que tem a mania infeliz dos calculos disse, com esplendida segurança, que só na praça de Manáos a Colombia despejou em aquisições de viveres, de tecidos, de instrumentos, de varias cousas, para mais de vinte mil contos de réis.

Mais de vinte mil contos! Quem quizer avalie o que isso significa para uma cidade de pouco mais de cem mil habitantes, em meio de uma detestavel crise financeira.

As pequenas industrias resurgiram vivamente, o commercio, a lavoura e a pecuaria reviveram desafogadas, os cabarets e as casas de jogo reapareceram por toda parte — e uma grande alegria perpassava pela fascinante cidade. E como a guerra (mesmo sem ser um mal necessario, e sem ser tambem a “maior Hygienisadora de povos” como proclama o insuperavel cabotinismo de Marinetti) traz sempre um proveito — um homem que ganhou cincoenta contos num cabaret, perguntava, com o humorismo digno de Shaw, que mal tinha feito o Amazonas ao Sr. Afranio de Mello Franco!



Nesse scenario selvagem, mesmo defronte dessa pobre Lécicia peruana, ergue-se outro misero logarejo, esquecido, abandonado, ignoto, que o Sárgento-mór Domingos Franco, em 1776, fundara com o nome um pouco poetico de **São Francisco Xavier de Tabatinga**, nelle installando um Posto Fiscal para conter a corrente contrabandista, construindo mais tarde, por ordem do Governador Athayde Teive, um Forte para substituir o do alto Javary na fronteira com o Perú.

Desde esse tempo, Tabatinga tem cumprido a sua monotonica missão de sentinella inócua, defendendo, num grotesco euphemismo militar, explorado pela literatura em torrentes de sarcasmo — essa zona fronteiraça.

Não tem historia, não tem feitos de especie alguma, não tem vida, não tem incidentes, não tem nada, a não ser (felizmente numa época longínqua) dois casos melancolicos.

O primeiro refere-se á prisão do seu proprio commandante, um certo Major Eusebio Antonio Ribeiro, que se recusou a entregar essa Praça de Guerra á gente espanhola.

O segundo é muito mais edificante. Passasse em 1836, isto é, sessenta annos depois da sua installação. E' um officio do seu commandante á Camara de Manáos nos termos seguintes, conservada a respectiva orthographia:

“Recebi o Officio de V. Sa. datado de 23 de Setembro ultimo e juntamente a Acta do dia antes da reunião do Concelho extraordinario assignada pelas Auctoridades e Cidadões para deliberarem sobre a defeza e segurança dessa Villa e Camara e fico sciente da deliberação do Con-

celho. Respeito a requisição que V. Sa. faz sobre as munições e Armamentos remetto o que consta da relação inclusa, a cargo do Tte. Ambrosio Fernandes para entregar ao Commandante Militar o Snr. Tte. Francisco Pedro Corte. Aqui não ha polvora desde o anno de 1832, foi-me necessario desmanchar 1 caxote de cartuxo de mosquetaria arroinados, passalos a peneira para tirar alguma polvora para novos cartuxos; e mandar alguma para a Freguesia do Tanary, com 200 cartuxos, 10 Armas e outras munições: Vão 2 caxotes de cartuxos arroinados e tinhão a conta de 3.000; o Snr. Tte. Comte. como hé official de Artilharia pode mandalos desmanchar, peneralos e tirar alguma Polvora para cartuxos e a outra servirá para Artilharia, que hesista que não tenha o seu verdadeiro efeito sempre fará ruina; os Cartuxos com Balla e metralha de 1.4 tem mais de 2 arrobas de Pólvora boa, e pode servir para o que for necessario: Vão 10 Armas arroinadas e aqui só me fica 10 das que havião de reserva, e não muito boas. Muito sinto as aflições e emcomodos que V. Sa. e as Auctoridades, e os Cidadões terão tido, causados pelos perversos rebeldes;

eu não tenho menos cuidado nesta Fronteira por falta de Defençores pois não tenho aqui mais que 5 soldados de 1.^a linha e 5 Nacionaes que pedi ao Comte. da força legal de Javary; muito desejo e espero que essa nova reunião dos perverços seja inteiramente rebatida pelos honrados e valerosos brasileiros dessa Villa e Comarca; eu bem desejo prestarme com verdadeiro patriotismo em defesa da Lei e socego dos habitantes fieis. Deos guarde a V. Sa. Tabatinga 10 de Novembro de 1836. Illmo. Senr. Francisco Gonçalves Ribeiro, Presidente da Camara da Villa de Manáos. **Vicente Ferrer de Souza**, Major Commandante. (Bertino Miranda — “A Cidade de Manáos” — Appendice, pag. 60).



Esse officio define limpidamente o que já era Tabatinga nessa epoca.

Assignalam-n'a agora, nesse tristissimo mattagal, alguns casebres, uns restos de antigo edificio de alvenaria, canhões archaicos meio enterrados no capinzal, e em volta a selva sem fim, o silencio, a ruina e o ermo, que se estendem

por todo o Javary até Benjamin Constant, a antiga Remate de Males — nome exuberantemente expressivo de um dos recantos mais sinistros do valle amazonico.

Ninguem sabe — ou pelo menos não foi publicada — a impressão recebida pelos officiaes do nosso exercito e da nossa marinha de guerra diante desse Forte que protege os nossos limites no oeste do Amazonas. Lá estiveram muitos desses officiaes, nos dias turvos das ameaças de guerra entre a Colombia e o Perú.

Todavia, devemos agradecer a todos elles esse silencio, esse sentimento de pudor, que é tambem uma interessante manifestação de patriotismo.



São assim todos os Fortes que no septentrião brasileiro defendem hypotheticamente as nossas vastissimas fronteiras. Tabatinga foge talvez um pouco a essa brutal ironia porque é tambem um dos mais terriveis sectores da endemia palustre na planicie amazonica. E por enquanto o impaludismo tem sido por alli um grande alliado ao qual o Brasil talvez deva a

felicidade de não ter sido ainda invadido pelos janizaros da politica imperialista.

O de **São Joaquim**, na fóz do Tacutú, na região do Rio Branco, ao norte do Estado, construido por Felipe Sturn, em 1776, por ordem do General Pereira Caldas, para impedir as incursões espanholas, possuiu uma muralha notavel para a epoca, varios canhões, casamata, paiol, consideravel guarnição permanente.

Á fóz do rio Tacutú, dominando o Uraricoera, edificado numa elevação de terreno, fez recuar durante annos seguidos as hordas de aventureiros que desciam dos contrafortes do Parima-Goyano vindos da Venezuela e da Guyana Inglesa.

No segundo imperio começou a sua decadencia. A Republica repudiou-o de vez.

Inutil, deserto, arruinado, a guarnição federal viu-se obrigada a abandonal-o. Mas, talvez para sentir ainda o contacto das suas muralhas que assistiram a scenas de heroismo, ergueram numa collina proxima alguns casebres de palha para abrigo dos soldados.

Certa vez, porem, o rio Tacutú cresceu demasiadamente numa cheia tremenda, e as suas aguas, que não podiam attingir ao deploravel acampamento, deixaram, no entanto, por toda a collina um enxame infernal de formigas de fogo.

E foram essas formigas, teimosas, innumeraveis, causticantes como brazas, que, afinal, desalojaram dalli a força federal, aquartellada depois na Villa de Boa Vista!

As formigas!

Nem Swift, nem Bernardo Shaw, nem Pirandello, nem ninguem, seria capaz de conceber um lance de tão diabolico humorismo.

★

A historia dos outros Fortes do Amazonas tem apenas variantes que não merecem comentarios.

O de São José construido no anno de 1700, precedeu a fundação do Logar da Barra, que é a maravilhosa Manãos de hoje.

Sabe-se muito vagamente que foi edificado por um portuguez que se chamava Manoel da

Motta Falcão, um nome desconhecido na historia do Amazonas.

Quando rebentaram os primeiros motins para a independencia da Comarca do alto Amazonas, na famosa **Abrilada** de 1832, foi artilhado com 30 peças, elevada a guarnição a 1000 homens e reforçados os seus muros. Mas, pouco depois se rendia sob o bombardeio da canhoneira **Independencia** que viera do Pará. (Bertino Miranda — “A Cidade de Manáos”).

O de **São José de Marabitanas** mandado erguer pelo Governador do Grão-Pará, Manoel Bernardo de Mello e Costa, bem como o de **São Gabriel**, ambos no Rio Negro, tiveram o mesmo sombrio destino. Assim tambem o do “Principe da Beira”.

Ficou por alli apenas a ficção do **Cucuhy**, degredo para insubordinados, tapera lugubre na terra mais desconhecida do planeta.

Dos outros nem mais ruinas existem.

A BORRACHA

Será impossivel atravessar um trecho da floresta amazonica, proximo aos cursos superiores dos rios meridionaes, sem que se nos depare de vez em quando a silhueta de uma arvore vulgar, de 10 a 18 metros de altura e 1 a 2 de diametro, esgalhando-se no alto formando uma fronde asymerica e esparsa, composta de folhas pequeninas, de um verde claro e triste.

È a *Hevea brasiliensis*, da familia das euphorbiaceas, que, apesar desse aspecto quasi humilde, é a arvore mais importante, mais notavel, mais rica de toda essa massa florestal que, no norte do Brasil se estende compactamente desde a **Ponta dos Mangues Verdes** do Maranhão até as cabeceiras do Javary, seguindo ainda, alem das nossas fronteiras, até os valles do Ucayali, do Huallaga, do Napo, do Içá, do

Waupés, numa area avaliada em mais de trez milhões de kilometros quadrados.

Nenhum, dentre tantos milhares de seres vegetaes, tem uma historia tão vasta e tão sensacional.

Os indios utilisavam o leite da **Hevea** na confecção de seringas, botijas portateis, que enchiam de agua, de oleos e outros liquidos e levavam nas suas continuas viagens pelo valle. **Borracha** foi um termo posterior, que lhe deram os primeiros civilizados que aportaram ao Amazonas, devido tambem á semelhança desses depositos com os fabricados com o couro de boi ou carneiro usados pelos viajantes.

Durante muito tempo não teve outra função.

Um dia, porem, um homem, um sabio comissionado pela Academia de Sciencias de Paris para determinar nas terras peruanas o quarto do meridiano terrestre, — Charles Marie de La Condamine — observou a singular propriedade desse lactex.

Jainais as arvores da mesma especie encontradas nas selvas da Africa, da India e da Aus-

tralia, offereceram um producto com um indice tão alto de elasticidade, durabilidade e impermeabilidade. Estava, pois, alli, naquelles grosseiros artefactos de indigenas, a prova da mais pura gomma elastica que já apparecera na terra.

E em 1743, La Condamine levava para a Europa as primeiras amostras, certo, então, de que descobrira um extraordinario thesouro.

Muitos annos, no entanto, se passaram sem que a industria extractiva da borracha demonstrasse siquer esperanças de figurar como elemento de commercio interessando o governo e o povo.

Só em 1850, mais ou menos, começaram a notar a constante ascensão do seu preço, a insistente procura da borracha, que se comportava na pobre estatistica commercial do Amazonas desse tempo, entre o anil, o café, o algodão, a piassava e as plantas medicinaes, como um producto que não merecia attenção.

Pouco depois, a navegação a vapor transformava toda a vida da planicie. Intensifica-

va-se a immigração. A secca de 1877 arrasava o nordeste, e os retirantes em bandos deixavam o sertão, procuravam o littoral, partiam para o extremo norte.

Começou assim uma nova phase para o Amazonas. A entrada dessa pobre gente nordestina coincidia com os primeiros rumores sobre a nova industria da gomma elastica, até então explorada apenas pelos nativos, pèrra, inconstante, insufficiente.

Modificavam-se os velhos habitos. As levas de immigrants succediam-se, mesmo sem a calamidade das longas estiagens. Os “regatões” (mais tardè transformados numa das pragas mais terriveis do Amazonas) foram nessa epoca de rios despovoados, de terras ao abandono, de regiões onde se viam apenas **Cáucheiros** peruanos e bolivianos em correrias brutaes derrubando o **Cáucho** e exterminando indigenas, — verdadeiros bandeirantes do extremo norte, descobrindo, proclamando, indicando os fartos seringaes da planicie.

O processo de extracção do leite da **Hevea** não exigia e não exige ainda technica complicada e pouco accessivel a mais baixa mentalidade.

No principio, quando se ignoravam outros meios de captação da seiva, empregaram o systema do arrôcho: um cipó resistente apertando o tronco da arvore numa constricção violenta, e logo depois, acima dessa ligadura, córtes a machado por onde se escoava todo o lactex.

Mas, se esse processo de estrangulamento tornava mais facil a colheita, por outro lado, immediatamente se verificou que a seringueira raramente resistia a esse completo exgottamento da seiva.

Veio, então, o outro processo, ainda hoje em uso em todo o valle. O tronco da arvore é golpeado de leve com uma machadinha, sem que as incisões se aprofundem até o câmbium. Sob essas incisões collocam-se as **tigelinhas** de folha de Flandres que recebem o lactex.

Esse trabalho é feito pela manhã cedo, e em geral, um seringueiro habil córta e entigela uma media de duzentas arvores. Logo depois

do ultimo córte, com um pequeno descanso para o almoço, começa a colheita. As **tigelinhas**, já cheias, são depositadas numa bacia, seguindo-se a **defumação**, isto é, submettendo-se todo o leite, lentamente, em camadas finas, á espêssa fumaça produzida pela combustão das nozes do **Uru-cury** (*Attalea excelsa*) ou do **Uáuássú**, (*Manicaria saxifera*) palmeiras comuns no valle.

O latex é assim transformado em laminas superpostas que o seringueiro dia a dia vae accumulando até formar a **bóla** de 30 a 50 kilos, que é então levada ao barracão central do proprietario.

É o processo de coagulação, primitivo, é verdade, porem até agora o de maior efficiencia, garantindo á borracha a sua elasticidade durante muito tempo. Alem disso, em exames chímicos feitos ultimamente, foi demonstrado que por esse processo de coagulação ficam entre as laminas da borracha varias substancias anti-septicas que impedem a sua deterioração.

Veio, afinal, o tempo em que a borracha, no auge das cotações absurdas, de quinze a dezesete mil reis o kilo, fez delirar toda a Amazonia.

Seria preciso um enorme volume para contar toda a historia desse delirio, desde os crimes tremendos que celebrisaram dezenas de seringaes, no ermo barbaro, sem leis, sem justiça, sem ordem, sob a furia dos instinctos, até os delictos inqualificaveis dos governantes, amoraes, deshonestos, ignorantes, inconscientes.

Mas o tempo de insania passou como dolorosa lição á ganancia, ao orgulho e á imprevidencia.

Todo o valle despertou, enfim, dessa loucura nefasta, abatido, combalido, arruinado, porque a borracha absorvendo todos os braços válidos, toda a attenção, todas as energias, não permittiu que se desenvolvessem outras industrias, paralysoou toda iniciativa, sugou terrivelmente todas as forças.



O estrangeiro sagaz, logo no começo dessa phase de dinheiro e de imprevidencias incriveis,

illudiu facilmente o seringueiro ignorante e o governo enfatuado — e levou para a Inglaterra e de lá para as suas possessões do Oriente, para Ceylão, para Malacca, para Singapura, toneladas e toneladas de sementes, que plantou e replantou com desvelos excepcionaes.

As primeiras noticias dessas plantações, dessas arvores crescendo em terras estrangeiras, cuidadas por mãos habilissimas de technicos de phytologos especializados, de scientists, desenvolvendo-se sob carinhos que nunca tiveram, adubadas, esfregadas, desinfectadas, como reliquias, fizeram sorrir os entendidos, os **sabedudo** e os bairristas ingenuos da Amazonia.

A plantação da **Hevea Brasiliensis** no sólo do Oriente foi motivo durante bastante tempo para excellentes ironias de literatos e exhibições de sabedoria de commerciantes.

Jamais essa **Hevea**, nascida, creada, multiplicada no humus especial daquella região, em condições climatericas proprias, nativa, secular, silvestre, intrinsicamente brasileira do septentrião, poderia viver em terras differentes!

Os annos passaram, imperceptiveis.

Não é preciso contar o que foi o ultimo acto dessa acérba tragedia, que começou ha pouco mais de vinte annos.

Os antigos saccos de sementes de seringueiras transformaram-se nas mãos dessa gente em sólidissimos saccos cheios do mais puro ouro britannico.

Ceylão, Malacca, Singapura, produzem oitocentas mil toneladas de borracha. A producção do Estado do Amazonas baixou para menos de quatorze mil!

Os numeros sempre valeram mais do que as palavras; e dispensam os adornos da litteratura.

O BAIXO RIO BRANCO

Ainda não houve quem explicasse claramente o phenomeno da riqueza, do progresso, da salubridade dos altos rios, contrastando com a pobreza, a insalubridade e o abandono desses rios nas proximidades da sua fóz.

Alguns observadores attribuem essa singularidade ao declive natural das terras sulcadas pelas torrentes; no alto, sulcos rasos em terras elevadas deixando quasi intactos os elementos fertilisantes do solo; no baixo, em regra geral, a massa liquida accumulada carreando esses mesmos elementos, e ora lançando-os nas embocaduras, ora despejando-os em outras caudae, empobrecendo, por isso, os terrenos por ella banhados.

Outros, porem, combatem essa hypothese affirmando que as aguas sempre carregadas de

sedimentos, de detritos organicos, de saes, iriam depositar todo esse adubo providencial nas terras menos elevadas banhadas pela torrente.

Outros ainda, mais theoreticos, explicam o facto condicionando-o ao systema de povoamento.

É sabido que durante trez seculos, pelo menos, os desbravadores da Amazonia se localisaram nos cursos inferiores dos rios, limitando ali as suas explorações, raramente avançando para os manadeiros. Ignorantes, ambiciosos, adventicios, na maioria das vezes, extrahiam soffregamente tudo o que de util lhes podia dar a floresta.

Os velhos chronistas amazonicos referem-se a essa gente que invadia o baixo Amazonas, o Nhamundá, o Madeira, o Solimões, em busca, não só do indio para vender como escravo, como tambem da baunilha, do cacáu, do anil, do cravo, da canella, de varias plantas aromaticas e medicinaes, que eram exportadas para Portugal em continuos carregamentos.

Essa extracção durou dezenas de annos, e só depois de muito tempo, á proporção que iam

surgindo a Capitania e depois a Provincia, se foram organisando alguns nucleos fixos, insignificantes estabelecimentos agrarios, engenhos de assucar e aguardente, campos de criação, roças, pequenas industrias.

Mas, parece que com esse inicio de prosperidade, vieram tambem as epidemias de impaldismo, o beriberi, a leishmaniose, as verminoses, outras molestias.

Só ellas podem explicar logicamente essa desastrada decadencia commercial, industrial, agricola, pastoril, que desde o primeiro imperio vem alarmando os governos. E não é muito difficil se encontrar nas antigas estatisticas da Amazonia, referencias a **Mariuá**, hoje Barcellos, plantando e exportando arroz, algodão, café, mandioca, mantendo fabricas de tecidos e ceramica, cheia de vida, de movimento, de alegria. No **Paraná da Eva**, entre **Manãos** e **Itacoatiara**, existia o engenho de um inglez produzindo aguardente em abundancia. **Teffé**, **Maués**, **Itacoatiara**, **Parintins**, **Ayrão**, outras ainda, eram Villas prosperas, com população que augmentava rapidamente, exportando café, cereaes, frutas, cordoalhas, guaraná.

Todos os historiadores alludem a essa triste pobreza, que se accentúa cada vez mais atravez dos tempos, sobretudo na parte baixa dos rios. Poucos, todavia, assignalam o apparecimento do impaludismo que assolou Obidos, Parintins, Itacoatiara, todo o baixo Madeira; a febre amarella que em 1850 invadiu o Rio Nêgro; a variola que surgiu em varias localidades.

É bem provavel, pois, que o máu estado sanitario desses logares fosse, senão o motivo essencial, porem um dos mais serios para o desfalque da população e consequentemente para essa lastimavel decadencia.



Todo o baixo Rio Branco, desde a fóz a Caracarahy, que é o entreposto das grandes manadas de gado que descem dos altos rios e seus afluentes, como tambem o pouso obrigatorio dos viajantes que atravessam as cachoeiras — divisorias desses dois trechos da caudal — offerece um aspecto de impressionante desolação.

Na baixa região banhada por esse rio, o indice malarico sempre foi muito elevado, po-

dendo affirmar-se sem receios de erros, que é excepcional o facto de se encontrar um individuo que não tenha provado rudemente uma serie de accessos palustres.

As splenomegalias, as hepatites, as gastrites, as cachexias — todo o cortejo pathologico do impaludismo agudo e chronico, marcando a população, torna-se tão commum, tão vulgar, que se pensa ser a vida nessas paragens de infortunio apenas uma integral modificação da natureza a exigir como indispensavel adaptação, esse pungente tributo do individuo que a explora.

São communs alli dialogos dessa natureza:

— Amanhã é a festa de Novo Destino.

Você vae?

— Amanhã... não posso... 'é o dia da braba me visitar...

Ou então, a variante:

— Vamos á viração (virar tartarugas na praia) hoje?

— Logo hoje!... Não é possivel. Daqui a pouco estarei com o frio.

A braba, o frio, a tremedeira, a maleita — são apenas synonymos da terçã benigna que de-

vasta toda aquella gente; que mata aos poucos, ora numa hepatite dolorosa com a ictericia a escurecer a epidermé; ora numa cachexia mumi-ficadora; ora numa ascite lenta e fatal, o ventre disforme, tenso, tympanico, contendo dez, quinze litros de liquido; ora, emfim, terminando em poucas horas todo o martyrio, num accumulo de plasmodios obturando capillares essenciaes á economia e determinando, conforme a localisação e a vehemencia, os accessos hyperpyreticos fulminantes, apoplectiformes, algidos, comatosos — manifestações terriveis da forma perniciosa.

Um desses povoados, com o nome dolorosamente ironico de **Vista Alegre** (aonde perdeu a vida o grande sabio que idolatrava o Amazonas — Koch-Gruenberg — fulminado por um desses accessos) está hoje absolutamente abandonado, em ruinas.

*

Todo esse trecho, quasi deserto, aonde se navega trez, quatro horas, sem se avistar uma pequena barraca, está destinado a um despovoa-

mento continuo pelas suas condições nosológicas.

Entretanto, as suas terras de alluvião, de inexcedivel capacidade para a pequena lavoura, exhibem vantagens tentadoras, e alguns dos seus affluentes, como o Catrymany e a Anauá, possuem vastos seringaes e verdadeiras florestas de castanheiras. Alem disso, são famosas as suas praias de tartaruga e os lagos fartissimos de peixes.

Está ainda na memoria de todos os que viram os primeiros impulsos de progresso do baixo Rio Branco, o facto inesquecivel da total extincção do povoado de Nossa Senhora do Carmo.

Um punhado de immigrants fundara esse nucleo, que dentro de pouco tempo apresentava excellente probabilidade de desenvolvimento. Poucos annos depois de estabelecidos definitivamente, quando se erguiam casas mais confortaveis, quando o commercio se fazia normalmente, e a agricultura e a pesca traziam relativa fatura aos moradores — appareceram os primeiros casos de malaria multiplicando-se logo, ra-

pidamente, sob as formas terriveis da terçã maligna e da biliosa-hemoglobinurica.

Resistiram ainda por algum tempo os heroicos colonisados. Mas as condições de existencia tornaram-se cada vez mais insustentaveis, e por fim, a grande maioria, anniquillada, perseguida pelo implacavel flagello, empobrecida, derrotada, succumbiu á epidemia.

Os restantes — infelizes remanescentes dessa obscura tragedia — fugiram para bem longe do funesto logarejo.

Hoje apenas se distingue á margem do rio, alguns esteios aprumados, o cemiterio perdido no mattagal — ultimos vestigios do povoado, que a capoeira vae piedosamente occultando aos olhos dos viajantes.

Mais adiante, em Sóróróca, observa-se a mesma tendencia para a ruina, o mesmo desanimo entre os habitantes. Foi prospera; hoje possui cinco ou seis casas, e não ha alli uma só creatura que não tenha sido martyrisada pelo impaludismo. E certamente, se não fosse o **taboleiro** dos deliciosos chelonios, nas proximidades, já todos teriam abandonado o funebre villarejo.



Esses factos vêm simplesmente provar que, pelo menos em um baixo-rio do Amazonas, não foram factores ethnologicos ou economicos que influiram no seu despovoamento. A tremenda hecatombe corre por conta do impaludismo — antigo phantasma que intimidava toda gente: hoje simples problema de prophylaxia já resolvido em varias regiões, e que não admite mais controversia.

As grandes lutas contra esse tremendo flagello, vigorosamente sustentadas pelo governo francez nas terras de Sologne, do Pas de Calais e da Vendéa; pelo governo norte-americano no Estado da Carolina do Sul; e ultimamente pelo governo da Italia em varios antigos sectores da malaria — são provas praticamente demonstradas da victoria do saneamento.

Mas seria enfadonho repetir os successos dessas campanhas humanitarias que salvaram milhares de vidas, valorisaram terras quasi inuteis, elevaram o nivel mental dos governantes, aproveitaram o mais valioso elemento economico de uma nacionalidade, que é o homem.

Já o immortal sanitaria patricio, que foi Oswaldo Cruz, havia dito no seu celebre relatorio sobre a endemia palustre no Amazonas, em 1913, que outros logares tão castigados pelo impaludismo como o Estado do extremo norte, foram definitivamente saneados.

Estudando com admiravel proficiencia o problema aparentemente insolavel, reduzindo-o, pela poderosa visao de sabio, á verdadeira proporção, o grande cientista, para quem os impelhos eram apenas mais fortes estimulos — indicou os meios de combate para inutilisar a acção mortifera das endemias palustres, com o desassombro e a segurança de um homem habituado ao triumpho.

Vinte e trez annos passaram sobre o Relatorio do grande mestre. A Allemanha, a França, a Italia, traduziram-n'o como rara reliquia que, cedo ou tarde, seria um guia precioso pelos seus magistraes ensinamentos.

O Brasil deixou-o nos archivos de algum Ministerio. O Amazonas continúa apavorando e devorando os proprios filhos.

MANÁOS

O presidente Affonso Penna havia dito, ao terminar na capital do Amazonas a sua celebre peregrinação politica, que a cidade de Manáos era uma **revelação!** — unica expressão que encontrou para traduzir o seu assombro.

Paul Adam foi accommettido de alegre pasmo ao encontrar, após quatro dias de floresta, de calor, de agua doce e de tédio, um tão surprehendente centro de civilisação, onde a sua lingua era articulada com elegancia, onde os seus livros eram orgulhosamente lidos, onde quasi toda gente conhecia a Europa, e havia um impeccavel serviço de policiamento.

Mas o que disse sobre a cidade o antigo politico mineiro, o que affirmou o homem de letras, não tem evidentemente o valor de uma certeza, porque é antiga e fecunda a amabilidade

dos hospedes, pelos menos enquanto permanecem na terra que os hospeda. Demais, nós os recebemos com tantos afagos, tanta effusão, tão desabrida cordialidade, que por isso os obrigamos a elogios excessivos.

Todavia, sem os louvores dos dois grandes homens e sem a admiração frequente de outros homens menores — Manáos tem o encanto e o aspecto das cidades modernas, e embora pequena, possui esse traço de distincção e jovialidade que só se encontra nos grandes meios.

O seu progresso foi rapido, esplendido, imprevisto. Com oitenta a cem mil habitantes, ostenta instituições veneráveis, como o Palacio da Justiça, o Museu de Numismatica, o Theatro Amazonas, o Instituto Geographico e Historico, o Gymnasio, a Bibliotheca Publica, a Academia de Letras, a Universidade.

Possue obras de arte notáveis como o monumento commemorativo da abertura dos portos do Rio Amazonas ao commercio mundial, as estatuas de Tenreiro Aranha, primeiro presidente da Provincia, de Sant'Anna Nery, litterato e cientista, com profundos estudos sobre o

Amazonas; as pontes atravessando os igarapés que cortam a cidade; serviços publicos como a Usina de abastecimento d'agua; o Roadway, o transporte aéreo de carga e descarga dos transatlanticos, o Matadouro Modelo, o Fôrno de incineração do lixo (o primeiro installado no paiz), jardins de esthetica moderna adornando a capital que resplandece assejada e risonha.

O estrangeiro que hoje lhe bate ás portas — na velha *figura de rhetorica* — impertinente e philaucioso, recúa desconcertado, e termina recebendo lições de argucia e cortezia. Recúa sempre, porque Manáos é uma singular escola de força e de agilidade intellectual, perdida nas proximidades do Equador, entre rios collossaes e selvas barbaras.



A luta pela vida, luta real, continua, sem metaphoras, creou alli qualidades excepcionaes; e apesar da luta, do desespero pela escalada, do furor pela victoria, da canicula, da *friagem*, de tudo — é facil se encontrar pelas ruas dezenas de homens que passam noites inteiras no des-

conforto dos gabinetes devorando silenciosamente *Sciência, Philosophia, Sociologia, Literatura*.

Com essa abundancia de conhecimentos e com uma tremenda sagacidade politica, financeira, commercial, desdobra-se activamente grande parte da população.

A Irlanda offerencia aos immigrants os seus rochedos ou os seus campos immensos, e alli elles deviam prosperar ou morrer. O Amazonas, mais prodigo e talvez mais humorista, manda-os escolher entre a cidade movimentada, civilisada, tentadora, ou as florestas riquissimas, transbordando em oleos, em lactex, em castanhas, em madeiras maravilhosas. Na primeira, a doçura e a segurança da civilisação, e tambem o attrito da competição implacavel. Na segunda, os seringaes inexgottaveis, os castanhaes sem fim, as madeiras para todos os misteres presentes soberbos da Natureza, e tambem a barbaria, o rifle dos seringueiros, a flecha dos indios, as feras, as febres palustres, os mosquitos, as **terras cahidas**, o sombrio **Inferno Verde** de Alberto Rangel, tão impugnado e tão mal comprehendido.

Nesse aspero dilemma, o forasteiro, em regra geral, prefere uma tangente: recuar, fugir, e lançar de longe, de outras paragens, de outros Estados, um vasto jorro de maldições, de injurias, de ignominias, sobre o pobre **El Dorado** que o illudiu, que o escorraçou, numa faina amarga de selecção — porque o Amazonas é um seleccionador inexoravel de individuos, conforme Euclides da Cunha.

Mas — Deus louvado — nunca essas diatribes inquietaram os habitantes da formosa cidade, porque todas ellas esbarram numa resistente, intransponivel barreira: o eterno bom humor do amazonense!

Felizmente, Manáos inteira é uma incorrigivel humorista, e comprehendeu bem cedo que somente os grandes homens, as grandes cousas, as grandes instituições, merecem o odio gratuito, a calumnia, o insulto brutal. Comprehendeu facilmente, e sabe que ninguem no mundo teria a ingenuidade ou a velleidade de injuriar uma aringa africana ou alguma remota villa persa.

Assim vive Manaós, dentro dessa íntima e perpetua alegria, atravessando complicadas crises politicas, alarmantes crises commerciaes, furiosas prophcias de aventureiros, anathemas sensacionaes de vencidos e ingratos.

Nada — mau grado os embaraços de toda ordem — tem faltado para o seu radiante progresso.

Possue, desde o inicio da sua independencia territorial e economica, esse elemento inconfundivel que é o trabalho britannico.

Tem a luz electrica ingleza que a torna, depois do Rio, a cidade mais bem illuminada do paiz; o excellenteste estaleiro inglez; o bonde inglez electrico (nunca as suas ruas viram os bondes puxados a burro!) o perfeito telegrapho inglez sub-fluvial; o sereno egoismo inglez.

Lá está, esse rijo elemento, na linda cidade, edificando, montando usinas, deitando trilhos, jogando tennis, tomando wisky, rosnando ordens, prosperando, sem adherencias ao meio, indifferente, honesto, infatigavel.

O povo paga as taxas que elle estipula honradamente, admira-lhe a tenacidade, orgulha-se

de o ter na cidade e acha graça na sua intransigente circumspecção, porque sabe que elle é assim, que foi feito assim, que permanecerá assim atravez dos seculos, em Londres, em Calcuttá, em Manáos.

Alem da Ingleza, outras raças lá pousaram, lá enriqueceram, lá vivem.

A allemã fundou grandes casas bancarias, levou Amazonas a dentro uma luxuosa frota de paquetes, installou um club elegante. Fundiu-se no meio, dissolveu-se, perdeu a rigidez prusiana, constituiu lares brasileiros, fez um palacio que é hoje a séde do Governo.

A italiana, com pequena excepção, dispersou-se pelas dócas do porto, fervilhante, possante, obscena, transportando cargas e bagagens, com a velha teima de falar pessimamente a nossa lingua.

A portugueza misturou-se rapidamente, percorreu toda a bacia, tomou todos os feitios, todas as profissões, todos os costumes; e vive nos seringaes, nas Fazendas, nos castanhaes, na roças, em todos os recantos do valle, como se vivesse na sua península, trabalhando e criticando a politica brasileira.

A raça turca entrou de surpresa na planície, invadiu de subito a Amazonia em todos os quadrantes, como uma praga intempestiva, açambarcando immediatamente o nefando commercio de **regatão**; e lá prolifera na lida infatigavel de traficar, de ludibriar os caboclos e os nordestinos, de fallir, de varar terras e aguas — fugitiva, sagaz, avassaladora, para tormento de todos os que vivem do commercio no interior e na capital.

Manáos é assim — cosmopolita, alegre, civilisada. Quem lá viveu durante annos só poderá supportar, como um centro que se lhe assemelha — o Rio de Janeiro. Só o Rio tem os seus sortilegios, a sua vibração, a sua graça fascinante.

RIO DESERTO

(NOTAS DE VIAGEM)

Realmente, um rio deserto no Amazonas equivale a um pleonasma.

Mas existem, não ha duvida, rios de solidão tão impressionante, tão profunda, tão despropositada, que deixam no espirito de quem os percorre a sensação que deve sentir um homem que alcançou o ultimo grau de latitude do polo Norte.

São rios que dão a idéa viva do fim do mundo, de uma zona da terra onde a vida ainda não começou, onde a natureza ainda não estava preparada para receber o ser humano, onde o tempo recuou espantosamente, e a caverna dos platyrrhinos era uma innovação desconhecida, uma cousa abstracta e incomprehensivel.

Existem innumerous rios assim na bacia amazonica.



O **Tupana** é um delles. Deixa-se o **Autaz**, que é um paraizo da pecuaria, todo pontilhado de Fazendas, de campos bucolicos, de longas varzeas forradas de **miúm** e **colonia**; penetra-se no **Autaz-mirim**, mais pobre, porem ainda com casas pelas margens, roças alegres, castanhaes esparsos, cacáueiros silvestres.

E de subito, desembocca-se no **Tupana**, rio de aguas escuras, profundo, melancolico, deserto. A sua fóz é larga, quasi uma bahia, e longe, ao fundo dessa bahia deshabitada, desse começo do **Tupan-paraná** (rio de Deus, em tupy-guarany) se vê um grupo de trez palhoças, trez sórdidos casebres, desaprumados, tôscos, primitivos, que tornam mais friste ainda o lugubre recanto.

Foi ahi que alguns indios **Muras** se refugiaram, depois de perseguidos no Madeira, no Autaz, no Solimões e na Mundurucania, numa extensão de milhares de kilometros.

Alli estava o derradeiro acampamento de alguns desses **Muras** que durante annos abalaram toda a Capitania, sustentando guerrilhas

memoráveis, massacraram furiosamente invasores e tabas de inimigos, fizeram tremer Governadores, desafiaram Commandos de Forças Armadas, assolaram todos os rios — e só depois de batidas arrasadoras organisadas para exterminal-os a bala, em combates successivos, se dispersaram, fugiram, foram se esconder nos rios despovoados.

Os casebres estavam na margem do Tupana, entre a praia branca e larga e a floresta cerrada.

Assignalavam aquelle ermo, onde tudo parecia morto, parado, inerte, como se a selva e a agua jazessem num longo collapso.

Entre elles havia um casebre maior. Devia ser a residencia de algum velho **Tucháua**, dominando esse resto perdido de uma das maiores nações indigenas da planicie.

★

Á nossa approximação, sahia das casinhas, lentamente, meia duzia de homens maltrapilhos e magros; e á frente do bando um individuo escuro e tropego olhava para os lados e tinha na

bocca flacida um sorriso de demente. Era o velho **Tucháua**.

A sua malóca tinha um aspecto repugnante, nauseabundo. Nas redes esticadas nesse unico aposento, mulheres quasi núas, feias, disformes, amamentavam filhos pequeninos. Outras crianças rolavam no sólo cheio de detrictos. Não se podia imaginar um serralho mais torpe.

Pelas paredes de palha, enfiadas, se viam algumas flechas de caça e pesca, arcos de varios tamanhos, mólhos de **tucúm** em fiapos, um **tipity**, pennas coloridas, **aturás**, paneiros, cousas informes. A um canto estava um côcho de itaúba, que de certo serviria para o **caxiry** ou a **kaiçuma** nos dias de festa.

Junto ao esteio central, de onde partiam todas as redes, um pobre cão amarello, encolhido, submisso, abria para nós os grandes olhos amedrontados.

Era isso uma taba dos **Muras**! Os indios terriveis que impunham condições nos antigos **Tratados de Paz**! Os indios que nem os missionarios conseguiram amansar; que atacavam aldeias, tabas e cidades como feras implacaveis;

que dispunham de milhares de guerreiros para as arrancadas sanguinarias.

Para aniquillal-os agora, bastaria um só homem com um rifle.

Seria, então, o maior dos crimes e a mais indigna das vinganças. Bastaria matar-lhes a fome e cobri-los com alguns trapos para tel-os como os mais humildes escravos.



Partimos rio acima. As aguas são cor de castanha, mansas, reluzentes, correndo entre as mattas. A caudal ora se estreita contida pelos barrancos, ora se distende morrendo na brancura dos espraiaados. O scenario é infinitamente uniforme: de longe em longe, uma fronde mais alta, uma fóz de igarapé, uma bocca de lago, uma ilha de capim descendo vagarosamente. Nada mais.

Assim, todo o dia — na serenidade das aguas, cercado pela selva, abafado por um frio céo de brumas.

Á noite fundeámos junto a uma praia: e a uma pergunta minha o commandante da lancha

que nos levava pelo Tupana, informava que durante trez dias de viagem não veríamos uma casa, nenhum ser humano, nenhum vestigio de vida.

Trez dias de viagem entre florestas! Sempre matto, sempre agua.

Ao fim desse terceiro dia iríamos encontrar em um trecho de terra denominado **Castanhal** — duas casinhas de palha onde moravam os Jeronymos, pai e filho, dois caboclos que viviam com duas indias **Muras**, e tão brutos, tão pobres, tão rudes como os proprios indios da fóz do Tupana.

E depois desse triste **Castanhal**, iríamos rio acima, até a **Terra Vermelha**, deshabitada, onde começavam, então, os grandes castanhaes, onde se encontravam cedros gigantescos, copahibeiras, cumaruzeiros, — uma riqueza enorme, sem dono, abandonada naquelle fim de Mundo.

★

Chegámos, enfim, ao **Castanhal** — ás duas palhoças erguidas sobre um alto barranco vermelho.

Dois homens semi-nús vieram ao nosso encontro. Eram dois mamelucos legítimos, frios, inermes, que nos fitavam apavorados, fascinados pela embarcação ábicada no barranco e lançando jactos de vapor.

Uma decepção cruel e uma horrível surpresa!

Aquelle logar, aquelle rancho em lastimavel estado, á orla do matto, aquella habitação quasi funebre, era apenas um exilio voluntario de morphetico, — o velho Jeronymo, ulcerado, horrendo, monstruoso, que preferira esconder a sua desgraça, naquelle deserto, ao repudio de toda gente.

O filho que o seguira numa dedicação commovedora, começava tambem a apresentar os primeiros symptomas da molestia.

E após tantos dias de solidão, de tristeza, de tédio, — esbarravamos naquelle tragico leproso!

A PESCA

(NOTAS DE VIAGEM)

À prôa da **montaria**, um pé no banco, o outro no fundo da embarcação, o braço direito erguido, prompto para desfechar o golpe, — o caboclo perfura com os olhos a agua parada.

O braço sustenta uma vara em riste, e na ponta dessa vara se vê uma pequena peça de ferro de quasi um palmo de comprimento com dois ganchos obliquados para cima, um pouco distantes um do outro. Ha nessa peça, na parte superior, uma cavidade em forma de funil onde penetra a ponta da vara de dez palmos, rija, roliça, pesada, escura.

A vara chama-se **haste**, a peça de ferro pequena e ponteaguda é o **arpão**; e ligando tudo

isso uma grossa **arpoeira** com uma das extremidades presa ao arpão e a outra amarrada ao banco da canôa.

Ninguém se move. A própria **montaria** desliza tão docemente no meio do lago, que mal se percebem o seu avanço e as remadas silenciosas do piloto, guiando-a naquella immensidade de agua tranquilla.

Meia hora, uma hora, duas horas, nessa absoluta immobildade, sob o sôl que começa a aquecer, sobre a agua que scintilla e se encrespa de leve á viração da manhã.

Mas de subito passa rente á canôa, a trez ou quatro palmos abaixo da superficie da agua, um vulto bronzeado, enorme, movendo-se vagarosamente. O vulto, apenas, vago, submerso, impreciso, mas que o caboclo conhece de sobra.

E nesse instante, de incrivel, suprema emoção, reteza-se o braço do arpoador, e a haste lançada violentamente se crava no dorso do vulto — rapida, instantanea, precisa!

Era uma scena de estatuas pregadas num barquinho immovel. E tudo isso mudou bruscamemente, vivamente, porque aquella haste vi-

brou, partiu de repente, sob um impulso brutal mergulhando na agua do lago.

*

Estava arpoado o pirarucú. Um estremeção terrível na grossa arpoeira, que se estica, que desce para a agua profunda, que retine como um fio metallico num maximo de tensão.

O caboclo da haste senta-se no banco; o piloto apenas sorri — e a montaria como doida, sem rumo, sem leme, sem governo, cabriola á flor dagua, levada naquelle furor de animal que sentiu no dorso a ferida profunda do arpão. A dor e o pavor do peixe devem ser desesperados, porque a pequena embarcação rodopia, enfia a prôa nagua, pára um momento, rompe numa carreira louca, desordenada, lago afóra.

*

Mas essa furia do peixe vae aos poucos diminuindo, abrandando, morrendo. Quando se tenta segurar a arpoeira, tem ainda uns arranços ferozes que cessam logo.

Vae perdendo as energias; aquelle reboque é demasiado para as suas forças. Vem á tona, resfolega, mergulha ainda, num derradeiro arranco, para logo depois voltar, exausto, estirado, o ventre para cima, moribundo.

O piloto rapidamente dá umas remadas approximando-se do peixe; o proeiro colhe depressa a arpoeira, e com cautela, para que não se vire a embarcação, o pirarucú é então laçado e içado para bordo.

*

O Peixe-boi é terrivelmente sagaz.

Para pescal-o é preciso uma paciencia alem de todos os limites, e uma habilidade que vae quasi á adivinhação.

Em geral, a pescaria se faz á noite. O *Matanatus americanus* é herbivoro, e nas primeiras aguas da enchente aproxima-se dos barrancos á procura dos brótos tenros do gurdião. Vae nadando de manso entre os capins, e ao chegar perto dos brótos, o enorme cetaceo põe fóra dagua a grande cabeça e começa babujando o seu manjar appetecido.

E' esse o melhor momento para fisgal-o com o arpão.

*

Entre os capins, no fundo silencio da noite, está a **montaria**. Dois homens apenas a tripulam. Os apetrechos são os mesmos que serviram para a pesca do pirarucú. Identicas as suas attitudes.

Mas a cautela é muito maior porque o mais insignificante movimento poria tudo a perder. Silencio absoluto, absoluta imperturbabilidade.

Os **carapanãs** andam por alli aos milhares, voando, zunindo, ferretoando implacavelmente. Deixal-os. Fartem-se á vontade. O peixe-boi vale bem o grande sacrificio.

A **montaria** passa entre os capins como um tronco de arvore, de bubuia, secco, morto, perdido no remanso.

Chega o momento culminante. Entre o capinzal fluctúa uma cabeça escura, vagarosamente, como se perscrutasse em torno, desconfiada,

*

A haste cae sobre o *Manatus*, com uma rapidez de raio, fulminante.

Transforma-se tudo num instante.

O peixe-boi é cem vezes mais possante que o pirarucú; e em muitas occasiões a sua pesca tem sido fatal a muita gente.

Ha agora alli um turbilhão espantoso. As aguas têm rebôjos de corredeiras; espadanam em torno, revoltas, erguendo espumas e detritos; o capim revolve-se abrindo-se em touceiras; parece um cataclysmo!

No meio desse pequeno maremoto, os tripulantes da *montaria* fazem prodigios para salvar a embarcação de um naufragio, evitando os choques com as galhadas dispersas nos barrancos, viradas bruscas da canôa.

Emfim, o peixe-boi, furioso, procura o rio largo como um grande campo de acção para a sua bravura. Dispara vertiginosamente, preso pela arpoeira, arrastando a canôa que vóa sobre as aguas.

Às vezes, leva trez, quatro horas, nessa correria infernal, saltando, estacando, mudando de rumo, proseguindo na carreira diabolica.

Cansa, afinal. Um ultimo tremor na arpoeira, e eil-o adiante da montaria a estrebuchar, exgottado.

Alguimas remadas, uma pancada grande na cabeça do *Manatus*, e apenas o trabalho de rebocal-o para a margem — e depois, com a sua carne e a sua gordura preparar essa esplendida mixira que Couto de Magalhães, no “*O Selvagem*”, já considerava uma “conserva notavel”.

VOCABULARIO

AGUA GRANDE — Os caboclos chamam agua-grande á enchente excessiva do rio.

ARRÔCHO — Antigamente os seringueiros apertavam com um cipó o tronco da seringueira para colherem a maior quantidade de leite possível em pouco tempo. Abandonaram esse processo porque era fatal ás arvores.

ATURÁ — Cesto grande, redondo, para transporte de mercadorias.

BANZEIRO — Movimento de vae-e-vem das aguas do rio, formando pequenas ondas.

BARÉS — Os indios Barés habitaram as terras onde hoje é Manáos.

BOIASSÚ — (boia ou mboy; cobra e assú ou açú; grande) Cobra grande — uma das lendas da Amazonia.

BRABA — Os caboclos referem-se, ás vezes, desse modo, á febre palustre.

- BUBUIA — Boiando na correnteza, á tóa.
- CAMPOS GERAES — Grande extensão de campos de pastagem, no Rio Branco.
- CAYÇUMA — Bebida fermentada usada pelos indigenas feita com o fruto da Popunheira (*Guillelma speciosa*) palmeira commum no Amazonas.
- CARAPANÁ — *Stegomia*, *anophelina* ou *culex*.
- CARRASCOS — Campos de pastagem inutilizados porervas damninhas, no Rio Branco.
- CARYUA — (Tupy-guarany) Branco, civilizado.
- CANNARANA — Capim aquatico (*Panicum spectabili*).
- CAXIRY — Bebida fermentada usada pelos indigenas.
- CÁUCHO — (*Castilloa Ulei* Warb.) Arvore da familia das Moraceas que dá um lactex inferior ao da Hevea.
- CAUCHEIRO — O individuo que vive da extracção do leite do Cáucho.
- CHIRIMBABO ou XIRIMBABO — (M'imbab) animal domestico de indios e caboclos.
- CIGANA — Ave (*Opisthocomus cristatus*) que quando.nova apresenta unhas ou garras nas azas.
- COATÁ — Macaco grande (*Ateles paniscus*) facilmente domesticavel.
- COLONIA — Capim plantado nos campos de pastagem.
- CORREDEIRAS — Trecho encachoeirado dos rios.

- CURUMI ou CURUMIM — Criança do sexo masculino em Tupy-guarany.
- CUNHANTÁ — Idem, do sexo feminino.
- CUNHÁ PORANGA — (Tupy-guarany) Moça bonita.
- ESTIRÃO — Longo trecho de um rio em linha recta.
- ESTRADA — Em geral os seringueiros têm uma tarefa de Estrada de 100 madeiras, isto é, 100 seringueiras para cortar durante o dia.
- FUNIS — Torvelhinho das aguas proximo ás cachoeiras.
- FARINHA DAGUA — Farinha de mandioca feita por processo primitivo, pondo a mandioca de môlho.
- GAIOLA — Pequeno vapor fluvial.
- GUARIBA — Macaco (*Alouata seniculus*).
- ICAMIABAS ou CUNHAPUYARA — As indias guerreiras que atacaram Orellana.
- IGAPÓ — Terra baixa, alagadiça, onde a agua invade a floresta nas enchentes.
- ILHAS — No alto Rio Branco chamam ilhas pequenos trechos de arvoredo que surgem no meio dos campos-geraes.
- JAMAXY — Especie de cesto que os caboclos levam ás costas.
- MADEIRA — Termo commum com que os seringueiros designam as arvores da borracha (uma estrada de cem madeiras).

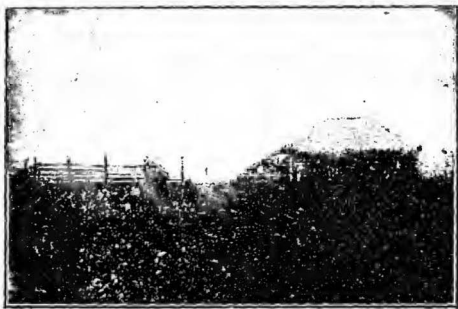
- MIÚM — Capim.
- MUTÁS — Giraus ou palanques que se usam para fins diversos.
- MALÓCA — Casa de índios.
- MAPINGUARY — Typo lendario da Amazonia, perverso, vingativo, que vive nas florestas.
- MARANDUERA — (Tupy-guarany) Contador de historias.
- MAROMBA — Especie de girau enorme, de construcção pesada, onde se põe o gado na época das grandes enchentes.
- MATUPÁ — Entrançado de raizes que se mantem á flor dagua.
- MATY-TAPERÊ ou MATINTA-PEREIRA — Passaro agoirento, nocturno.
- MONTARIA — Pequena canôa.
- PERYANTAN — Ilha fluctuante de capins e galhos.
- PIRARUCÚ — (Sudis gigas) Grande peixe dos rios, muito saboroso.
- PEIXE-BOI — (Manatus americanus) mamifero, pesando 100 a 300 kilos.
- PASHIUBA — (Iriartea exhorrisa) Palmeira muito empregada nas construcções de casas modestas.
- PANEIRO — Cesto pequeno de talas de cipós.
- PIRACUHÝ — Farinha feita com peixe.

- PIRACEMA — O mesmo que cardume. Emprega-se também para exprimir abundancia de qualquer cousa.
- PITIÚ — Mau cheiro. Existe também uma especie de chelonio (*Podocnemis dumeriliana*) com esse nome.
- PIXUNA — (Tupy-guarany) Preto.
- PIÚM — Insecto da familia dos Simulidae, hematophagos, terrivelmente incommodos.
- REBOLADA — Grupos de arvores da mesma familia no meio da floresta.
- REGATÃO — Commerciante ambulante, que vive pelos rios em grandes canôas.
- RIFLE — Carabina Winchester.
- TAPERY ou TAPIRY — Simples cobertura de palha para repouso passageiro.
- TIPITY — Grande tubo flexivel feito de palha para espremer varias cousas e extrahir a parte liquida.
- TUCHÁUA — Chefe de uma tribu indigena.
- VIRAÇÃO — Processo da pega das tartarugas virando-as nas praias.

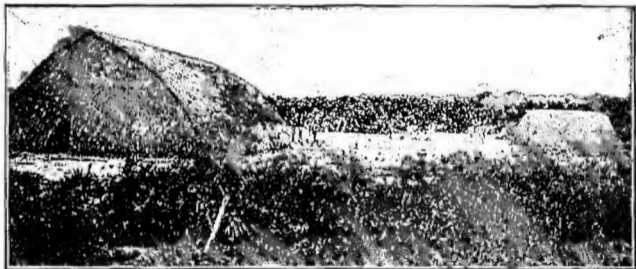
★ Este livro foi composto e impresso nas officinas da Empresa Graphica da "Revista dos Tribunaes", á Rua Xavier de Toledo, 72, São Paulo — Brazil, para a Companhia Editora Nacional, Rua dos Gusmões, 118, em junho de 1937.



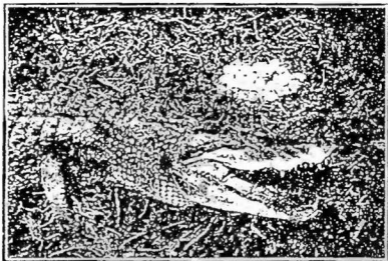
Campes gerais do Rio Branco.



Porto de embarque do gado do Rio Branco, em Caracoralhy.



Maloca de indios Uapixanas no Rio Branco.



O Jacaré — ao lado o montículo de ovos da postura.



Índios Mura, do Tufana.

Ilustração de "Notas de viagem"



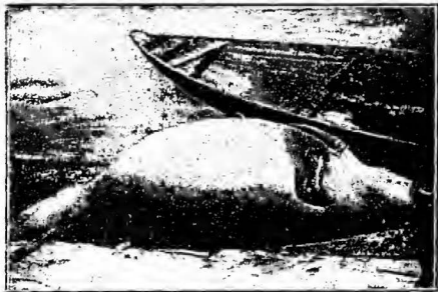
Guerreiros e mulheres Parintintins, com adornos e armas da sua tribo.

Para "Indios e Misalorios"



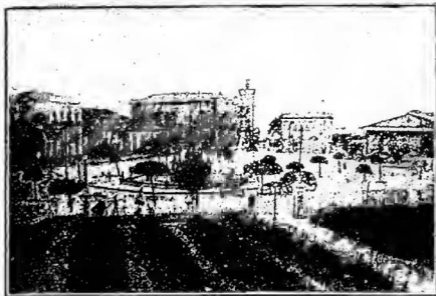
O pirarucú, depois de arpoado é embarcado na montaria.

A "Pesca"



Um filhote de Peixe-boi, depois de arpoado.

Ilustração de "A Pesca"

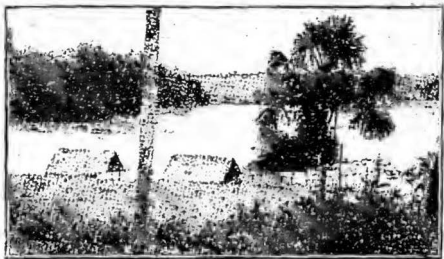


«Mauóos» — um aspecto do jardim da Praça da Matriz.



A Balata. Incisões por onde corre o latex.

Ilustração de "A Balata"



Um aspecto do alto Rio Branco.



A cheia amazonica. Trouqueiras e galhos descendo o rio.

Ilustração de "Cheia Amazonica"



Um aspecto do Rio Negro.



Barracas de seringueiros à margem do rio Acre.

Ilustração do "O seringueiro"

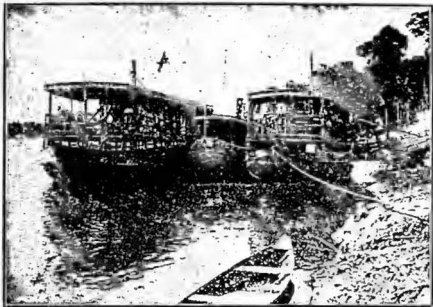


Indios Macuxys, do alto Rio Branco.



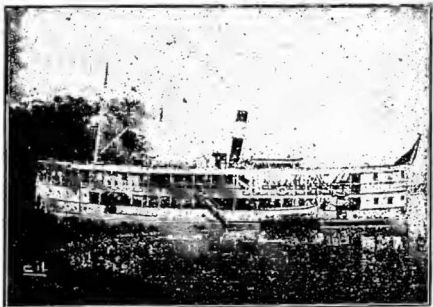
Typo de moço Parintintim.

Para "Indos e Missionarios"



Typo de embarcação para condução do gado, usada no Baixo Rio Branco.

Ilustração para "O Baixo Rio Branco".



Um dos tipos de esgaiolas, ancorada à margem do Amazonas.